

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ESTRATÉGICOS
INTERNACIONAIS**

LUCAS ARALDI

**NA BATALHA DE IDEIAS:
OBJETIVOS, MEIOS E AÇÕES DA ATLAS NETWORK NO BRASIL**

Porto Alegre

2021

LUCAS ARALDI

**NA BATALHA DE IDEIAS:
OBJETIVOS, MEIOS E AÇÕES DA ATLAS NETWORK NO BRASIL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Faculdade de Economia da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Munhoz Svartman

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Araldi, Lucas
Na batalha de ideias : objetivos, meios e ações da
Atlas Network no Brasil / Lucas Araldi. -- 2021.
181 f.
Orientador: Eduardo Munhoz Svartman.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos
Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Think tanks. 2. Atlas Network. 3. Intelectuais
orgânicos. 4. Hegemonia. I. Svartman, Eduardo Munhoz,
orient. II. Título.

LUCAS ARALDI

**NA BATALHA DE IDEIAS:
OBJETIVOS, MEIOS E AÇÕES DA ATLAS NETWORK NO BRASIL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Faculdade de Economia da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais.

Aprovada em: Porto Alegre, 23 de fevereiro de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Eduardo Munhoz Svartman - Orientador
UFRGS

Prof. Dra. Camila Feix Vidal
UFSC

Prof. Dr. Marcelo Milan
UFRGS

Dra. Tatiana Teixeira da Silva
INCT-INEU

À Andressa e aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

O processo de escrita é solitário, ainda mais em contexto de pandemia e isolamento social. Mesmo assim, pesquisa não se faz sozinho. Ela é sempre fruto da colaboração de uma série de pessoas e instituições, que de uma maneira ou outra contribuem para que o trabalho seja possível.

Assim, gostaria de agradecer à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais, que tornou essa pesquisa viável por meio de seu quadro de professores e funcionários. Aos professores com os quais pude conviver ao longo do mestrado. Ao meu orientador, professor Eduardo Munhoz Svartman, que prezou pelo rigor acadêmico e incentivou minha autonomia intelectual ao longo de todo o processo. Aos amigos que fiz nessa trajetória, sobretudo aos colegas de PPG, Éberson Polita e André Valente Maia, que compartilharam, mesmo que a distância, das alegrias e frustrações e contribuíram com opiniões e comentários.

Aos entrevistados Mano Ferreira, Gustavo Fernandes, Vladimir Maciel, Lucas Berlanza, Ariel Mehler e ao representante do SFL Brasil, que disponibilizaram seu tempo e atenção para responder minhas perguntas e dedicadamente contribuíram para a qualificação da pesquisa.

Também agradeço à professora aposentada da UCS, Marlene Branca Sólito, que sempre se mostrou solícita para revisar meus escritos e que desde o início da graduação é inspiração intelectual e incentivo para que eu continue meus estudos. Às professoras Tatiana Teixeira e Camila Feix Vidal e ao professor Marcelo Milan, que aceitaram o convite para compor minha banca.

Aos meus pais, que embora tenham dificuldade em entender minha pesquisa, sempre me incentivaram e deram todo o suporte necessário para continuar meus estudos. Por fim, agradeço à companheira, namorada e amor da minha vida, Andressa, que me apoiou e suportou em todos os sentidos durante esses dois anos de mestrado.

[...] como tudo, as palavras têm os seus quês, os seus comos e os seus porquês. Algumas, solenes, interpelam-nos com ar pomposo, dando-se importância, como se estivessem destinadas a grandes coisas, e, vai-se ver, não conseguiriam mover uma vela de moinho, outras, das comuns, das habituais, das de todos os dias, viriam a ter, afinal, consequências que ninguém se atreveria a prever, não tinham nascido para isso, e contudo abalaram o mundo.

José Saramago (2009)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar a atuação da organização estadunidense Atlas Network no Brasil em uma perspectiva neogramsciana, sobretudo a partir dos conceitos intelectual orgânico e hegemonia, buscando identificar objetivos, estratégia e conexões estabelecidas pela rede no País. Trabalha-se com a premissa de que a Atlas atua para aglutinar determinadas frações de elites, representadas nos think tanks, em nível nacional e transnacional, por meio de financiamento, formação e cooptação de think tanks, que atuam como aparelhos hegemônicos, por meio de intelectuais orgânicos. A pesquisa foi construída com base na análise documental de materiais diversos envolvendo a Atlas e think tanks, bem como por entrevistas com dirigentes desses institutos. Como resultado, foi possível identificar que a Atlas atua na formação de intelectuais orgânicos, na cooptação de think tanks, no financiamento de projetos desenvolvidos por esses atores e na aglutinação deles em sua rede neoliberal. Por meio dessa estratégia, a Atlas estabelece conexões com think tanks no Brasil e disputa a hegemonia ideológica, afirmando o neoliberalismo no âmbito do Estado e da sociedade civil. Neste contexto, foi possível observar que a aglutinação de frações de elites ocorre pela socialização de dirigentes de think tanks em eventos ou cursos regulares, de cunho transnacional, pelo intercâmbio de dirigentes e pela direção intelectual fornecida pela Atlas nestes espaços de socialização, buscando criar unidade em torno da batalha de ideias.

Palavras-chave: Think tanks. Atlas Network. Intelectuais orgânicos. Hegemonia

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze the operation of the Atlas Network, an American organization, in Brazil through a neo-Gramscian perspective mainly based on the organic intellectual and hegemony concepts. This is achieved by seeking to identify objectives, the strategy and the connections established by the network in Brazil. This work argues that Atlas acts to bring together certain fractions of elites, represented in the think tanks at the national and transnational level, through financing, training and co-optation of think tanks which act as a hegemonic apparatus, through organic intellectuals. The research was built based on documental analysis of various materials involving Atlas and think tanks as well as with interviews of these institutes' directors. As a result, it was possible to identify that Atlas acts to train organic intellectuals, as well as working in order to co-opt think tanks, on the financing these actors' developed projects and on their aggregation in its neoliberal network. Through this strategy, Atlas establishes connections with think tanks in Brazil and disputes the ideological hegemony by solidifying neoliberalism within the scope of the State and civil society. In this context, it was possible to observe that the agglutination of fractions of these elites occurs through the socialization of think tanks directors in regular events or studies – both of transnational nature – through their exchange and by the intellectual north provided by Atlas in socialization hubs which seek to create unity around the battle of ideas.

Keywords: Think tanks. Atlas Network. Organic Intellectuals. Hegemony

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Grade curricular da Atas Leadership Academy	61
Figura 2 - Estrutura da Atlas Leadership Academy	62
Figura 3 - Presidente do IEE recebe prêmio da Atlas, nos EUA	94
Figura 4 - Tom Palmer palestra na Conferência Atlantos, de 2017, em Porto Alegre	95
Figura 5 - Presidente do Instituto Atlantos recebe prêmio da Atlas, nos EUA.....	96
Figura 6 - Hélio Beltrão participa do Latin America Liberty Forum, de 2017	98
Figura 7 - Registro de vídeo de Chafuen na página do Programa de Pós-Graduação em Escola Austríaca.....	99
Figura 8 - O pesquisador do Centro Mackenzie, Ulisses Ruiz Gamboa, participa do Latin America Liberty Forum de 2018	100
Figura 9 - André Migliore Freo recebe prêmio da Atlas o pelo SFL Brasil em 2019, nos EUA	105
Figura 10 - Membro do SFL Brasil e aluno da Atlas Leadership Academy, Henrique Miranda, recebeu premiação da Atlas em 2018.....	106
Figura 11 - Ostermann e Kataguirí após evento da Atlas, em Nova York, EUA	107
Figura 12 - Instituto Liberal participou do Liberty Forum, em Miami, EUA, em 2016	110

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Total repassado pela Atlas dividido por regiões (2010-2018).....	51
Gráfico 2 - Repasses da Atlas para institutos na América do Sul	52
Gráfico 3 - Área e formação de formadores de opinião de cursos de think tanks	72
Gráfico 4 - Área de formação de palestrantes de atividades de think tanks.....	73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Atividades dos think tanks vinculados à Atlas no Brasil	59
Quadro 2 - Cursos da Atlas Network	67
Quadro 3 - Cursos de think tanks vinculados à Atlas Network no Brasil	73
Quadro 4 - Programas e premiações da Atlas Network	81
Quadro 5 - Projetos de cooptação de think tanks vinculados à Atlas Network.....	90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Atlas	Atlas Network
Centro Mackenzie	Centro Mackenzie de Liberdade Econômica
EUA	Estados Unidos da América
EPL	Estudantes Pela Liberdade
FED	Federal Reserve Department
FIL	Fundação Internacional pela Liberdade
Hacer	Centro Hispano-Americano de Pesquisa Econômica
IEA	Institute of Economic Affairs
IEE	Instituto de Estudos Empresariais
IFL-BH	Instituto de Formação de Líderes de Belo Horizonte
IFL-SC	Instituto de Formação de Líderes de Santa Catarina
IFL-SP	Instituto de Formação de Líderes de São Paulo
ILA	Instituto Líderes do Amanhã
IMB	Instituto Ludwig Von Mises Brasil
LSE	London School of Economics
MBL	Movimento Brasil Livre
PT	Partido dos Trabalhadores
PSL	Partido Social Liberal
SMP	Sociedade Mont Pèlerin
Relial	Red Liberal para America Latina
SFL Brasil	Students for Liberty Brasil
UCS	Universidade de Caxias do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	CONTEXTO, TEORIA E METODOLOGIA	21
2.1	CONTEXTO DE CRIAÇÃO DA ATLAS NETWORK	21
2.2	REVISÃO DE LITERATURA: O DEBATE SOBRE THINK TANKS.....	25
2.3	A ABORDAGEM NEOGRAMSCIANA	32
2.3.1	O sentido gramsciano de hegemonia e intelectual orgânico	33
2.3.2	O paradigma neogramsciano para o estudo de think tanks	38
2.3.3	Estratégia metodológica	41
3	FORMAÇÃO DE INTELLECTUAIS ORGÂNICOS E ASSESSORAMENTO DE THINK TANKS.....	45
3.1	UM PANORAMA DA ATLAS NETWORK	45
3.2	CRIAÇÃO E ASSESSORAMENTO DE THINK TANKS NA ATLAS NETWORK	60
3.3	PROGRAMAS DE FORMAÇÃO EM THINK TANKS NO BRASIL	68
3.4	ATIVIDADES DE FORMAÇÃO SOB UMA ÓTICA NEOGRAMSCIANA.....	74
4	COOPTAÇÃO DE THINK TANKS E REPRODUÇÃO DE IDEIAS	76
4.1	COMPETIÇÃO, FINANCIAMENTO E DIREÇÃO INTELLECTUAL	76
4.2	REPRODUÇÃO DE IDEIAS E <i>ADVOCACY</i> DO NEOLIBERALISMO	82
4.3	ATIVIDADES DE COOPTAÇÃO SOB UMA ÓTICA NEOGRAMSCIANA.....	91
5	CONEXÕES TRANSNACIONAIS E DISPUTAS PELA HEGEMONIA: A RELAÇÃO ENTRE A ATLAS E THINK TANKS NO BRASIL	93
5.1	A AÇÃO DA ATLAS NO BRASIL E SUA RELAÇÃO COM THINK TANKS	93
5.2	AGLUTINAÇÃO DE ELITES E DISPUTAS PELA HEGEMONIA SOB UMA ÓTICA NEOGRAMSCIANA	114
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
	REFERÊNCIAS	120

APÊNDICE A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	139
APÊNDICE B – ENTREVISTAS.....	140
ANEXO A – DOAÇÕES PARA A ATLAS (2013-2018)	167
ANEXO B – FORMADORES DE OPINIÃO QUE ATUAM/ ATUARAM EM CURSOS DE THINK TANKS DA ATLAS NO BRASIL.....	175
ANEXO C – PALESTRANTES DE EVENTOS PROMOVIDOS POR THINK TANKS DA REDE NO BRASIL.....	177

1 INTRODUÇÃO

As manifestações de julho de 2013, que começaram pela demanda por transporte público gratuito em Porto Alegre, ocuparam as ruas das principais capitais brasileiras e foram assumindo colorações distintas ao longo de 2014 e 2015. O que inicialmente se alastrou pelo País como protestos pelo passe livre, se transformou em um movimento contra a Copa do Mundo em 2014 e pelo *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff em 2015. Essa mudança é caracterizada como um deslocamento discursivo, de orientação ideológica e de agenda para uma direção conservadora, na medida em que os manifestantes tenderam cada vez mais a se identificar com posições políticas de centro e de direita (PINTO, 2017).

Um dos muitos atores que conquistou relevância ao longo da trajetória de protestos contra a Copa do Mundo e pelo *impeachment* de Rousseff foi o Movimento Brasil Livre (MBL), que procurou moldar a opinião pública e exacerbar o sentimento antipetista presente no imaginário político brasileiro, junto com veículos de comunicação estabelecidos, partidos políticos e outros grupos de pressão. Desde o *impeachment*, o MBL também tem atuado como ator suprapartidário de direita e eleito vereadores, prefeitos, senadores e deputados oriundos de seus quadros¹. Também tem advogado pela adoção da agenda econômica liberalizante e pela defesa da agenda conservadora nos costumes.

Ao pesquisar o antipetismo no MBL para trabalho anterior, desenvolvido na Universidade de Caxias do Sul (UCS), foi possível identificar que o Movimento, criado por Juliano Torres, Fábio Ostermann e Felipe França, inicialmente se constituiu como braço do Estudantes Pela Liberdade (EPL) Brasil, organização filiada à Atlas Network e que recebia financiamento de grupos de direita estadunidenses. Esse foi o primeiro contato com a Atlas Network ou Atlas Economic Research Foundation, que de agora em diante será tratada somente como Atlas, objeto desta dissertação.

A definição então utilizada se baseou em reportagem publicada pela Agência Pública de Jornalismo Investigativo, em 2015, em que a Atlas foi descrita como “meta think tank’ especializado em fomentar a criação de organizações ‘liberaristas’

¹ Nas eleições de 2016, foram eleitos oito vereadores e, nas eleições de 2018, cinco deputados e dois senadores (MBL..., 2016; ANTISSISTEMA..., 2018).

no mundo, com recursos obtidos com fundações parceiras nos Estados Unidos ou canalizados dos think tanks empresariais locais” (AMARAL, 2015, s/p). Nesta linha, compreende-se think tanks como “organizações que operam na construção, reprodução e circulação de ideias vocacionadas a modelar o debate público e a influenciar a formulação de políticas públicas” (SVARTMAN; WIETCHIKOSKI, 2020, p. 9).

Mesmo que a Atlas tenha despertado atenção ao longo da pesquisa sobre o antipetismo no MBL, o escopo da monografia — focada em analisar as mensagens veiculadas pelo Movimento e no âmbito dos estudos de Jornalismo — não contemplou uma análise sobre a organização estadunidense. Assim, a presente pesquisa é resultado do esforço para abordar a atuação da Atlas no Brasil de forma abrangente e multifacetada. Considera-se que o EPL Brasil e, conseqüentemente, o MBL, é apenas um dos atores vinculados à organização no País. Por isso, se torna importante frisar que este estudo não enseja ser mera continuação da pesquisa monográfica, mas tentativa de construir a Atlas como objeto de estudo que atua no Brasil a partir de uma diversidade de estratégias e com objetivos políticos definidos.

Estudos sobre a Atlas no Brasil ainda são incipientes. A maioria das pesquisas aborda a organização indiretamente, estabelecendo relação de institutos individuais com a promoção do neoliberalismo ou “ultraliberalismo” no País e/ou na América Latina. A abordagem é visível nas publicações de Ito e Machado (2016), Baggio (2016) e Macedo (2018). A organização aparece associada, sobretudo, a dois contextos históricos: ao período de redemocratização, como instrumento de coesão pelo neoliberalismo (FRIDERICHS, 2016); e ao *impeachment* de Rousseff, como uma das organizações que fomentou grupos de protestos pelo *impeachment* (BARBOSA, 2016).

A Atlas também é citada na tese de Rocha (2018), que reconstrói a história da organização no contexto de difusão internacional do ideário pró-mercado por meio de think tanks. O foco da autora é investigar o surgimento de uma denominada “nova direita” no Brasil e identificar o que esse grupo apresenta de novo. Ela defende o argumento de que uma “nova direita” se formou em discussões de internet no auge dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), entre 2006 e 2010, e que esse grupo influenciou, posteriormente, a criação do Partido Novo, do Partido Social Liberal (PSL) e a construção da candidatura de Jair Bolsonaro à Presidência da República, em 2018. Nesse contexto, a Atlas é mencionada em entrevistas com Alex

Catharino e Márcia Xavier de Brito, então *fellows* da rede no Brasil. A organização é citada como financiadora dos institutos liberais, no fim da década de 90 e início da década de 2000, e na formação de militantes pró-mercado que atuam de forma descentralizada, a partir da metade da década de 2000.

Outra tese que aborda a Atlas no Brasil foi escrita por Faria (2017). A autora investiga o que denomina poder e papel dos laboratórios de ideias liberais para preservação da hegemonia burguesa e se propõe analisar especificamente a gênese do pensamento liberal em John Locke e a acepção contemporânea do conceito em Friedrich August von Hayek. A Atlas aparece nessa pesquisa no contexto da Sociedade Mont Pèlerin (SMP), como rede atuante no Brasil e em outros países latino-americanos, na promoção de ideias neoliberais e na batalha de ideias, enfatizando, sobretudo, as relações estabelecidas entre Atlas e outras redes de think tanks na América Latina.

Uma terceira pesquisa, envolvendo indiretamente o objeto deste estudo, foi escrita por Silveira (2013). A autora cita, em sua dissertação, a Atlas no contexto de criação e atuação do Instituto Millenium, bem como do Instituto Ordem Livre, ambos filiados à rede no Brasil. Também investiga relações do Instituto Millenium com o que denomina imprensa estabelecida, inserindo o debate no que define como “terceira onda de think tanks”. Por meio da participação em eventos promovidos pelos think tanks e de entrevistas, a autora cita a Atlas como rede que auxilia na promoção de eventos e que forma parcerias internacionais com institutos brasileiros.

Pesquisas de Vidal, Lopez e Brum (2020) e de Vidal e Brum (2020) também abordam a Atlas. Os autores trabalham com a compreensão de que a disseminação do modelo econômico neoliberal por parte da organização estadunidense reproduz e mantém a hegemonia dos EUA. Empiricamente, as pesquisas se sustentam em dados selecionados sobre os Fóruns da Liberdade de Porto Alegre, promovidos pelo Instituto de Estudos Empresariais, think tank que faz parte da Atlas no Brasil (VIDAL; LOPEZ; BRUM, 2020) e em fontes secundárias sobre papel e objetivos da Atlas na América Latina (VIDAL; BRUM, 2020).

Um artigo que também pode ser mencionado foi escrito pelo autor desta dissertação e Svartman, que analisa o quadro diretivo e o posicionamento político de dois think tanks que fazem parte da Atlas no Brasil: Instituto Millenium e Instituto Ludwig Von Mises Brasil. A pesquisa tem por objetivo levantar considerações sobre como esses think tanks criam um ambiente político propício à liberalização

econômica (ARALDI; SVARTMAN, 2019). O processo de pesquisa e escrita do artigo teve um papel importante para esta dissertação, na medida em que por meio dele foi possível se aproximar do objeto de estudo e contextualizar o debate.

Considerando o breve panorama de pesquisas sobre a Atlas no Brasil, parece importante desenvolver um estudo focado na atuação da organização, na medida em que não foram encontradas pesquisas que buscassem abordar a Atlas como objeto de estudo e nem que fornecessem um quadro geral da atuação da rede estadunidense no País. Além disso, o vínculo da organização com movimentos de protesto pelo *impeachment* de Rousseff e seu histórico de relações com institutos no Brasil, como demonstrado nas pesquisas já desenvolvidas em âmbito nacional, parecem deixar em aberto uma questão: quais objetivos orientam as ações internacionais da Atlas?

Mais especificamente, as perguntas que orientam esta pesquisa são: como e por que a Atlas atua pela promoção da agenda neoliberal no Brasil? A premissa se baseia no paradigma neogramsciano, explorado por meio dos conceitos intelectual orgânico, hegemonia, sociedade civil e Estado. Neste sentido, buscou-se demonstrar que a Atlas atua no Brasil para aglutinar determinadas frações de elites, representadas em think tanks, em nível nacional e transnacional, por meio de financiamento, formação e cooptação de think tanks, que atuam como aparelhos hegemônicos, por meio de intelectuais orgânicos. Assim, defende-se a hipótese que a Atlas disputa a hegemonia ideológica, afirmando o neoliberalismo no campo do Estado e da sociedade civil no Brasil. Essa disputa ocorre a partir da tentativa de moldar a opinião pública e de fortalecer sua presença entre tomadores de decisão, tendo em vista transformar ideias em políticas de Estado.

Os raros estudos sobre a Atlas no Brasil frequentemente caracterizam a organização como “libertária” ou “ultraliberal”. Também é frequente a associação com o termo “liberalismo”² e suas desambiguações. A natureza descentralizada da Atlas possibilita essa diversidade conceitual para se referir às ideias defendidas no âmbito da organização, dado que think tanks a ela filiados nem sempre compartilham da mesma orientação ideológica, embora aparentemente estejam em

² Uma das dificuldades encontradas nesta pesquisa foi que intelectuais orgânicos que gravitam na *Atlas* não se compreendem como neoliberais. Assim, no âmbito da *Atlas*, é bastante comum a associação de ideias neoliberais com o liberalismo. Portanto, ao longo do texto, quando são utilizados os termos “liberal” e “liberalismo”, está se referindo à forma como a *Atlas* ou o movimento neoliberal como um todo compreendem a si mesmos, e não à doutrina clássica do pensamento, que remonta o século XIX.

espectros próximos. Assim, nesta pesquisa, optou-se por classificar a Atlas como organização neoliberal, por entender o termo como mais abrangente e genérico para referir o conjunto de ideias defendidas em seu âmbito.

A mesma classificação é utilizada por Mitchell (2009), Fischer e Plehwe (2013, 2019), e Djelic (2014). Nesse sentido, compreende-se neoliberalismo como campo de estudo formado por um “grupo organizado de indivíduos que compartilha ideias dentro de uma estrutura intelectual comum” e que, embora apresente divergências, se caracteriza por “traços gerais de pensamento para a prescrição de uma ordem mundial” (SLOBODIAN, 2018, p. 4). Assim, neoliberalismo não pode ser reduzido a um único conceito, na medida em que transita entre doutrinas mais pragmáticas até outras mais radicais (PLEHWE; WALPEN; NEUNHOFFER, 2006).

O presente estudo se insere na agenda de pesquisa sobre a influência dos think tanks na elaboração de políticas. Conforme descrito por Rocha (2018), a Atlas surge com o objetivo de “abarrotar o mundo” com think tanks que defendam o livre-mercado. Assim, think tanks são os principais alvos da organização, porque são vetores de promoção de ideias, o que os coloca como elemento central para esta pesquisa. Além disso, por meio de think tanks, a Atlas desempenha papel estratégico para a promoção do neoliberalismo, tanto nos EUA como nos outros 94 países em que atua, na medida em que esses institutos buscam moldar a opinião pública segundo interesses da organização estadunidense, o que acarreta em implicações de diferentes ordens nos locais em que a rede tem mais presença. Dessa forma, é apresentada uma revisão de literatura sobre esses institutos buscando inseri-los no paradigma neogramsciano, que orienta a construção da hipótese deste estudo.

Os dados para a pesquisa foram levantados nos *sítes* de institutos vinculados à Atlas no Brasil, bem como no *site* da organização estadunidense. Informações referentes a think tanks brasileiros, publicadas no *site* da Atlas, como matérias e páginas institucionais, também foram base para a pesquisa. O levantamento de informações sobre repasses da Atlas para think tanks foi feito por meio dos *Form 990*, documento público que a organização divulga anualmente por questões de legislação dos EUA. Também foram entrevistados dirigentes de think tanks brasileiros vinculados à Atlas.

Assim, foi construída uma estratégia metodológica que respondeu às perguntas que guiam este estudo e que, ao mesmo tempo, deu conta da atuação

abrangente e multifacetada da Atlas no Brasil. Para isso, foi adotada uma combinação de análise documental, de informações disponíveis na internet e de fontes públicas, com entrevista qualitativa semi-estruturada, com dirigentes de think tanks e com indivíduos vinculados à Atlas no Brasil. A pesquisa está delimitada cronologicamente ao âmbito da “Maré Rosa” na América Latina e dos governos PT no Brasil, até as eleições de 2018. Compreende-se que a escolha reflete um período de maior ativismo da Atlas no Brasil, até 2014 (ROCHA, 2015), e que envolve o *impeachment* de Rousseff e a eleição de Bolsonaro, que podem significar mudanças na trajetória da organização no País.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos. No capítulo dois, apresentam-se:

- a) o contexto no qual esta pesquisa se insere;
- b) uma revisão de literatura sobre think tanks;
- c) os principais conceitos e paradigma que fundamentam esta pesquisa;
- d) e estratégia metodológica.

No contexto, são abordadas a história da Atlas e sua relação com o neoliberalismo. Na revisão de literatura sobre think tanks, é apresentado um panorama da literatura sobre esses institutos. Nessa etapa, busca-se aproximar o conceito de think tank e a hipótese deste estudo com o paradigma neogramsciano, a partir dos estudos de Desai (1994), Parmar (2004, 2012), Plehwe, Walpen, Neunhoffer (2006) e Pautz (2011). Por fim, é apresentada a estratégia metodológica deste estudo, que combina análise documental e entrevista qualitativa semi-estruturada.

No capítulo três, buscou-se demonstrar como a Atlas forma intelectuais orgânicos e think tanks, que atuam como aparelhos hegemônicos, para a promoção do neoliberalismo, e como think tanks no Brasil também atuam por meio de programas de formação para criar novos dirigentes. No capítulo quatro, buscou-se demonstrar como a Atlas coopta atores no Brasil e como think tanks atuam por meio de programas de cooptação com o mesmo objetivo. Ambos capítulos buscaram responder, sobretudo, como é a atuação da Atlas no Brasil. No capítulo cinco, buscou-se demonstrar as conexões estabelecidas entre Atlas e think tanks no Brasil. Para demonstrar a hipótese, trabalhou-se com análise documental de editais de programas, formulários financeiros e textos institucionais publicados no *site* da Atlas

e de think tanks filiados à rede no Brasil. Também foram entrevistados dirigentes de think tanks brasileiros filiados à Atlas.

2 CONTEXTO, TEORIA E METODOLOGIA

Antes de abordar os elementos teóricos que orientam esta pesquisa e, especificamente, a atuação da Atlas no Brasil, é necessário levantar alguns elementos históricos e contextuais que impulsionaram a transnacionalização da organização e que guiam profundamente suas atividades. Assim, o capítulo apresenta a seguinte estrutura: na primeira parte, busca-se contextualizar historicamente o debate a respeito da concepção e criação da Atlas; na segunda parte, é apresentada uma revisão de literatura sobre think tanks e, na terceira parte, busca-se relacionar o objeto deste estudo com o paradigma neogramsciano e apresentar os princípios metodológicos que orientaram esta pesquisa.

2.1 CONTEXTO DE CRIAÇÃO DA ATLAS NETWORK

A Atlas, fundada em 1981, se relaciona com a criação da SMP em 1947, e com o Institute of Economic Affairs (IEA), em 1955, think tank neoliberal que serviu de modelo para disseminação de institutos do mesmo tipo em todo o mundo. Em determinada medida, a organização também remonta à história do pensamento neoliberal, dado que sua institucionalização responde à necessidade de difusão do neoliberalismo.

O marco inicial para a concepção da Atlas foi o artigo “Os Intelectuais e o Socialismo”, escrito pelo economista Friedrich August Von Hayek e publicado pela primeira vez em 1949. No artigo, Hayek (2018) argumenta que revendedores de ideias — ou *secondhand dealers* — exercem influência política moldando a opinião pública. O autor compreende que a adoção da agenda liberal seria resultado da combinação de um grupo de pensadores utópicos com uma ampla rede de revendedores de ideias, que deveriam depositar fé na doutrina e que seriam capazes de disseminar essas ideias para um público amplo (DJELIC, 2014; MITCHELL, 2009; PLEHWE; WALPEN, 2006). Os princípios que fundamentavam esse pensamento eram formulados no âmbito da SMP. O objetivo inicial dessa organização, fundada por iniciativa de Hayek, era reinstitucionalizar mecanismos de mercado a partir da revisão da teoria liberal. O grupo que idealizou a SMP entendia a estratégia de revendedores de ideias como caminho efetivo para contrapor

modelos que pudessem levar, na visão dos membros, ao controle total dos mecanismos de mercado, sejam eles de matriz keynesiana ou marxista-leninista.

Quem colocou em prática a idealização da SMP foi o veterano da Força Aérea Britânica na 2ª Guerra Mundial e fundador da Atlas, Antony Fisher. Após ler “O Caminho da Servidão”, de Hayek, Fisher teria encontrado Hayek, em 1946, para oferecer seu trabalho ao movimento neoliberal. Inicialmente, sua ideia era se dedicar à política, mas Hayek sugeriu que sua atuação poderia ser mais efetiva se convencesse intelectuais, professores e escritores por meio de argumentos em prol do neoliberalismo. Convencendo formadores de opinião, políticos acabariam por seguir as mesmas ideias. De acordo com Djelic (2014), tal narrativa seria espalhada nos anos seguintes, transformando-se no mito de criação do IEA.

Fisher recrutou um intelectual do Partido Conservador, Ralph Harris, para dirigir o think tank, e o economista Artur Sheldon para atuar como diretor editorial. A partir disso, o IEA se envolveu em um intenso ativismo intelectual, que consistia na divulgação de *papers* e panfletos no âmbito da Grã-Bretanha. O principal foco das publicações era a divulgação do trabalho de Hayek e de outros economistas que então compunham a SMP. Nos primeiros anos de atuação do IEA, as ideias tiveram pouca adesão da sociedade britânica (BLUNDELL, 2015; DJELIC, 2014).

Tendo conquistado espaço no meio intelectual britânico, já na década de 60, o IEA promovia eventos sociais, nos quais colaboradores do think tank produziam e discutiam artigos. Neste período, o rol de financiadores havia aumentado. O IEA já reunia uma densa rede de indivíduos ligados à academia, à mídia e a empresas, ajudando a concretizar a legitimidade do instituto. A influência do IEA na sociedade britânica se consolidou, de fato, na década de 70. A partir disso, Fisher começou a receber vários convites para formar e dirigir novos think tanks que reproduzissem o modelo do IEA, como o Fraser Institute, no Canadá, o Manhattan Institute e o Pacific Research Institute, nos EUA e o Adam Smith Institute, na Grã-Bretanha. Também participou ativamente na criação do Heritage Foundation e auxiliou na criação do CATO Institute, ambos nos EUA. As reuniões para formulação de ideias e para concepção de novos think tanks ocorriam na esfera da SMP (BLUNDELL, 2015; DJELIC, 2014).

Para Djelic (2014), na década de 70 começa a se consolidar a categoria de think tank neoliberal, dado o número de institutos que reproduziam o modelo do IEA espalhados pelos EUA e Reino Unido. Do outro lado, a literatura estadunidense

ressalta uma dinâmica própria de emergência desse tipo de think tank — classificado como conservador nos EUA —, induzida pela expansão do modelo do American Enterprise Institute (AEI) (RICH, 2004; MEDVETZ, 2012). Na medida em que a expansão baseada no modelo britânico também se espalhou pelos EUA e Canadá, inclusive culminando com a criação da Atlas Economic Research Foundation, é razoável apontar o caráter pioneiro e indutor de organizações e atores britânicos.

Os institutos funcionavam de maneira similar e se configuravam, em conjunto, como um “coletivo de pensamento” que era baseado na:

- a) conexão direta com a SMP, de forma que membros de think tanks eram frequentemente expostos àquela ortodoxia intelectual e se envolviam diretamente nas atividades da Sociedade e na
- b) base hayekana, que inicialmente funcionava como uma espécie de “referência venerada” para a produção intelectual dos institutos.

Conforme a rede foi se expandindo, o pensamento de outros membros influentes da SMP, além de Hayek, também se transformou em base de orientação intelectual de think tanks neoliberais. A ortodoxia e o monetarismo do economista Milton Friedman irradiaram influência sobre os institutos. São presentes, também, variantes modernas do liberalismo, como o libertarianismo de Ludwig Von Mises, o anarcocapitalismo de Murray Rothbard e a influência objetivista da filósofa Ayn Rand (DJELIC, 2014).

No contexto de expansão da rede neoliberal, a iniciativa para fundação da Atlas surgiu de uma carta de Hayek a Fisher, que sugeria levantamento de fundos para expandir o modelo do IEA para o restante do mundo. No período em questão, Fisher também era próximo de Friedman, que ajudou a formular o modelo de atuação da organização. Em 1981, Fisher conseguiu levantar os fundos necessários e estabeleceu a Atlas Foundation for Economic Research que, posteriormente, passaria a se chamar Atlas Economic Research Foundation. O orçamento inicial era de cerca de US\$ 150 mil, tendo como doadores Sarah Mellon Scaife Foundation³, Dorian Fisher — então esposa do fundador —, bem como filantropos anônimos dos EUA e do Canadá (DJELIC, 2014; MITCHELL, 2009).

³ De acordo com dados levantados por Djelic (2014), a fundação em questão doou 30% do orçamento inicial e continua sendo uma das principais doadoras na atualidade. Também é conhecida por doar grandes quantias de dinheiro diretamente para *think tanks* neoliberais, sem intermediação da *Atlas*.

Inicialmente, o objetivo da Atlas era coordenar as atividades e o financiamento corporativo da rede de think tanks, bem como ampliá-la para fora da Europa Ocidental e da América do Norte. Assim, o foco foi promover e facilitar a criação de novos think tanks, com recursos financeiros, e assessorar a gestão desses novos institutos, com o fornecimento de um corpo profissional. A organização também começou a promover *workshops* anuais que tinham por objetivo proliferar uma estrutura de pensamento comum entre os think tanks a ela integrados. Em 1985, havia pelo menos 25 think tanks espalhados pelo mundo e que estavam conectados de alguma forma à Atlas; em 1988, a rede concentrava 40 institutos em 20 países (FARIA, 2017; MITCHELL, 2009).

Dessa forma, nos anos iniciais de atuação, a Atlas desempenhou três funções principais: disseminação de think tanks neoliberais pelo mundo; ponte entre o núcleo de pensamento (SMP) e os revendedores de ideias (think tanks neoliberais); e “*meta think tank*”, que estruturava e unia a rede neoliberal. De acordo com Djelic (2014), a Atlas foi projetada para ser uma espécie de “financiadora de risco” ou “investidora anjo” para think tanks neoliberais em todo o mundo (p. 3). Já os think tanks neoliberais foram pensados como instrumentos para moldar a opinião pública e legitimar o pensamento neoliberal.

Atualmente, a rede continua focada em apoiar institutos e intelectuais que se dediquem a estudar a aplicação política de ideias condizentes com seu pensamento. Ela também apoia a disseminação de trabalhos de lideranças de think tanks e fornece apoio a indivíduos para que desenvolvam habilidades gerenciais e de liderança. Com a expansão da teia neoliberal, a Atlas se entrelaça a outras redes de mesmo perfil, sendo que no âmbito da América Latina há o Centro Hispano-Americano de Pesquisa Econômica (Hacer), a Red Liberal para America Latina (Relial), a Fundação Internacional pela Liberdade (FIL) e Latinoamérica Libre. É comum que think tanks e indivíduos que compõem a rede da Atlas também façam parte das demais redes (FARIA, 2017; MATO, 2007).

A partir da literatura sobre a história da Atlas, identificam-se dois períodos de atuação mais enfática da rede na América Latina. O primeiro⁴ é de transição entre as

⁴ No Brasil, esse período se caracterizou pelo processo de abertura política. Determinados setores das elites empresariais estavam inseguros com o futuro da economia e da política, dado que grupos antagônicos conquistavam mais espaço político. Assim, esses grupos se mobilizaram por meio de *think tanks*, como o Instituto Liberal, no Rio de Janeiro, e o Instituto de Estudos

décadas de 80 e 90, quando a rede incorporou think tanks criados pelas elites locais e fundou novos think tanks, tendo por objetivo garantir homogeneidade discursiva entre grupos latino-americanos que compartilhavam sua orientação. O segundo⁵ período pode ser observado a partir de 2010: think tanks fundados na década de 80 receberam mais recursos e conquistaram mais influência midiática e política, além de terem sido criados novos (ROCHA, 2015). O número de institutos associados à Atlas na região mais do que dobrou: em 2005, havia cerca de 35 think tanks e, atualmente, o *site* da Atlas aponta que 84 são ativos na defesa de ideias associadas ao livre mercado na América Latina. Neste sentido, think tanks cristalizaram a noção de revendedores de ideias de Hayek, na medida em que se tornaram instrumentos essenciais para divulgação dos princípios do neoliberalismo (DJELIC, 2014; PLEHWE; WALPEN, 2006).

2.2 REVISÃO DE LITERATURA: O DEBATE SOBRE THINK TANKS

Estudos sobre think tanks transitam por abordagens contextuais — divididas em países, regiões e/ou períodos históricos — e abordagens teóricas, que buscam analisar sua função, seu significado e seu impacto no processo de formulação de políticas. A produção acadêmica sobre o tema envolve desde diferentes aproximações teóricas, até diferentes formas de abordar o fenômeno, em contextos variáveis. Nesse sentido, enquanto alguns estudiosos adotam a definição mais tradicional de think tank, que responde parcialmente ao fenômeno em países de língua inglesa, outros buscam uma definição maleável, que dê conta da natureza dos think tanks em contexto mais amplo, compreendendo mais países e regiões.

Na visão anglo-americana, think tanks são comumente definidos como institutos que “produzem pesquisas e análises orientadas a questões políticas” e que atuam como “vozes independentes” traduzindo pesquisas aplicadas para uma linguagem acessível aos formuladores de políticas e ao público em geral (MCGANN, 2007, p. 11). Nessa perspectiva, eles se dividem institucionalmente a partir de suas

Empresariais, em Porto Alegre, ambos vinculados à *Atlas Network* atualmente (FRIDERICH, 2016).

⁵ No Brasil, esse período se caracterizou pela ruptura política com o *impeachment* de Dilma Rousseff, em 2016, e com a eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República, em 2018. Reportagens de Amaral (2015) e Fang (2017) apontam a participação de grupos de pressão, associados a *think tanks* filiados à *Atlas* no Brasil, na articulação e mobilização de protestos pelo *impeachment* de Rousseff, em 2015.

especializações, objetivos e relações estabelecidas com outros grupos sociais, bem como por diferentes orientações ideológicas e afiliações, e operam como “ponte” entre conhecimento e poder. Tal visão é criticável do ponto de vista conceitual, da posição que think tanks ocupam na sociedade e da noção de think tanks como atores independentes. Também há a compreensão de que o termo é muito abrangente, dado que qualquer instituto que empregue pesquisa e análise técnica ou científica sobre questões relacionadas à política pode ser definido como think tank. Assim, alguns autores trabalham com uma definição mais restrita: think tanks são organizações relativamente autônomas, engajadas na análise política e, independentes da influência de partidos, governos ou grupos de pressão (STONE, 2004).

Na mesma linha de busca por uma definição de think tank, Pautz (2011) utiliza-se de uma abordagem crítica para descrever esses institutos como organizações não-governamentais, que são intelectualmente, organizacionalmente e financeiramente autônomas de governos, e que são criadas principalmente para influenciar nas decisões políticas. Diferentemente do entendimento predominante de think tank como “ponte” entre conhecimento e poder, o autor compreende esses atores não como passivos intermediários, mas como detentores de discursos conceituais próprios, que disputam entre si todos os tipos de benefícios e o acesso ao governo.

Ainda na abordagem anglo-americana, Abelson (2018) pontua que o universo dos think tanks é composto por uma enorme gama de institutos, que variam em áreas de especialização, orientação ideológica e relações de dependência institucional. Enquanto alguns se apresentam como independentes, outros se apresentam como vinculados a universidades ou a governos. Na visão do autor, esses institutos compartilham algumas características comuns, sobretudo nos EUA e no Canadá, como a natureza de organização sem fins lucrativos e apartidária, envolvida no estudo de políticas públicas. Nesse contexto, o que diferencia think tanks de outras organizações da sociedade civil, que fazem parte do que Abelson (2018) denomina de comunidade de formuladores de política, é a ênfase que esses institutos colocam na pesquisa e na análise.

Para Medvetz (2012), a sensação de imprecisão conceitual é parte da natureza desses institutos, na medida em que a própria realidade social é imprecisa. Assim, o autor parte da compreensão de que um think tank precisa reunir capital

simbólico dos campos acadêmico, econômico, político e midiático, mantendo uma aparente relação de independência de qualquer um desses campos, para ser reconhecido como tal. Assim, esses institutos são mediadores da estrutura social, que circulam entre os campos. Na medida em que se tornam emaranhados em uma relação de competição por recursos, think tanks criam propriedades de campo próprias, que se sobrepõem às demais esferas.

A compreensão de think tank como um conceito marcado pela imprecisão e de ator que mantém uma aparente relação de independência sem se constituir como independente de fato, desenvolvida por Medvetz (2012), se contrapõe à visão anglo-americana tradicional. Nesta linha, adota-se a visão de Medvetz (2012), na medida em que compreende-se think tanks como atores emaranhados com os demais campos sociais e que atuam como mediadores, sem se constituírem como atores independentes.

A proliferação do fenômeno dos think tanks e os diferentes perfis, objetivos e orientações identificados no âmbito desses institutos, transformaram o conceito em objeto de problematização, na medida em que a noção anglo-americana é insuficiente para compreender o fenômeno em outras partes do mundo. Abelson (2006, 2018) afirma que a definição restrita pode não ser adequada. Stone (2004) descreve o termo como escorregadio e Medvetz (2012) como confuso, mutável e contencioso. De acordo com análise de Hauck (2017), os elementos mais recorrentes na definição anglo-americana são a autonomia com relação aos governos e o engajamento central em atividades de análise e pesquisa, o que torna a abordagem incompleta em uma perspectiva contemporânea.

Diferentes correntes de análise também fornecem diferentes compreensões do fenômeno. Stone (2004) observa duas abordagens predominantes no universo de estudos sobre think tanks: enquanto uma se volta para a forma organizacional e para a influência exercida por esses institutos, outra se foca em problemas mais amplos, envolvendo o papel das ideias e da *expertise* dos think tanks no processo de formulação de políticas. Pautz (2011) sugere análises que sejam voltadas mais para as funções que esses institutos desempenham e menos para suas formas organizacionais, como estabelecido nas perspectivas dominantes.

Outras abordagens também aparecem nas obras de Abelson (2006, 2018), Medvetz (2012) e Parmar (2004). Abelson (2006, 2018) constrói uma estrutura analítica que denomina de sistemática e compreensiva, a partir de elementos da

teoria das elites, pluralismo, estatismo e institucionalismo, buscando conceber uma perspectiva holística que dê conta da complexidade do universo dos think tanks nos EUA e no Canadá. Medvetz (2012) utiliza-se de uma abordagem bourdieusana para posicionar think tank a partir dos conceitos de espaço social, campo de poder e capital simbólico, tendo por objetivo construir uma estrutura de análise definitiva, mas que permaneça flexível a diferentes contextos institucionais nos quais os think tanks estão inseridos. Parmar (2004) aborda a influência de think tanks na política externa dos EUA e da Grã-Bretanha na 2ª Guerra Mundial por meio de cinco modelos do que denomina de poder estatal: pluralismo, corporativismo, marxismo instrumental, teoria gramsciana e estatismo, buscando responder como o poder funciona nesses países.

Plehwe, Walpen e Neunhoffer (2006) aceitam a noção de think tanks como institutos que ocupam posição importante no processo de mediação do conhecimento e da informação e que são atores interessantes para entender as conexões entre o setor corporativo e o terceiro setor. Do outro lado, consideram que a abordagem pluralista, predominante nos estudos sobre esses institutos, não é suficiente para analisar de que maneira think tanks, sobretudo os de categoria neoliberal, desempenham papel na luta ideológica de classes, travada tanto na sociedade civil como na sociedade transnacional. De acordo com os autores, a perspectiva pluralista também falha em explicar disparidades financeiras e de poder presentes no universo dos think tanks, dado que muitos institutos são financiados por governos ou corporações transnacionais, assim como por outras organizações de sociedade civil.

Também é possível encontrar na literatura sobre think tanks múltiplas compreensões a respeito da categoria think tanks neoliberais que, de forma geral, são complementares umas às outras. Djelic (2017) compreende que esses institutos compartilham um padrão institucional e uma forma organizacional específicos e objetivam defender e espalhar o neoliberalismo. Para Fischer e Plehwe (2017), esses institutos foram estratégicos para a ascensão do neoliberalismo e hoje atuam como complemento às instituições neoliberais convencionais, enquanto tentam influenciar a elaboração de políticas públicas em nível transnacional e local. Em adição a isso, Murray (2017) afirma que think tanks neoliberais atuam como organizadores de grupos de interesses e que são apenas um tipo de instituição dentre tantas que cotidianamente trabalham para aquilo que a autora denomina

“revolução neoliberal”. Por fim, Carroll (2013) aponta que esse tipo de instituto atua para expandir políticas centradas no mercado, disseminar ideias anti-socialistas e enfraquecer o Estado de Bem-Estar Social.

Observa-se que estudos sobre o tema geralmente se concentram em institutos de regiões ou países específicos e buscam características institucionais que sejam particulares de determinado contexto, na medida em que Murray (2017) trabalha com think tanks neoliberais australianos, Fischer e Plehwe (2017) comparam redes desses institutos na Europa e América Latina e muitos estudos também focalizam México, EUA e Canadá. Ao mesmo tempo, a maioria dos autores aqui abordados atenta para a natureza transnacional de think tanks neoliberais, que compartilham elementos comuns em qualquer lugar do mundo, formando, assim, um ambiente próprio.

Nesta linha de buscar características gerais, Fischer e Plehwe (2017) observam que é comum que think tanks neoliberais orientem suas práticas por meio de uma agenda supranacional, focada na promoção de políticas de austeridade econômica e no combate ao Estado de Bem-Estar Social ou Estado Desenvolvimentista. Também que tenham recursos próprios, mesmo que estejam financeiramente e institucionalmente conectados a organizações internacionais. A divisão do trabalho também é elemento que caracteriza esses institutos, na medida em que enquanto alguns se focam em *policy advice*, outros se voltam à pesquisa acadêmica ou provêm assessoria e formam estudantes e formuladores de políticas. Além disso, os autores dividem entre aqueles que disseminam a “doutrina pura”, baseando-se sobretudo no conjunto de ideias de Hayek e Mises, e aqueles menos “puristas”, engajados em reformas políticas e econômicas concretas.

No âmbito latino-americano, os primeiros think tanks neoliberais foram criados na década de 50 e visavam a construir uma infraestrutura intelectual independente das universidades e atores estatais, para combater paradigmas de desenvolvimento econômico que predominavam na região após a 2ª Guerra Mundial. Até a década de 70, esses institutos se constituíram pelo *networking* informal entre empresários, políticos e intelectuais. No contexto de reestruturação neoliberal na América Latina, durante as décadas de 80 e 90, com apoio da Atlas, think tanks neoliberais se profissionalizaram e se transformaram em atores políticos relevantes, na medida em que forneceram suporte político para as reformas empreendidas na região. A partir

dos anos 2000, esses institutos passaram a ter como inimigo comum os governos da chamada Maré Rosa (FISCHER; PLEHWE, 2017).

A Atlas é compreendida na literatura como a principal instituição responsável pela globalização do modelo de think tank neoliberal, na medida em que emprega uma arquitetura organizacional que ajuda a criar condições para que ideias sejam espalhadas, tenham influência e conquistem adesão na opinião pública (DJELIC; MOUSAVI, 2020). Também é apontada como uma das instituições responsáveis por desenvolver think tanks neoliberais latino-americanos, sendo a segunda maior rede que atua na região — a maior é a Hacer, com atuação menos enfática no Brasil —, funcionando como ponto central de transferência de recursos financeiros e humanos e de fluxo de ideias (MATO, 2007; PLEHWE; FISCHER, 2019).

O perfil institucional de institutos vinculados à organização estadunidense compreende um padrão: são think tanks que não se relacionam diretamente com a política partidária e se concentram na construção de influência, tendo como principais alvos a mídia e atores que influenciam a política, e não diretamente legisladores. Também são institutos que se mantêm distantes do financiamento político e governamental, tendo como principal foco o levantamento de recursos oriundos de fundos privados. Dada a relevância da Atlas para a difusão de think tanks neoliberais em todo o mundo, ela é apontada como a responsável pela “materialização da arquitetura transnacional do neoliberalismo” (DJELIC; MOUSAVI, 2020, p. 281, tradução nossa).

No Brasil, estudos sobre think tanks ainda são incipientes. Há pesquisas que focalizam a produção ideacional de think tanks de outros países — EUA, Reino Unido, França e Alemanha — sobre a inserção e atuação internacional do Brasil, colocando o debate na área da política internacional, da defesa e da segurança internacional, como pode ser observado nos estudos de Svartman (2016, 2018), Mattos (2016), Pivatto Junior (2017) e Wietchikoski (2018). A pesquisa de Teixeira (2007) é para compreender a influência de think tanks na política externa dos EUA. Também há pesquisas sobre aspectos ideológicos de think tanks brasileiros, que abordam principalmente o Instituto Millenium e os institutos liberais, como nos estudos de Silveira (2013), Alexandre (2017), Friderichs (2016) e Gros (2004, 2007). As conexões transnacionais estabelecidas no âmbito do Instituto Millenium ou dos institutos liberais são citadas somente de forma pontual nesses estudos. Think tanks neoliberais, também. Uma terceira corrente de pesquisa se volta para os aspectos

organizacionais e para o papel desses institutos no processo de elaboração de políticas públicas, como nos estudos de Hauck (2016), Secchi e Ito (2016) e Rigolin e Hayashi (2012).

Diante do debate acadêmico sobre a definição de think tank e as diferentes abordagens de análise, é necessário escolher um modelo teórico e analítico que auxilie na construção do objeto desta pesquisa. A natureza de rede da Atlas, de abrangência mundial, e a relação que ela estabelece com a SMP e com o pensamento neoliberal, são fatores que precisam ser levados em consideração nessa tarefa. Além disso, o perfil dos think tanks brasileiros vinculados à Atlas — que parecem mais ou menos seguir o modelo de think tank neoliberal abordado na teoria —, e a relação que esses institutos estabelecem entre si, são elementos preponderantes para a construção da orientação teórica desta pesquisa.

A partir da literatura levantada, pode-se apontar que a maioria das abordagens em estudos sobre think tanks está empírica e metodologicamente desenhada para a análise de institutos localizados na Europa e América do Norte. Os estudos de Abelson (2006, 2018), que se concentram nos EUA e Canadá, e de Parmar (2004, 2012), que analisa think tanks na Grã-Bretanha e EUA e fundações nos EUA, são exemplos da predominância dessa perspectiva analítica. Também observa-se que as abordagens predominantes trabalham conceitos que limitam a compreensão de think tank. Por exemplo, Abelson (2006) diferencia esse tipo de instituto de outras organizações não-governamentais pelo foco que think tanks têm na pesquisa. Contudo, muitos institutos se focam mais na reprodução do que na produção de ideias. Medvetz (2012) observa que think tanks transitam entre mídia, política e academia, o que também acaba tornando o conceito muito restrito para compreender diferentes tipos de think tanks e seus contextos e áreas de atuação variadas. Pautz (2011) mesmo partindo da perspectiva crítica, define think tanks como atores independentes das forças políticas, também limitando a definição.

Do outro lado, a abordagem que busca especificar o conceito de think tank neoliberal compreende o objeto desta pesquisa. As definições utilizadas por Djelic e Mousavi (2020) e Fischer e Plehwe (2017, 2019) parecem se aproximar do padrão institucional de think tank que compõe a Atlas no Brasil. Além disso, o trabalho empírico empreendido por Djelic e Mousavi (2020), baseado nos relatórios anuais divulgados no site da Atlas, e de Fischer e Plehwe (2017), que mapeia a integração entre redes de institutos neoliberais da Europa e América Latina, serviram de

inspiração para essa pesquisa. Assim, na medida em que o universo dos think tanks é amplo e diverso, a especificidade conceitual, de think tank neoliberal, parece ser elemento importante para compreender a atuação da Atlas no Brasil. Em termos teóricos, optou-se por adotar uma abordagem neogramsciana, sustentada sobretudo nos conceitos de intelectual orgânico e hegemonia, que também dialoga com o conceito de think tank neoliberal e que será abordada especificamente na próxima seção.

2.3 A ABORDAGEM NEOGRAMSCIANA

Este estudo se baseia na teoria crítica, mais especificamente no arcabouço teórico do filósofo italiano Antônio Gramsci e na aplicabilidade dos seus conceitos para compreender a formação e a socialização de intelectuais orgânicos, as redes transnacionais e as lutas pela hegemonia ideológica no âmbito dos think tanks filiados à Atlas no Brasil. A pesquisa é de natureza qualitativa, combinando análise documental e entrevista semi-estruturada, e está organizada em torno de categorias teóricas baseadas no paradigma neogramsciano.

O que se convencionou denominar paradigma neogramsciano é a releitura e aplicação de conceitos de Gramsci para a análise de fenômenos políticos contemporâneos, sobretudo no campo da Política Internacional e da Economia Política Internacional, mas com possibilidade de aplicação em outras áreas das Ciências Humanas. Os principais teóricos⁶ neogramscianos buscam analisar as particularidades da obra de Gramsci para construir formas dialéticas de explicação para a atual conjuntura mundial. Como ponto comum, eles defendem a aplicação do materialismo histórico para o estudo das relações sociais transnacionais e a adoção de uma compreensão dialética da realidade como uma totalidade dinâmica e como uma unidade de opostos, além de outros elementos de natureza teórica (RAMOS, 2005).

Especificamente no campo de estudos sobre think tanks, pesquisas baseadas no paradigma neogramsciano enfatizam o papel que esses institutos desempenham na “batalha das ideias” e a maneira como influenciam as mudanças intelectuais em circunstâncias históricas particulares. De maneira geral, observa-se que estudos

⁶ Ramos (2005) identifica nas obras de Robert W. Cox, Stephen R. Gill e Mark E. Rupert as principais correntes neogramscianas no estudo das Relações Internacionais.

dessa natureza garantem igual importância para o papel das ideias e das relações sociais de produção na articulação das forças sociais e colocam a sociedade civil e os intelectuais orgânicos como elementos centrais para a construção da hegemonia. As pesquisas de Desai (2006), Fischer e Plehwe (2013), Parmar (2004, 2012) e Pautz (2011) são alguns exemplos de aplicação do paradigma neogramsciano para a análise de think tanks. Contudo, antes de abordar especificamente think tanks a partir do paradigma neogramsciano, é importante mobilizar conceitos de Gramsci que orientam e que servem como categorias de análise nesta pesquisa.

2.3.1 O sentido gramsciano de hegemonia e intelectual orgânico

Hegemonia no sentido gramsciano, categoria de análise nesta pesquisa, é a capacidade de determinada classe ou fração de classe exercer domínio e direção sobre as demais classes. Gramsci (2002) escreve que a hegemonia de um grupo social se manifesta de duas formas: pelo domínio sobre outro grupo social, mesmo que por meio da força armada e visando a liquidar adversário; e pela direção intelectual e moral em relação aos grupos aliados. O autor compreende que a capacidade de um grupo social de exercer essa direção é uma das principais condições para a conquista do poder e que, após a conquista do poder, o grupo social pode se tornar dominante e *deve*, necessariamente, continuar a ser dirigente. Assim, aspecto importante a ser considerado sobre o conceito gramsciano de hegemonia é que um grupo social pode e deve iniciar a conquista da hegemonia por meio da sua capacidade diretiva, intelectual e moral antes de conquistar o poder, mas a hegemonia se totaliza somente quando este mesmo grupo social se torna governo.

Nesse sentido, a hegemonia se caracteriza pelo equilíbrio mais ou menos uniforme de força e consenso, sem que a força se sobreponha ao consenso e que esteja aparentemente legitimada no consenso. Do outro lado, quando a hegemonia se configura como oposição ao domínio, ou quando o grupo social hegemônico perde sua capacidade diretiva e resta nele somente a capacidade de domínio ou coercitiva, ocorre o que Gramsci (2019) denomina crise orgânica ou crise de hegemonia.

Se a classe dominante perde o consenso, ou seja, não é mais 'dirigente', mas unicamente 'dominante', detentora da pura força coercitiva, isto significa exatamente que as grandes massas se destacaram das ideologias tradicionais, não acreditam mais no que antes acreditavam, etc. A crise consiste justamente no fato de que o velho morre e o novo não pode nascer: neste interregno, verificam-se os fenômenos patológicos mais variados (GRAMSCI, 2019, p. 187).

No Dicionário Gramsciano, o conceito de hegemonia está descrito como constituinte de um espectro amplo de significados, que vai “da economia, até a literatura, da religião até a antropologia, da psicologia até a linguística” e que oscila entre um sentido amplo e compreensivo, de “direção mais domínio” e outro mais restrito, de “direção em oposição a domínio”. Hegemonia aparece composta na obra gramsciana como “hegemonia política” e “hegemonia cultural”, sem necessariamente constituírem sentido oposto, na medida em que outras variantes são “hegemonia político-cultural”, “hegemonia político-intelectual”, bem como “hegemonia intelectual, moral e política” (COSPITO, 2017, p. 365).

Já o fenômeno da crise orgânica evidencia a primazia do “nexo força-consenso” — termo utilizado por La Porta (2017, p. 163), no Dicionário Gramsciano — para o exercício da hegemonia. De um lado, se um grupo social hegemônico perde o consenso, ele passa a ser apenas dominante e, do outro, se um grupo social dominado conquista o consenso, ele ainda não tem autoridade para exercer sua capacidade dirigente e, conseqüentemente, a hegemonia. Nesse sentido, Gramsci (2019) estabelece que uma crise orgânica se forma quando “a classe dirigente fracassou em algum grande empreendimento político”, perdendo o consenso então estabelecido, e “amplas massas passaram da passividade política para certa atividade”, apresentando “reivindicações que em seu conjunto desorganizado, constituem uma revolução”, assim buscando a construção de um novo consenso (p. 61).

Para avançar na discussão do sentido gramsciano de hegemonia, é necessário explorar a visão de Estado segundo o autor. Gramsci (2019) compreende o Estado como soma de sociedade política e sociedade civil e como “hegemonia couraçada de coerção”. Sociedade política é o Estado estritamente entendido, na medida em que ela é “o conjunto de mecanismos através dos quais a classe dominante detém o monopólio legal da coerção” (COUTINHO, 2011 p. 25). Sociedade civil é compreendida como lugar da atividade política por excelência, na medida em que nela atuam “organizações assim denominadas privadas (sindicatos,

partidos, organizações de todo o tipo), que têm como objetivo a transformação do modo de pensar dos homens” (TEXIER, 2017, p. 733).

Na concepção gramsciana, ambos planos — sociedade política e sociedade civil — estão dialeticamente unidos no conceito de Estado Integral ou Estado Ampliado. Nesse sentido, “por Estado deve-se entender, além do aparelho de governo, também o aparelho ‘privado’ de hegemonia ou sociedade civil” (GRAMSCI, 2019, p. 258). Partindo dessa concepção, Gramsci (2019) entende Estado como conjunto de atividades “com que a classe dirigente não somente justifica e mantém seu domínio, mas consegue obter consenso ativo dos governados” (p. 330).

Para Coutinho (2011), sociedade política e sociedade civil servem para conservar ou promover determinada base econômica de acordo com interesses de uma classe social fundamental. Enquanto na sociedade civil as classes buscam exercer hegemonia por meio “da direção político-intelectual e do consenso”, na sociedade política predomina a dominação por meio da coerção, que pode ou não estar relacionada à força (COUTINHO, 2011, p. 25). O autor relaciona sociedade política com a burocracia militar e governamental, enquanto a sociedade civil é composta por organismos sociais relativamente autônomos. Em complemento, Liguori (2017) classifica a noção de Estado Integral como a principal contribuição de Gramsci à teoria do Estado e enfatiza que a separação entre sociedade política e sociedade civil é “puramente metódica”, na medida em que na vida histórica concreta ambos planos são uma mesma coisa.

Gramsci (2019) compreende a sociedade civil formada por aparelhos privados de hegemonia, como associações políticas e sindicais, que moldam a opinião pública. Esses aparelhos são instrumentos do Estado, entregues à iniciativa privada da classe dirigente, que tem função de educar pelo consenso. Para Coutinho (1999), esses espaços são organizações em que o indivíduo não é obrigado a fazer parte, como um partido político, um sindicato ou uma igreja. Na leitura de Bianchi (2008), essas organizações privadas têm função de “articular o consenso das grandes massas e sua adesão à orientação social impressa pelos grupos dominantes” (p. 179).

O intelectual orgânico no sentido gramsciano, outra categoria de análise nesta pesquisa, pode ser interpretado como elemento constituinte de determinado grupo social, que exerce função “conectiva” e “organizativa” no processo de formação da hegemonia (VOZA, 2017, p. 431). Gramsci (2001) compreende que

todo grupo social “cria para si mais de uma camada de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político” (p. 15). A compreensão do autor é de que o capitalista, por exemplo, cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política ou o organizador de uma nova cultura, assim formando condições favoráveis para a reprodução do seu grupo social.

Nesse sentido, aspecto importante é a forma como Gramsci (2001) aborda o intelectual como sujeito que tem suas ações determinadas pelos interesses materiais de determinado grupo social, e não como parte de um grupo autônomo e independente, distante do mundo real. Dessa maneira, ideias estão relacionadas às relações sociais de produção. Ao mesmo tempo, o entendimento de intelectual é amplo, porque Gramsci (2001) compreende que todos os indivíduos são intelectuais.

Quando se distingue entre intelectuais e não-intelectuais, faz-se referência, na realidade, tão-somente à imediata função social da categoria profissional dos intelectuais, isto é, leva-se em conta a direção sobre a qual incide o peso maior da atividade profissional específica, se na elaboração intelectual ou se no esforço muscular-nervoso. Isto significa que, se se pode falar de intelectuais, é impossível falar de não-intelectuais, porque não existem não-intelectuais. Mas a própria relação entre o esforço de elaboração intelectual-cerebral e o esforço muscular-nervoso não é sempre igual; por isso, existem graus diversos de atividade específica intelectual. Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*. (GRAMSCI, 2001, p. 52).

A partir dos escritos de Gramsci (2001), parece ser importante destacar a abrangência do conceito de intelectual e o que o autor trata como graus diversos de atividade específica intelectual. Essa gradação, que caracteriza a atividade intelectual, é trabalhada de forma mais pontual no texto de Bianchi (2008), que também contribui para diferenciar intelectual orgânico de intelectual tradicional e relacionar intelectuais com as lutas pela hegemonia.

Todos são intelectuais, mas só alguns exercem essa função na sociedade. A atividade intelectual é diferenciada em graus que podem adquirir uma dimensão qualitativa, abarcando em um extremo os criadores de diversas ciências e no outro os mais humildes administradores e divulgadores de um patrimônio cultural acumulado previamente. Do ponto de vista histórico, o que é importante destacar é a formação de categorias especializadas nas funções intelectuais, em conexão com os grupos sociais mais importantes. Estes grupos lutam pela assimilação e conquista ideológica dos intelectuais tradicionais, luta que é mais eficiente se o grupo dado possuir seus próprios intelectuais orgânicos. (BIANCHI, 2008, p. 77).

Assim, o intelectual orgânico no sentido gramsciano assume especial particularidade porque adquire significado em “uma peculiar função conectivo-

organizativa”, não sendo somente o “intelectual do consenso” (VOZA, 2018, p. 427). Outro elemento do conceito de intelectual na teoria gramsciana é que a função social dos intelectuais é mediada pelo conjunto de superestruturas dos quais esses mesmos intelectuais são funcionários. Gramsci (2001) caracteriza dois principais planos superestruturais que fazem esse filtro: a sociedade civil ou conjunto de organismos privados e o Estado, que por meio do governo exerce função de hegemonia.

Os intelectuais são os "prepostos" do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso "espontâneo" dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasce "historicamente" do prestígio (e, portanto, da confiança) que o grupo dominante obtém, por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção; 2) do aparato de coerção estatal que assegura "legalmente" a disciplina dos grupos que não "consentem", nem ativa nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade, na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais fracassa o consenso espontâneo. (GRAMSCI, 2001, p. 21).

Considerando que grupos sociais têm suas camadas de intelectuais, é importante salientar que eles atuam na disputa hegemônica para conquistar consenso de outros grupos sociais e orientá-los para seus próprios objetivos ou para objetivos dos grupos sociais nos quais estão inseridos. Assim, duas instituições assumem papel fundamental na elaboração e na socialização de intelectuais, bem como na inserção do intelectual em determinado grupo social: a escola e o partido⁷ (GRAMSCI, 2001).

A escola é o espaço de formulação de intelectuais em diversos níveis. O grau de complexização da escola, que se divide em níveis e especializações, também reflete o mundo cultural de determinada sociedade. Contudo, da mesma forma que foram construídas especializações que se justificam pelas necessidades sociais e de produção, outras especializações são justificadas somente pelas necessidades políticas de grupos sociais. Assim, toda atividade prática “tende a criar uma escola para seus próprios dirigentes e especialistas e, conseqüentemente, tende a criar um grupo de intelectuais especialistas de nível mais elevado, que ensinam nestas

⁷ Considerando a natureza da pesquisa, que não envolve diretamente partidos políticos, trabalha-se com a noção ampla de partido, que envolve desde organizações estruturadas da sociedade civil até jornais (MITAROTONDO, 2017). Assim, “ninguém é desorganizado e sem partido, desde que se entendam organização e partido em sentido amplo, e não formal”. Ainda neste sentido, partidos não são expressão passiva de classe, mas trabalham para desenvolvê-la e universalizá-la (GRAMSCI, 2019, p. 257).

escolas” (GRAMSCI, 2001, p. 32). O partido é o espaço no qual determinados grupos sociais preparam seus intelectuais orgânicos e também onde ocorre a fusão entre intelectuais orgânicos e intelectuais tradicionais. Esse encontro ocorre no âmbito da função fundamental — educativa e organizativa — desempenhada pelo partido, na medida em que objetiva transformar intelectuais formados em determinado grupo social em “intelectuais políticos qualificados, dirigentes, organizadores de todas as atividades e funções inerentes ao desenvolvimento orgânico de uma sociedade integral, civil e política” (GRAMSCI, 2001, p. 24).

A partir da apresentação dos conceitos gramscianos de hegemonia e intelectual orgânico, bem como de algumas noções relacionadas a tais conceitos, é possível aprofundar a compreensão do paradigma neogramsciano aplicado ao estudo de think tanks. Na próxima seção, será contextualizado como o paradigma neogramsciano se relaciona com o estudo de think tanks e se buscará aprofundar a compreensão das categorias teóricas que orientam este estudo.

2.3.2 O paradigma neogramsciano para o estudo de think tanks

A abordagem neogramsciana trabalha com a compreensão de think tanks como “aparatos ideológicos” que fazem parte da sociedade civil, que reproduzem o consenso de determinada ordem hegemônica (PAUTZ, 2011, p. 425). Think tanks são, também, parte da estrutura de poder das elites, que estabelecem vínculos transnacionais e/ou internacionais como forma de buscar a universalização das suas visões de mundo (PARMAR, 2004); e repositório de intelectuais orgânicos, que não foram criados para desenvolver novas ideias políticas, mas para reproduzir ideologias bem elaboradas (DESAI, 1994, 2006). A partir da leitura de Gramsci, acrescenta-se a essas noções a ideia de que think tanks são aparelhos privados de hegemonia, que atuam ora como escola ou ora como partido, no sentido amplo dos termos, na medida em que formam e socializam intelectuais orgânicos para as disputas pela hegemonia⁸.

Elementos comuns entre estudiosos que trabalham com essa perspectiva teórica são a relação que se estabelece entre think tanks e intelectuais e o equilíbrio

⁸ A pretensão não é a de construir uma definição que abranja todos os tipos de *think tanks*, visto que o universo desses institutos é amplo e plural. Contudo, considera-se que o conceito aqui trabalhado parece ser apropriado para se referir aos institutos que compõem a *Atlas*, conforme será demonstrado nos capítulos seguintes.

entre a importância das ideias e das relações sociais de produção na articulação de forças sociais. Nesse sentido, compreende-se que essa abordagem teórica é mais apropriada do que as outras porque fornece ferramentas conceituais que ajudam a interpretar, especificamente, o fenômeno de difusão de think tanks neoliberais a partir da ótica de disputas hegemônicas, enquanto a maioria das abordagens parece trabalhar com uma compreensão mais abrangente sobre tal fenômeno. Considerando que esta pesquisa se sustenta, sobretudo, nas categorias teóricas intelectual orgânico e hegemonia, se buscará abordar, a seguir, a forma como autores que trabalham com a perspectiva neogramsciana significam tais conceitos.

Desai (1994) estudou o papel dos think tanks neoliberais na construção e manutenção do projeto thatcherista na Grã-Bretanha, na década de 80. Nesse escopo, a autora compreende que intelectuais ligados aos think tanks thatcheristas desempenharam papel crucial na disseminação da ideologia hegemônica e forneceram homogeneidade e consciência da própria função aos grupos sociais dominantes. Também que esses intelectuais não compartilhavam a concepção de sociedade da maioria dos outros intelectuais, e formavam nos think tanks pró-Thatcher uma subsociedade que servia para preservar a coerência de seus pontos de vista. A autora não faz menção direta ao sentido orgânico de intelectual, contudo, reproduz a concepção gramsciana de importância da capacidade de um grupo social assimilar e conquistar ideologicamente intelectuais tradicionais no âmbito das disputas hegemônicas.

Essas disputas hegemônicas, bem como a construção de uma nova hegemonia, são noções centrais no artigo de Desai (1994). O movimento thatcherista é compreendido como movimento de luta pela hegemonia política na Grã-Bretanha em um período de crise hegemônica do Estado de Bem-Estar Social. A autora compreende que a crise hegemônica abriu terreno para que grupos que estavam à margem da tradição intelectual dominante se firmassem no debate público. Nesse sentido, think tanks pró-Thatcher e intelectuais ligados a esses institutos construíram uma nova hegemonia, restaurando as condições para o pacto de acumulação de capital. Assim, intelectuais assumem papel central na concepção de Desai (1994) sobre hegemonia, na medida em que atuam na construção do consentimento entre grupos sociais subalternos e grupos sociais dominantes.

Pautz (2011) se propõe a revisitar o fenômeno dos think tanks tendo por foco a função que esses institutos desempenham na sociedade a partir de conceitos

gramscianos. Neste sentido, o autor argumenta que think tanks estão historicamente associados à ascensão de grupos sociais específicos, que se formaram em decorrência dos avanços do capitalismo. O autor se refere aos formadores de opinião e analistas que compõem esses institutos como “parte da rede de intelectuais orgânicos do capitalismo”, que atuam como “persuasores permanentes” atendendo necessidades “técnicas, diretivas e organizacionais da sociedade civil” e que sustentam suas ações na capacidade de se legitimar discursivamente nas esferas “cultural, moral, ética e intelectual” (p. 426, tradução nossa). Nesse sentido, para o autor, o papel dos think tanks na manutenção ou conquista da hegemonia é de manter ou estabelecer o consenso entre grupos sociais.

Parmar (2004, 2012) desenvolveu estudos sobre a influência de think tanks na política externa estadunidense durante a 2ª Guerra Mundial e sobre o papel das fundações estadunidenses e do que denomina de redes de elites na construção da hegemonia dos EUA. No âmbito desses estudos, Parmar (2004, 2012) compreende intelectuais como parte da rede que sustenta a hegemonia dos EUA e como atores que constroem o consenso, por meio das atividades desenvolvidas no âmbito de think tanks e fundações, pela hegemonia, para além do âmbito estatal. Nesse sentido, think tanks e seus intelectuais são instrumentos da sociedade civil pelos quais o Estado projeta o consenso e constrói a hegemonia.

Outra noção neogramsciana para o estudo de think tanks é a de Plehwe, Walpen e Neunhoffer (2006), que relacionam esses institutos, assim como outras organizações da sociedade civil, com a construção da hegemonia neoliberal. Partindo da concepção de que hegemonia não se exerce somente pela força, mas pelo consenso, os autores compreendem que não é possível pensar em uma única hegemonia neoliberal, mas em “múltiplas constelações hegemônicas neoliberais que podem ser construídas nos níveis nacional, transnacional, regional e mundial” (PLEHWE; WALPEN; NEUNHOFFER, 2006, p. 3). Assim, o conceito de neoliberalismo envolve forças sociais com estratégias de organização, discursos e crenças distintas, que disputam hegemonia entre si e que se aglutinam a partir de suas similaridades.

Nessa linha, think tanks e redes neoliberais constituem parte de uma força intelectual sólida, que atua para manter “entrincheiradas” na sociedade política e na sociedade civil as várias formas de neoliberalismo, sendo capaz de desenvolver competências e estratégias de atuação próprias. Assim, o que Plehwe, Walpen e

Neunhoffer (2006) compreendem por “estratégia hegemônica do neoliberalismo radical” se constitui de redes de think tanks e de intelectuais orgânicos neoliberais, que buscam moldar a opinião pública para resguardar “a trajetória neoliberal” por meio de um processo contínuo de produção e disseminação de conhecimento (p. 45, tradução nossa).

A partir dos conceitos apresentados, o paradigma neogramsciano é o modelo teórico adequado para esta pesquisa, na medida em que a *Atlas* se caracteriza como uma organização não-estatal, que busca construir coesão entre determinadas frações de elites e integrá-las em uma rede para disputar hegemonia política. Somados a isso, os conceitos de intelectual orgânico e de think tanks como aparelhos hegemônicos ajudam a elucidar sua estratégia de formação e cooptação. Por fim, o conceito de hegemonia é útil para enfatizar os objetivos da Atlas no Brasil e elucidar como as disputas se desenvolvem no âmbito da sociedade civil e do Estado. Além disso, a vantagem desse paradigma em relação à abordagem pluralista é a possibilidade de construir uma interpretação crítica do conceito *de* think tank, na medida em que a abordagem pluralista se concentra principalmente no significado institucional desses institutos.

2.3.3 Estratégia metodológica

Este estudo foi construído com base em uma estratégia metodológica de análise documental e entrevista qualitativa semi-estruturada, baseada nas categorias teóricas intelectual orgânico e hegemonia. O *corpus* da pesquisa foi composto por entrevistas com seis dirigentes de think tanks brasileiros que têm vínculo com a Atlas. Também por documentos e textos institucionais selecionados no *site* da Atlas e think tanks no Brasil, como matérias, informações sobre programas, formulários financeiros e registros cadastrais. Assim, foram adotados dois eixos metodológicos: um que se baseia nas premissas de análise documental e, outro, nos fundamentos da entrevista qualitativa semi-estruturada.

A entrevista qualitativa semi-estruturada está posicionada entre um modelo de entrevista mais estruturado, como um *survey*, e um modelo mais livre, sem qualquer estrutura previamente definida. A vantagem do modelo qualitativo semi-estruturado é que ele permite mais flexibilidade do que um modelo estruturado, na medida em que o pesquisador pode direcionar suas perguntas, a partir de um roteiro inicial, com

base nas respostas do entrevistado. Em linhas gerais, o objetivo de uma entrevista qualitativa é “obter descrições do ‘mundo de vida’ do entrevistado, tendo por objetivo interpretar o significado dos fenômenos descritos” (BRINKMANN, 2014, p. 286, tradução nossa).

Assim, uma entrevista qualitativa semi-estruturada é conduzida para um propósito, como produzir conhecimento; objetiva, sobretudo, obter descrições do entrevistado ao invés de reflexões ou teorizações, de forma que as perguntas precisam estar direcionadas a esse objetivo; intenciona investigar “antes da ciência”, de forma que, por exemplo, “a raiva é compreendida como uma manifestação humana, e não como um fenômeno químico-biológico que ocorre no cérebro” (BRINKMANN, 2014, p. 287, tradução nossa) e envolve a forma como o entrevistador se relaciona com a interpretação das experiências e ações descritas pelo entrevistado. Dessa forma, entrevistas qualitativas semi-estruturadas são projetadas a partir do objetivo do pesquisador e seus resultados são baseados nas descrições fornecidas pelos entrevistados (BRINKMANN, 2014).

Os entrevistados foram selecionados a partir do vínculo que estabelecem com os think tanks ou com a Atlas. Para fazer essa seleção, entrou-se em contato com todos think tanks vinculados à Atlas no Brasil, por meio de canais institucionais disponibilizados em sites ou redes sociais, solicitando entrevista sobre a relação do instituto com a Atlas e enviando o formulário com as perguntas. Priorizou-se a realização de entrevistas por meio de vídeo conferência, mas com opção para o entrevistado responder por e-mail. Dos 15 contatos realizados com institutos, nove responderam à solicitação e seis entrevistas foram realizadas. As entrevistas foram direcionadas não com o objetivo de analisar a trajetória desses indivíduos na Atlas ou nos think tanks, mas de compreender de que forma a Atlas, como rede transnacional, atua no Brasil para aglutinar frações de elites e disputar a hegemonia ideológica do neoliberalismo na sociedade civil e no Estado, focando, assim, em aspectos operacionais e objetivos da rede e dos think tanks.

Em última instância, o resultado das entrevistas foi analisado partindo do prisma neogramsciano, tendo por foco as categorias teóricas intelectual orgânico e hegemonia. Nessa linha, selecionaram-se trechos considerados relevantes partindo dessa perspectiva teórica. Os trechos selecionados foram utilizados como citação direta ou indireta e distribuídos no trabalho segundo a temática. Assim, as

entrevistas estão distribuídas entre os capítulos 4 e 5, abordando as atividades de cooptação desenvolvidas pelos think tanks e a relação desses institutos com a Atlas.

A análise documental é concebida como um procedimento que se baseia na utilização “de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 5). Compreende-se como documento tudo que é “vestígio do passado” e “tudo o que serve de testemunho”, envolvendo desde textos escritos até outros tipos de registros. Especificamente, documento abrange todas as fontes primárias ou secundárias que são tratadas — não criadas — em um procedimento de pesquisa (CELLARD, 2008, p. 297). Nesta pesquisa, considera-se como documento todo o material levantado para a análise, exceto aquilo que foi coletado por meio de entrevista.

Foram analisados relatórios anuais, dados financeiros informados em Forms 990, textos institucionais, textos informativos e artigos da Atlas. Também foram analisados textos institucionais, textos informativos, comprovantes de Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) e listas de palestrantes e formadores de opinião que ofereceram cursos no âmbito de think tanks. O procedimento de análise documental se constitui por uma etapa de análise preliminar e, por outra, de análise propriamente dita. Na fase de análise preliminar, levam-se em consideração o contexto no qual o documento foi elaborado, o autor ou autores do documento, a natureza do texto, bem como seus conceitos-chave e sua lógica interna. Na fase de análise, a partir de uma abordagem indutiva e dedutiva, retorna-se à hipótese inicial da pesquisa, que pode ser modificada ou enriquecida a partir das pistas levantadas ao longo do procedimento de análise (CELLARD, 1997). A partir deste procedimento, buscou-se destacar elementos que ajudaram a evidenciar a forma como a Atlas atua no Brasil e seus objetivos.

Nos capítulos 3 e 4, buscou-se responder como a Atlas atua, respectivamente, por meio de seus programas de formação e cooptação. Cada capítulo foi dividido em três subtítulos: o primeiro voltado à Atlas, o segundo aos think tanks filiados à rede no Brasil e o terceiro concentrado em retomar alguns conceitos trabalhados neste capítulo à luz do material empírico. Foram empregadas análise documental, do material selecionado no site da Atlas e nos sites dos think tanks filiados à rede no Brasil, como textos institucionais, editais de programas de formação e cooptação, cursos e relatórios financeiros, e entrevistas com dirigentes de think tanks. No

capítulo 5, buscou-se responder por que a Atlas atua no Brasil. Isso foi feito por meio de entrevistas qualitativas semi-estruturadas com dirigentes de think tanks vinculados à Atlas e da análise documental de material publicado no site da *Atlas* e de think tanks no Brasil que auxiliem a estabelecer essa relação. O capítulo foi dividido em duas seções principais: a primeira focando os eventos promovidos ou apoiados pela Atlas e, a segunda, retomando alguns conceitos trabalhados no capítulo dois.

3 FORMAÇÃO DE INTELLECTUAIS ORGÂNICOS E ASSESSORAMENTO DE THINK TANKS

Neste capítulo, serão abordadas as principais formas de atuação da Atlas, concentrando-se sobretudo nas atividades de formação de intelectuais orgânicos e think tanks, para disputar a hegemonia ideológica, afirmando o neoliberalismo no Estado e sociedade civil. Enquanto na primeira parte do texto buscou-se concentrar a pesquisa em projetos e programas desenvolvidos no âmbito da Atlas, na segunda parte buscou-se concentrar nas atividades desempenhadas pelos think tanks filiados à rede no Brasil. Dessa forma, este capítulo busca responder a seguinte pergunta: como a Atlas atua no Brasil?

Antes de abordar especificamente a formação e a cooptação de intelectuais orgânicos e think tanks, faz-se necessário estabelecer alguns pressupostos gerais sobre a atuação da Atlas, buscando identificar como a organização se relaciona com think tanks, como projetos financiados são avaliados e quais objetivos e estratégias orientam a atuação da organização. Como elementos introdutórios, também buscou-se apresentar o panorama institucional da organização, resumo de investimentos da Atlas em atores sul-americanos⁹, bem como o mapeamento de think tanks vinculados à rede no Brasil.

3.1 UM PANORAMA DA ATLAS NETWORK

O vínculo entre think tanks e Atlas é construído por meio de parâmetros pré-estabelecidos, que respondem a objetivos e estratégia da organização estadunidense e podem ser ilustrados a partir da análise documental de páginas institucionais. A página *Our Story* descreve a visão, a missão, os princípios e a estratégia da rede (ATLAS NETWORK, 2020a¹⁰). A página *Become a Partner* descreve propósitos, exigências e benefícios de think tanks da rede (ATLAS

⁹ Na medida em que foram encontrados somente dados financeiros compilados por regiões do mundo, e não por países, não foi possível levantar números sobre o Brasil ou sobre *think tanks* no Brasil que tenham sido beneficiados com recursos oriundos da *Atlas*. Dessa forma, buscou-se aproximar o máximo possível do País a partir do levantamento de informações referentes à América do Sul.

¹⁰ É normal que não haja indicação direta do ano da publicação e nem de redatores envolvidos no processo de redação de páginas institucionais de *websites*. Dessa forma, para citar páginas institucionais, trabalhou-se o nome da instituição como autor e o *copyright* do *site* como ano de publicação. Nos casos em que havia indicação de ano de publicação no título ou na data da publicação, utilizou-se o ano indicado ao invés do *copyright*.

NETWORK, 2020b). A página *Outputs and Outcomes* descreve critérios da Atlas para avaliar projetos e conceder recursos financeiros e humanos aos seus membros (ATLAS NETWORK, 2020c).

Em *Our Story*, foi possível identificar que a Atlas tem por missão fortalecer uma rede de “organizações independentes”, que promovem a “liberdade individual”. Sua visão é de um mundo livre, próspero e pacífico, baseado nos princípios de direito à propriedade, governo limitado e mercados livres, garantidos pelo Estado de Direito. Sua estratégia de atuação se baseia em um modelo denominado “*Coach, Compete, Celebrate*”: essa combinação compreende a realização de cursos diversos, estímulo à competição por recursos entre think tanks e a criação de uma comunidade que compartilha valores e princípios, por meio de eventos e celebrações regulares. A Atlas aponta que, estrategicamente, volta sua atuação para o fortalecimento de atividades de membros da rede em suas comunidades locais. Ainda no mesmo texto, é descrito que a Atlas conecta mais do que 500 think tanks em aproximadamente 100 países, que realizam “um trabalho baseado em princípios” e que buscam “afetar a opinião pública em favor das ideias de uma sociedade livre” (ATLAS NETWORK, 2020a, tradução nossa).

Para se tornar “parceiro” da rede, conforme descrito em *Become a Partner*, o think tank precisa compartilhar da visão de mundo da Atlas, de governos limitados, propriedade privada, livre mercado e *rule of law*. Outros critérios são operar de forma independente — com uma base diversificada de apoio voluntário —, ter presença on-line regular e um orçamento que suporte pelo menos uma equipe de trabalho em tempo integral. A filiação é regra para que think tanks tenham acesso a treinamentos, bolsas e premiações e também para que seus cases sejam compartilhados com a comunidade internacional, composta por doadores, mídia e outros membros. Não há custo para think tanks se filiarem à organização, mas é exigido que o instituto candidato compartilhe e represente o que a Atlas denomina de princípios da liberdade (ATLAS NETWORK, 2020b).

A maioria dos projetos submetidos à Atlas por think tanks filiados é avaliada a partir de um modelo denominado *Outputs and Outcomes*. *Outputs* dizem respeito às atividades e produtos mais importantes para obter um resultado satisfatório, enquanto *outcomes* são os indicadores que evidenciam o resultado almejado. A organização cita como exemplo de *output* uma campanha *online* sobre determinado tema. Como exemplo de *outcome*, é mencionada uma variedade de indicadores de

resultados da campanha, como o impacto dela em uma política pública ou na mídia (ATLAS NETWORK, 2020c).

Dessa forma, a Atlas constrói vínculo com think tanks e intelectuais orgânicos a partir de uma série de critérios pré-estabelecidos — tanto em nível de filiação como de financiamento de projetos — que precisam ser cumpridos pelos think tanks. Para filiação, os principais critérios são que o instituto candidato compartilhe da mesma visão de mundo da Atlas e tenha estrutura para desempenhar suas atividades. Já a estratégia de atuação da rede é desenhada para socializar think tanks e intelectuais orgânicos e fazê-los competir por recursos ou cooperar em um ambiente comum, construindo sua própria comunidade transnacional.

A sede da Atlas está localizada em Arlington, Virginia, EUA. São 34 funcionários atuantes na organização, bem como um conselho consultivo e um conselho executivo formados, respectivamente, por 32 e 14 membros (ATLAS NETWORK, 2020d). Um breve currículo dos membros desses conselhos foi divulgado pelo blog de jornalismo investigativo Desmog (2019). É possível observar que a maioria dos conselheiros também faz parte de outros think tanks ou de organizações filantrópicas, enquanto alguns deles atuam no mercado financeiro. A Tabela 1 ilustra a receita da Atlas, de 2010 a 2019.

Tabela 1 - Média de Receita da Atlas (2010-2019)

Ano	Receita	Doações	% de doações
2019	\$15.576.962,00	\$15.319.236,00	98,35%
2018	\$15.967.745,00	\$15.770.317,00	98,76%
2017	\$10.814.958,00	\$10.679.835,00	98,75%
2016	\$15.338.132,00	\$14.059.158,00	91,66%
2015	\$11.339.775,00	\$10.650.685,00	93,92%
2014	\$9.514.845,00	\$8.572.100,00	90,09%
2013	\$11.757.344,00	\$10.830.107,00	92,11%
2012	\$8.773.998,00	\$8.194.519,00	93,40%
2011	\$9.156.485,00	\$8.757.893,00	95,65%
2010	\$6.204.820,00	\$5.711.941,00	92,06%
Média	\$11.444.506,40	\$10.854.579,10	94,85%

Fonte: Autor (2020)¹¹.

¹¹ A tabela foi elaborada a partir da análise dos seguintes relatórios fiscais: Hendershot, Burkhardt & Associates (2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017) e Rogers & Company (2018, 2019, 2020).

A análise da Tabela 1 demonstra que a receita média da Atlas, de 2010 a 2019, foi de aproximadamente US\$ 11,4 milhões, sendo 94,8% oriunda de doações. Também é possível observar que até 2014 a média da receita anual ficava abaixo de US\$ 10 milhões, enquanto, de 2015 a 2019, os valores arrecadados foram superiores a US\$ 11 milhões. Assim, houve um aumento da receita da organização neste período. De modo simultâneo, os relatórios de atividades anuais divulgados pela Atlas demonstram que durante este período houve diversificação de doadores e aumento no número de instituições filantrópicas que doam para a Atlas (ATLAS NETWORK, 2013, 2014a, 2015a, 2016, 2017a, 2018a, 2019a).

A partir da análise desses relatórios, foi possível mapear doadores no período 2013-2018, intervalo em que os dados foram publicados pela organização. Embora não seja divulgada a quantia específica que cada doador repassou, os doadores são classificados nos relatórios de acordo com o valor doado. Assim, aqueles que doam mais que US\$ 1 milhão são *Founder's Circle*¹², aqueles que doam US\$ 100 mil ou mais são *Freedom's Champion Circle*¹³ e aqueles que doam US\$ 25 mil ou mais são *Chairman's Circle*¹⁴ (ATLAS NETWORK, 2020e). Foram identificados 34 doadores que doaram US\$ 100 mil ou mais, 80 que doaram US\$ 25 mil ou mais e nenhum que doou mais do que US\$ 1 milhão. Em 2013 e 2014, a Atlas agradeceu especialmente aos seguintes doadores: Lilly Endowment, Smith Family Foundation, John Templeton Foundation e Religion Trust. Também constam na lista de doadores, no período analisado: Google, Charles Koch Foundation, Smith Family Foundation, além de filantropos individuais e outras instituições (ATLAS NETWORK, 2013, 2014a, 2015a, 2016, 2017a, 2018a, 2019a). A lista completa está disponível no Anexo A.

Em complemento a essas informações, um levantamento realizado pelo blog de jornalismo investigativo Desmog (2019), a partir da base de dados *Conservative Transparency*, combinado com informações disponibilizadas nos *Forms 990*, demonstra que os principais doadores da Atlas são John Templeton Foundation, Earhart Foundation, DonorsTrust e Sarah Scaife Foundation, que doaram, respectivamente, US\$ 9,6 milhões, US\$ 3,4 milhões, US\$ 3,03 milhões e US\$ 2,3

¹² Embora essa categoria esteja descrita na página Giving level and Benefits, no site da Atlas, não consta nenhum doador que faça parte do *Founder's Circle* entre os divulgados nos relatórios anuais.

¹³ Aparentemente, tal categoria foi adotada somente a partir de 2016. Antes disso, doadores *Freedom's Champion Circle* não constavam no relatório anual divulgado pela organização.

¹⁴ Além das categorias citadas no texto há outras que correspondem a doações menores e que não foram mapeadas nesta pesquisa.

milhões, entre 2001 e 2018. A soma de doações divulgada pelo Desmog (2019), no período 1987-2018, é de aproximadamente US\$ 29,6 milhões. Contudo, dado que a receita média anual da Atlas, de 2010 a 2019, é de aproximadamente US\$ 11 milhões por ano, é possível supor que os dados divulgados pelo *DeSmog* estão incompletos, servindo somente como referência secundária para identificar principais doadores.

Informações sobre a relação que a Atlas estabelece com grupos políticos nos EUA são escassas. De um lado, parece haver um alinhamento ideológico com o que é denominado movimentos conservadores orientados ao livre mercado, como o libertarianismo. Também que o principal objetivo dos think tanks que fazem parte da rede nos EUA é o avanço da liberalização econômica (BLUNDELL, 2015; POWELL; RYAN, 2017). Do outro, há algumas fontes que indicam laços entre a Atlas e a ala conservadora Partido Republicano, com a indústria do tabaco e com grupos políticos que se opõem ao discurso de aquecimento global. Vínculo parecido foi apontado durante a pandemia do Coronavírus, em 2020, dado que a Atlas foi associada com campanhas contra o isolamento social e o uso de máscaras.

Reportagens apontam que o vínculo que a organização estabelece com o Partido Republicano aparece por meio da consultora da área de economia de Donald Trump, Judy Shelton, que foi indicada pelo presidente dos EUA para presidir o *Federal Reserve Department (FED)*, mas que teve a nomeação barrada no Senado, em setembro de 2020 (POLITI, 2020). Shelton é pesquisadora-sênior da Atlas e foi diretora do projeto *Sound Money*, também da Atlas (PROPUBLICA, 2017). Outra reportagem indica que a administração Trump esteve repleta de ex-alunos de grupos vinculados à organização nos EUA e cita o vínculo entre o ex-presidente da Atlas, Alejandro Chafuen, e a secretária de Educação do governo Trump, Betsy DeVos.

Chafuen e DeVos trabalharam juntos na administração do Acton Institute, um think tank conservador localizado em Michigan, que também faz parte da rede (FANG, 2017). Na mesma linha, uma reportagem baseada em relatórios divulgados pelo *Tech Transparency Project*, demonstra que o Google financiou a Atlas, de 2012 a 2018, para garantir *lobby* entre os republicanos no Senado e na Câmara dos Deputados. De acordo com a reportagem, a companhia doou US\$ 25 mil e US\$ 99 mil anualmente, de 2012 a 2015, US\$ 1 milhão em 2016 e 2017 e US\$ 100 mil em 2018 (LEARY, 2020).

O vínculo da Atlas com a indústria do tabaco é demonstrado por meio de uma pesquisa desenvolvida por Smith, Thompson e Lee (2017), que analisam documentos de empresas de tabaco e de think tanks. De acordo com os autores, a relação se deu sobretudo na década de 90, quando a Atlas recebia doações desse setor em específico e repassava para think tanks da rede, nos EUA. Assim, a Atlas fazia parte da estratégia do setor para influenciar na elaboração de políticas de saúde pública. De acordo com reportagem de Glenza (2019), a Atlas ainda recebe doações da indústria do tabaco e atua para reduzir a taxaço sobre o produto nos EUA. Em complemento a isso, uma reportagem de Drugmand (2020) indica que o vínculo da Atlas com a indústria do petróleo é o que origina o discurso anti-científico com relação ao aquecimento global, contudo, as fontes que abordam essa relação parecem não aprofundar suficientemente o tema. Na Tabela 2 são apresentadas as despesas da Atlas, no período 2010-2018, acompanhadas da principal fonte de despesas e quanto isso representa percentualmente no total.

Tabela 2 - Média de despesa da Atlas (2010-2019)

Ano	Total de Despesas	Despesas com programas	% de despesas com programas
2019	\$14.231.857,00	\$12.339.047,00	86,70%
2018	\$12.289.447,00	\$10.222.143,00	83,18%
2017	\$12.584.960,00	\$10.734.481,00	85,30%
2016	\$13.578.128,00	\$11.951.172,00	88,02%
2015	\$11.098.132,00	\$9.597.039,00	86,47%
2014	\$10.283.691,00	\$9.098.881,00	88,48%
2013	\$8.627.157,00	\$7.502.614,00	86,97%
2012	\$8.153.489,00	\$7.216.914,00	88,51%
2011	\$8.167.015,00	\$7.357.041,00	90,08%
2010	\$7.701.798,00	\$6.759.529,00	87,77%
Média	\$10.671.567,40	\$9.277.886,10	86,94%

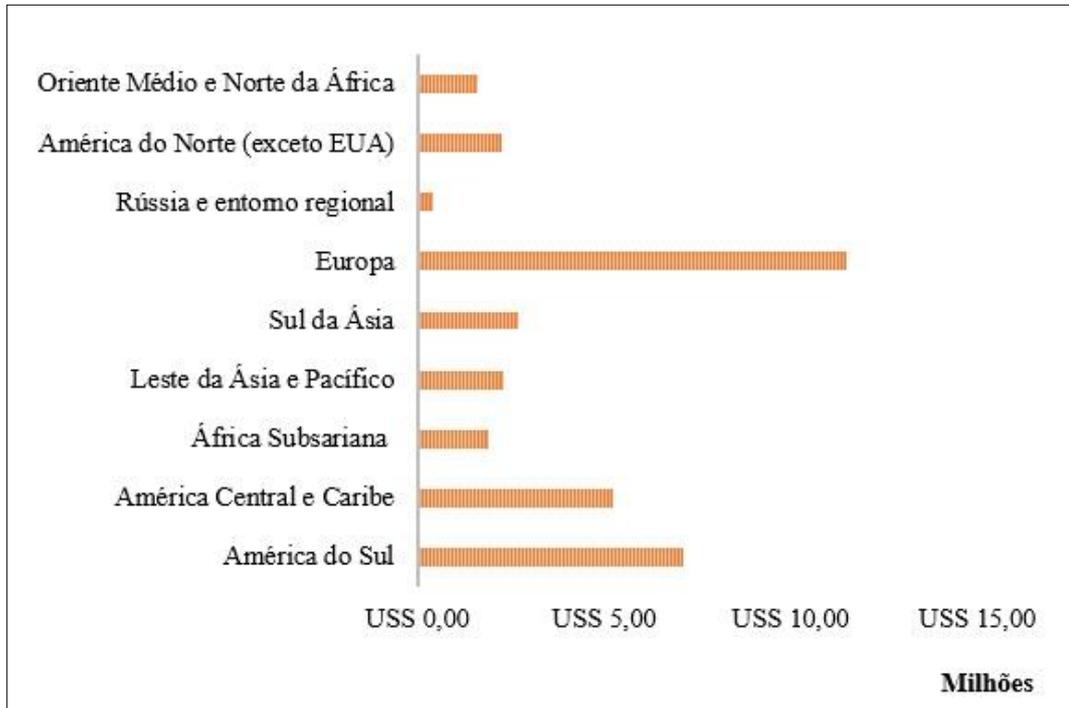
Fonte: Autor (2020)¹⁵.

A análise da Tabela 2 demonstra que a despesa média da Atlas, no período analisado, foi de aproximadamente US\$ 10,6 milhões, sendo que 89,9% do total foi direcionado para programas. Segundo os relatórios analisados, essas despesas incluem o pagamento de bolsas, projetos, conferências, viagens, salários, etc. Para conceder financiamento a projetos, a organização utiliza um modelo que determina a

¹⁵ O quadro foi elaborado a partir da análise dos seguintes relatórios fiscais: Hendershot, Burkhardt & Associates (2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017) e Rogers & Company (2018, 2019, 2020).

apresentação de objetivos e métricas a serem cumpridas, delimitando o formato dos projetos a serem financiados. No Gráfico 1, é apresentado o total de repasses da Atlas para diferentes regiões do mundo.

Gráfico 1 - Total repassado pela Atlas dividido por regiões (2010-2018)



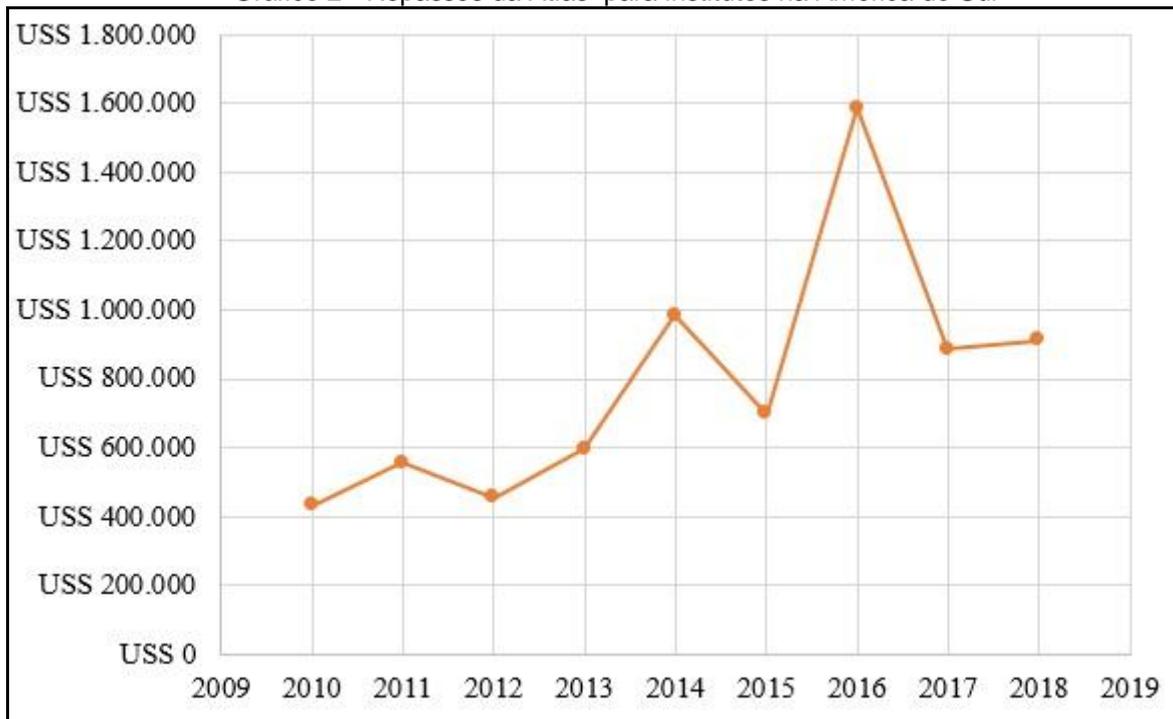
Fonte: Autor (2020)¹⁶.

A Atlas repassou um montante de aproximadamente US\$ 35 milhões para promoção de atividades de think tanks e financiamento de ações de institutos espalhados por quase todas as regiões do mundo, de 2010 até 2018. Conforme demonstrado na Figura 1, as regiões que concentraram maiores valores foram Europa e América do Sul, que receberam, respectivamente, aproximadamente US\$ 11,4 milhões e US\$ 7,2 milhões. Os dados foram extraídos dos *Forms 990*¹⁷, disponibilizados publicamente no site da Atlas por uma questão de legislação dos EUA. Praticamente todos os repasses estão especificados no documento como valores destinados para educação econômica. Para a América do Sul, o maior valor repassado foi em 2016, um montante pouco maior que US\$ 1,5 milhão. O segundo maior valor foi repassado em 2014, contabilizando naquele ano US\$ 984 mil.

¹⁶ Os gráficos foram elaborados com base nos *Forms 990*, divulgados no site da Atlas. Informações disponibilizadas em <https://www.atlasnetwork.org/about/annual-reports>.

¹⁷ *Form 990* é um formulário da Receita dos EUA para o retorno de recursos financeiros a organizações isentas de imposto de renda. Ele apresenta a relação de investimentos de instituições civis sem fins lucrativos, além de outros dados que caracterizam essas organizações.

Gráfico 2 - Repasses da Atlas para institutos na América do Sul



Fonte: Autor (2020)¹⁸.

O Gráfico 2 demonstra uma série crescente de repasses da Atlas para institutos e indivíduos na América do Sul, de 2010 a 2018. A exceção é 2015, ano em que o investimento da organização decaiu em relação a 2014. E 2016, ano em que o investimento ficou acima da média dos demais. Em linhas gerais, é possível constatar um aumento no valor repassado pela Atlas para institutos e indivíduos na América do Sul desde 2010. E também que o ápice de repasses neste período foi em 2016, ano em que, deduz-se, a atividade da Atlas foi mais intensa no Brasil. Observa-se que desde 2016 os repasses diminuíram e se mantiveram em constante baixa, girando em torno de US\$ 800 mil, metade do valor repassado em 2016.

A Atlas mobiliza no Brasil 15 think tanks¹⁹: Instituto Atlantos, Instituto de Estudos Empresariais (IEE), Instituto de Formação de Líderes de Belo Horizonte (IFL-BH), Instituto de Formação de Líderes de Santa Catarina (IFL-SC), Instituto de Formação de Líderes de São Paulo (IFL-SP), Instituto Liberal, Instituto Liberal de

¹⁸ Idem.

¹⁹ Nem todos os grupos que compõem a Atlas no Brasil se classificam como think tanks. Alguns sequer utilizam o termo para referirem a si mesmos. Do outro lado, documentos que estabelecem regras de filiação à Atlas e programas que ocorrem no âmbito da organização utilizam muito o termo think tank. Assim, como esta pesquisa é sobre a Atlas, optou-se por classificar todos os grupos que fazem parte da rede no Brasil a partir de tal conceito.

São Paulo, Instituto Liberdade, Instituto Líderes do Amanhã (ILA), Instituto Ludwig Von Mises Brasil (IMB), Instituto Millenium, Observatório do Empreendedor, Livres, Centro Mackenzie de Liberdade Econômica (Centro Mackenzie), e Students for Liberty Brasil (SFL Brasil). Tais institutos estão espalhados em praticamente todo território nacional, mas se concentram sobretudo nas regiões sudeste e sul. Eles apresentam perfis variados. Alguns estão mais voltados a influenciar a elaboração de políticas, enquanto outros à educação ou à difusão de ideias. Também é comum que tenham perfis híbridos, atuando tanto na formação de novos intelectuais orgânicos e dirigentes, como na disputa ideológica do neoliberalismo por meio da difusão de ideias para públicos específicos.

O IEE foi fundado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 1984, formado por uma comissão de 20 integrantes. No comprovante do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), a data de abertura registrada é janeiro de 1986. Segundo o mesmo documento, o Instituto desempenha a atividade econômica de associação de defesa de direitos sociais e de organizações associativas ligadas à cultura e à arte. Na ata de registro de fundação, consta que o empresário William Ling foi o primeiro presidente, escolhido por aclamação. O Instituto se apresenta como um centro de formação de lideranças, que se concentra na promoção de princípios de liberdade e responsabilidade individuais, Estado de Direito e propriedade privada. Os grupos Évora, Ipiranga e Merithu constam como principais investidores do IEE, além de uma série de apoiadores. O principal produto do IEE é o Fórum da Liberdade, que reúne empresários, intelectuais e políticos, e ocorre em Porto Alegre desde 1988.

O Instituto Liberal, localizado na cidade do Rio de Janeiro, foi fundado em 1983, pelo empresário Donald Stuart Junior²⁰. No comprovante do CNPJ, consta que o think tank desempenha atividade econômica de associações de defesa de direitos sociais e que o quadro societário é formado pelo diretor-presidente, Lucas Berlanza, e pelos administradores Bernardo Santoro e Maurício Martins. Segundo Berlanza afirmou em entrevista para esta pesquisa, os temas debatidos no Instituto Liberal e a natureza de suas atividades se concentram em diferentes tendências internas do liberalismo, que envolvem liberalismo social, liberalismo clássico, objetivismo, Escola de Chicago e Escola Austríaca. Assim, o instituto sustenta ideias como sistema

²⁰ Foi proprietário da construtora Ecisa, que teve protagonismo durante a Ditadura Militar com a construção de obras públicas, e ativista do denominado movimento liberal, tendo fundado o Instituto Liberal e participado de diversas instituições internacionais que congregam esse tipo de organização, como a SMP e a própria Atlas Foundation.

representativo, economia de mercado, propriedade privada e liberdade. Berlanza relata que o Instituto se financia por meio de mantenedores, sobretudo empresários que realizam doações como pessoa física, e pela venda de cursos.

O IMB foi fundado em 2007 e está localizado na cidade de São Paulo. O think tank tem por foco disseminar estudos econômicos e de ciências sociais que advoguem pelos princípios do livre mercado e de uma sociedade livre, por meio da defesa da propriedade privada e da ordem natural de mercados, sem intervenção de governos. Segundo comprovante do CNPJ, as principais atividades desempenhadas pelo IMB são comércio e edição de livros, organização de eventos e atividades de ensino não especificadas. O quadro societário é formado pelos diretores Fernando Fiori Chiocca e Ubiratan Jorge Iorio de Souza e pelo presidente, Hélio Beltrão. Não há informações públicas sobre doadores, investidores ou mantenedores.

O Instituto Millenium, sediado na cidade de São Paulo, se apresenta como um think tank que promove valores e princípios de uma sociedade livre, com liberdade individual, economia de mercado, democracia representativa e Estado de Direito. Foi fundado em 2005 pela economista Patrícia Carlos Andrade e lançado em 2006, no Fórum da Liberdade, em Porto Alegre, e está baseado nos seguintes princípios: Estado de Direito, liberdades e responsabilidades individuais, meritocracia, propriedade privada, democracia representativa, transparência e igualdade perante a lei. De acordo com o comprovante do CNPJ, o Instituto desempenha atividade econômica de associação de defesa de direitos sociais e tem o quadro societário formado pelo presidente, que muda regularmente. O think tank não divulga publicamente seus mantenedores.

O Livres foi fundado em 2018 e tem sua sede localizada em Recife, Pernambuco. Segundo informações disponibilizadas no site, o Livres é uma associação civil sem fins lucrativos que atua como movimento político suprapartidário em defesa do liberalismo. Segundo comprovante do CNPJ, o instituto desenvolve atividade econômica associativa não especificada e o quadro societário é formado pelo presidente, Sérgio de Petribu Bivar, e pelos diretores, Manoel Paulo de Barros Falcão Ferreira e João Raphael Bezerra Santos. O grupo advoga pela democracia liberal, economia de mercado e sociedade aberta, considerados por Ferreira, em entrevista, como os pilares do liberalismo. Não há informações públicas disponíveis sobre mantenedores ou doadores.

O Centro Mackenzie, localizado na cidade de São Paulo, é um think tank vinculado à Universidade Presbiteriana Mackenzie, fundado em 2016. Se apresenta como centro de pesquisa econômica aplicada, que debate o papel do mercado e consequências das intervenções do Estado na economia brasileira. Também atua na disseminação de princípios do livre mercado e busca construir ponte entre universidade e sociedade.

O coordenador do Centro, Vladimir Maciel, relata que as principais ideias defendidas no âmbito do think tank se relacionam ao que denomina liberalismo clássico, que se alinha à tradição da democracia representativa, livre comércio e contrapesos na atuação do Estado, que deve se limitar àquilo que é necessário. Nesta linha, Maciel, relata que nos EUA, think tanks como o Centro Mackenzie são comuns, enquanto na América Latina esse tipo de instituto, que se baseia em premissas do livre mercado e que está vinculado às universidades, ainda é raro. Ele relata os principais focos do Centro:

Acho que uma preocupação grande da gente é com a redução da pobreza e inclusão produtiva, seja via trabalho, seja via empreendedorismo [...] A gente está falando do empreendedorismo mesmo, que é ter o pequeno negócio dele, conseguir gerar renda pra família e melhorar a qualidade de vida. Então esses são os valores que a gente tem. A gente acredita nessa ideia da livre iniciativa como um motor pra que o país consiga se desenvolver. **(Vladimir Maciel, coordenador do Centro Mackenzie de Liberdade Econômica, outubro de 2020).**

O SFL Brasil tem sua sede localizada na cidade de São Paulo e foi fundado em 2016. Se define como uma rede em rápido crescimento de estudantes pró-liberdade, que faz parte da SFL, maior organização libertária do mundo. Além disso, relata que objetiva promover a liberdade em todos os aspectos da vida das pessoas. Segundo comprovante do CNPJ, a atividade econômica principal desempenhada pelo SFL Brasil é o ensino de arte e cultura e o quadro societário é formado pelo diretor, Fernando Henrique Souza Miranda. A rede atua, sobretudo, na formação de coordenadores. Um dirigente do think tank, que foi entrevistado para esta pesquisa e que preferiu não ser identificado, relata que as ideias defendidas no SFL Brasil se baseiam em tudo que pode ser considerado filosofia política liberal, baseando-se em princípios como responsabilidade e liberdade individuais, propriedade privada, integridade profissional e meritocracia.

O IFL-BH está sediado em Belo Horizonte, Minas Gerais, e foi fundado em 2011. Se apresenta como uma instituição sem fins lucrativos e sem compromissos

político-partidários. Tem como missão formar lideranças empresariais e defender liberdade individual, iniciativa e propriedade privada e Estado de Direito. Especificamente, o IFL-BH busca atuar na análise de problemas e questões sociais e na promoção do relacionamento entre seus quadros com um amplo espectro de lideranças políticas. Segundo comprovante de CNPJ, o think tank desempenha atividades de organizações associativas patronais e empresariais e o quadro societário é formado pela diretoria do instituto, que se modifica a partir de eleições regulares. Pottencial Seguradora, The One Business e Suzano Papel e Celulose constam como principais investidores do IFL-BH, além de uma série de mantenedores regionais e locais. O IFL-BH promove anualmente o Fórum Liberdade e Democracia, em Belo Horizonte, desde 2013, que reúne empresários, políticos e intelectuais.

O IFL-SC foi fundado em 2016 e está localizado em Florianópolis, Santa Catarina. Se apresenta como uma associação apartidária, independente e sem fins lucrativos, que se inspira no IFL-BH e no IFL-SP. Concentra suas atividades na formação de lideranças e advoga pela liberdade individual, propriedade privada, Estado de Direito e livre mercado. Segundo comprovante do CNPJ, desempenha atividade econômica de organização associativa ligada à cultura e à arte e tem como quadro societário o presidente do Instituto, eleito para um período de dois anos. O IFL-SC não divulga em seu site quem são seus principais investidores. O IFL-SC também promove o Fórum Liberdade e Democracia, que reúne intelectuais, políticos e empresários, e ocorre anualmente em Florianópolis, Santa Catarina, desde 2016.

O IFL-SP, localizado na cidade de São Paulo, se apresenta como uma entidade sem fins lucrativos, que objetiva formar líderes que tenham impacto social e atuação baseada nos princípios de liberdade individual, livre mercado, império da lei e respeito à propriedade privada. O comprovante do CNPJ aponta que o think tank foi fundado em 2012, mas não há informações sobre a data de fundação nos textos institucionais publicados no site do IFL-SP. O quadro societário é formado pelo presidente do Instituto, escolhido anualmente. Os principais mantenedores do IFL-SP são Suzano Papel e Celulose e IMB. Também consta nesta lista Porto Seguro, Évora, Gerdau, Instituto Ling e Friedrich Naumann Foundation. O IFL-SP promove anualmente, desde 2013, o Fórum Liberdade e Democracia de São Paulo, que ocorre em São Paulo, e reúne políticos, empresários e intelectuais.

O Instituto Liberdade, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, se apresenta como um think tank que advoga pelo governo limitado e representativo, direitos individuais, respeito à propriedade e livre iniciativa. O think tank concentra sua atividade na produção de pesquisas e propostas de políticas públicas, por meio da publicação de materiais e da promoção de encontros para disseminar ideias liberais entre formadores de opinião de diversas esferas. Foi fundado em 1986, e até 2004 tinha o nome de Instituto Liberal de Porto Alegre. Segundo comprovante do CNPJ, desenvolve atividade de associação de defesa de direitos sociais e tem o quadro societário formado por Alessandro Gasperin Barretto, Bruno Zaffari, Margaret Tse e Ricardo Dornelles Chaves Barcellos. De acordo com texto institucional publicado no site do Instituto Liberdade, o think tank é mantido por contribuições voluntárias de pessoas físicas ou jurídicas de direito privado, sem vinculação político-partidária, e não tem relação de subordinação com organizações nacionais ou internacionais.

O ILA, sediado em Vitória, Espírito Santo, foi fundado em 2010, e concentra suas atividades na formação de lideranças e no desenvolvimento de projetos para a disseminação de seus valores. Se baseia nos princípios de liberdade, economia de mercado, Estado de direito, responsabilidade individual e propriedade privada. Segundo comprovante de CNPJ, desempenha atividade econômica de organização associativa patronal ou empresarial e tem como sócio o presidente, escolhido anualmente. O ILA é mantido pelas seguintes empresas ou entidades: Apex Partners, Arcelor Mittal, Autoglass, Baker Tilly Brasil, Biancogres, EDP, Espírito Santo em Ação, Faesa, Grupo Águia Branca, Marca Ambiental, Natufert, Rede Gazeta, Set Comunicação, SGMP Advogados, Sicoob e Vale. O ILA também promove o Fórum Liberdade e Democracia de Vitória, que ocorre desde 2012, e reúne políticos, intelectuais e empresários.

O Instituto Atlantos está localizado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e, segundo comprovante do CNPJ, foi fundado em 2016. O think tank foi criado para disseminar o que denomina teoria liberal dentro da academia e na sociedade. Segundo comprovante do CNPJ, desempenha atividade de associação de defesa de direitos sociais, além de atividades de ensino e editoração e tem o quadro societário formado pela presidência e diretoria do think tank. Não há informações públicas sobre seus mantenedores. O presidente, Gustavo Fernandes, relata em entrevista que o think tank surgiu pela profissionalização de um grupo de amigos que saía para tomar cerveja e discutir o que denomina liberalismo, se transformando em um

espaço de convivência para quem pensa diferente da esquerda no Brasil. Nesse sentido, Fernandes entende que o instituto funcionou desde o início como um espaço de socialização para os grupos que denomina liberais. Assim, o objetivo do think tank é qualificar e expandir o debate em torno do que é denominado por Fernandes como ideias pela liberdade, tendo como meta se tornar a maior instituição liberal estudantil do sul do Brasil. Isso é construído por meio de um programa de coordenadores, que também são estudantes e que executam projetos dentro de suas respectivas universidades, com a fiscalização de diretores e do presidente de cada instituição de ensino.

O Instituto Liberal de São Paulo, sediado na cidade de São Paulo, se apresenta como um think tank liberal, criado em 2014, que tem por objetivo advogar pelo direito à vida, à propriedade e à liberdade. Embora compartilhe o nome, o Instituto Liberal de São Paulo relata não ter relação com o Instituto Liberal do Rio de Janeiro. No comprovante do CNPJ, consta que o think tank desempenha atividade econômica de associações de defesa de direitos sociais. O quadro societário é formado pelo presidente, Marcelo Faria. O Instituto não disponibiliza publicamente informações sobre mantenedores ou investidores.

O Observatório do Empreendedor foi fundado em 2020 e está localizado em Florianópolis, Santa Catarina. Se apresenta como uma associação independente, apartidária, que advoga para promover valores liberais e para melhorar o ambiente de negócios. Segundo comprovante do CNPJ, a principal atividade econômica é associativa não especificada e o quadro societário é formado pelo presidente, Pedro Tavares Fernandes. Não há informações públicas sobre mantenedores ou financiadores.

O IEE, IFL-BH, IFL-SC, Instituto Liberal de São Paulo, ILA, IMB e Observatório do Empreendedor foram contatados pelos canais institucionais para entrevista, mas não responderam à solicitação. O Instituto Millenium informou que não faz mais parte da rede da Atlas, e por isso não poderia responder às perguntas, embora continue constando como parte da rede no site da organização estadunidense. A Atlas foi contatada por meio da diretora responsável pelo relacionamento com think tanks na América do Sul, Hane Crevelari, que informou não ter autorização do time de comunicação para responder às perguntas.

Pode-se observar que a maioria dos think tanks compartilha uma visão de mundo baseada nos princípios de extensão de direitos à propriedade privada,

redução da intervenção do Estado na economia e *rule of law*. Observa-se que enquanto alguns institutos se concentram mais na cooptação, outros se voltam mais para a formação de novos dirigentes. Contudo, observa-se também que atuar para formar novos dirigentes não é uma atividade excludente com relação à atividade de cooptação. Assim, a maioria desses think tanks desenvolve, simultaneamente, atividades de formação e cooptação, às vezes de maneira complementar²¹. O Quadro 1 ilustra os diferentes perfis de think tanks que compõem a Atlas no Brasil a partir das atividades que esses institutos desenvolvem.

Quadro 1 - Atividades dos think tanks vinculados à Atlas no Brasil

Think Tank ²²	Cooptação	Formação
Centro Mackenzie	X	
Instituto Atlantos	X	
IEE	X	X
IFL-BH	X	X
IFL-SC	X	X
IFL-SP	X	X
Instituto Liberal	X	X
Instituto Liberal de SP	X	
Instituto Liberdade	X	
ILA	X	X
Instituto Millenium	X	
IMB	X	X
Livres	X	X
Observatório do Empreendedor	X	
SFL Brasil	X	X

Fonte: Autor (2020).

Conforme pode-se observar no Quadro 1, a maioria dos think tanks que fazem parte da Atlas no Brasil desenvolvem tanto atividades de cooptação como

²¹ Informações levantadas com base em análise documental das seguintes páginas de *websites*: Centro Mackenzie de Liberdade Econômica (2020), Instituto Atlantos (2019), Instituto de Estudos Empresariais (2020), Instituto de Formação de Líderes de Belo Horizonte (2020), Instituto de Formação de Líderes de Santa Catarina (2020), Instituto de Formação de Líderes de São Paulo (2020), Instituto Liberal (2019), Instituto Liberal de São Paulo (2019), Instituto Liberdade (2020), Instituto Líderes do Amanhã (2020), Instituto Millenium (2020), Instituto Mises Brasil (2020), Livres (2020), Observatório do Empreendedor (2020) e Students for Liberty Brasil (2020).

²² Por uma questão de delimitação de pesquisa, optou-se por não diferenciar os *think tanks* em perfis ideológicos. Observa-se que alguns parecem se voltar mais à defesa de liberdades individuais e econômicas, enquanto outros se voltam exclusivamente às liberdades econômicas. Também é perceptível que alguns institutos analisados parecem se aproximar mais da Escola Austríaca de Economia, enquanto outros se apresentam como libertários ou dialogam com mais de uma corrente de pensamento ao mesmo tempo. Contudo, determinar o perfil ideológico exigiria um esforço direcionado à produção ideacional de cada *think tank*, tarefa que não corresponde ao escopo desta pesquisa.

atividades de formação. E nenhum deles desenvolve atividades somente de formação, enquanto cinco desempenham somente atividades de cooptação. Cooptação compreende projetos e programas que objetivam cooptar think tanks para a rede ou espalhar ideias por meio de projetos específicos ou por meio de ações desenvolvidas por think tanks e intelectuais orgânicos. Formação diz respeito a cursos que visam a educar intelectuais orgânicos para gerenciar e formar novos think tanks, bem como para reproduzir ideias. A seguir são apresentadas as atividades de formação.

Com a pesquisa documental, foi possível identificar cursos *online* e presenciais para formar intelectuais orgânicos. Enquanto a maioria dos cursos que ocorrem no âmbito da Atlas é direcionada para formar quadros de institutos que fazem parte da rede, cursos que ocorrem no âmbito de think tanks visam tanto à formação de seus quadros como à reprodução de ideias para um público mais amplo. As atividades de formação identificadas, desenvolvidas no escopo da Atlas, são as seguintes: *Atlas Leadership Academy*, *Executive Accelerator*, *Think tank Basics*, *Leader Lab*, *Smith Fellowships*, *Think Tank MBA*, *Regional Trainings*, *Think Tank Impact*, *Global Influencer Summit*, *Think Tank Leadership Training*, *Think Tank Navigator* e o *Mentorship*. No âmbito dos think tanks, foram identificadas as seguintes atividades de formação: Liberalismo Raíz, Curso de Escola Austríaca, Programa de Pós-Graduação em Escola Austríaca, Mises Summer School, Desenvolvimento de Competências e Lideranças, Ciclos de Formação e Academia Livres. Nos tópicos seguintes, serão abordadas a natureza e os objetivos de cada um desses programas e se buscará retomar alguns elementos teóricos.

3.2 CRIAÇÃO E ASSESSORAMENTO DE THINK TANKS NA ATLAS NETWORK

A *Atlas Leadership Academy*²³ é um “guarda-chuva” para os demais cursos da organização, na medida em que compreende a realização de 28 créditos, distribuídos em atividades *online* e presenciais. A maioria delas são gratuitas e

²³ Entre novembro e dezembro, após a conclusão deste capítulo, a Atlas mudou a estrutura da *Atlas Leadership Academy*, que passou a ser chamada de *Atlas Network Academy*. A grade curricular ainda abrange atividades presenciais e à distância. A maioria dos cursos também continua sendo parte da grade curricular. A principal mudança é em relação à divisão dos programas de formação, que agora se dividem em administração de think tanks, financiamento e liderança.

algumas custam até US\$ 500. A grade curricular²⁴ envolve participação em *webinars*, treinamentos regionais, cursos específicos de administração e de liderança voltados a think tanks, mentoria, *networking* e produção de mídia. O objetivo do programa é qualificar dirigentes de think tanks em gestão, comunicação e arrecadação de fundos. E também conectar dirigentes de think tanks recém-fundados com dirigentes considerados experientes e com ferramentas e estratégias utilizadas pela comunidade da rede.

Figura 1- Grade curricular da Atlas Leadership Academy

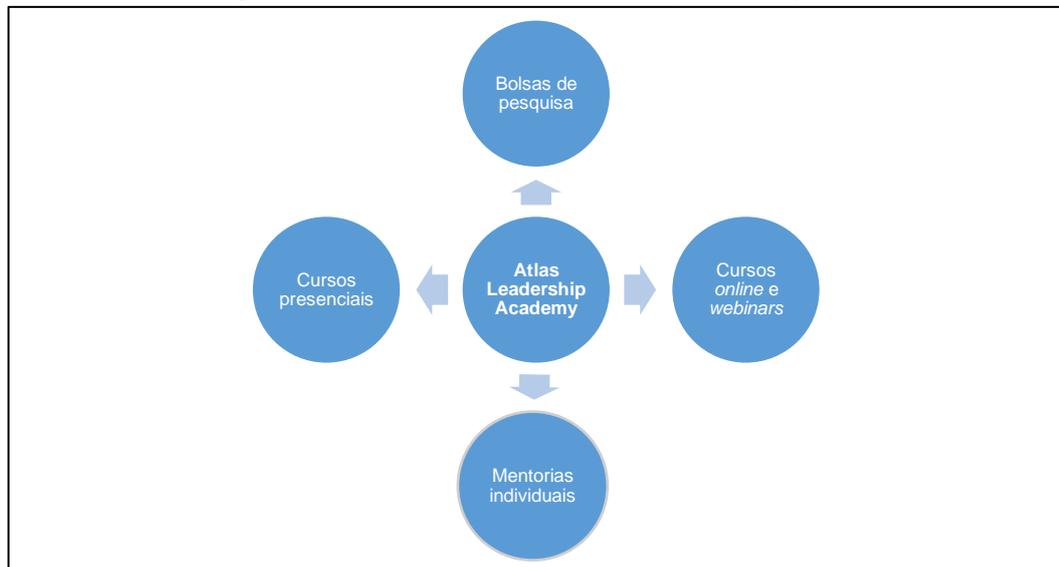
Course Catalog	
Course	Credits
Bi-monthly Webinars	1
Regional Trainings	2
Think Tank Impact	3
Smith Fellowship	3
Think Tank Navigator	3
Leader Lab	3
Mentorship	3
Lights, Camera, Liberty	up to 3
Global Influencer Summit	3
Executive Accelerator	4

Fonte: Atlas Network (2020f).

Na medida em que o curso abrange uma variedade de abordagens, a Atlas classifica a *Atlas Leadership Academy* como faceta central da sua estratégia de formação (ATLAS NETWORK, 2020f). Assim, todos os cursos aqui abordados fazem parte da *Atlas Leadership Academy*. A Figura 1 ilustra a grade curricular da escola, com seus respectivos créditos equivalentes de cada atividade. Os candidatos precisam completar pelo menos 12 créditos para serem compreendidos como alunos da escola. De acordo com a Atlas (2020f), ex-alunos têm acesso a uma comunidade de líderes de outros think tanks e a potenciais financiadores para seus projetos. A Figura 2 ilustra as diferentes atividades desenvolvidas no âmbito da *Atlas Leadership Academy*.

²⁴ Embora se considere um dado relevante, não foi possível fazer um levantamento dos professores que lecionam nos cursos da Atlas. Isso porque essa informação não consta na grade da maioria dos cursos. Em outros casos, pode-se identificar que os docentes mudam a cada edição da atividade.

Figura 2 - Estrutura da Atlas Leadership Academy



Fonte: Autor (2020)²⁵.

A seguir serão descritos os cursos mapeados no âmbito da Atlas. *Executive Accelerator* é um curso intensivo, de seis dias, que objetiva formar dirigentes de think tanks em planejamento estratégico, gerenciamento e liderança de equipe. O curso acontece em Fairfax, Virginia, EUA, e é voltado para dirigentes de think tanks recém-formados e mais experientes. O programa envolve a utilização do planejamento estratégico para desenvolver o foco do trabalho do think tank e melhorar a eficácia de equipes que atuam nesse tipo de instituição. A primeira edição aconteceu em novembro de 2019 e substituiu o extinto *Think Tank MBA*, que havia sido criado em 2008 (ATLAS NETWORK, 2020g). Não há informações públicas sobre o processo seletivo.

Think Tank Basics é um curso *online*, de duas horas, ministrado em português, espanhol, francês e inglês, que visa a introduzir princípios do trabalho em um think tank e expor fundamentos que orientam a relação entre a Atlas e esses institutos. Ele é voltado para dirigentes e profissionais de novos institutos e serve como pré-requisito para acesso a qualquer outro curso da Atlas. O programa compreende o papel dos think tanks na sociedade, o conceito de Janela de

²⁵ O fluxograma foi desenhado com base nas informações publicadas na página da *Atlas Network* (2020d).

*Overton*²⁶ e como think tanks atuam para mover essa janela, a diferença entre declaração de visão e de missão e a relação desses institutos com a Atlas (ATLAS NETWORK, 2020h).

Leader Lab é um curso presencial, de três dias, voltado para o desenvolvimento de lideranças, direcionado para dirigentes de think tanks, que são orientados por dirigentes mais experientes. O curso ocorre anualmente em Tysons Corner, Virginia, EUA, e é voltado tanto para novos como para aqueles com mais experiência. O único pré-requisito para participação é ter concluído o curso *Think Tank Basics*, embora a Atlas não divulgue como é feita a seleção dos participantes. O programa envolve o ensino de práticas de pesquisa política, operação, comunicação, construção de coalizões e busca por financiamento, além de planejamento estratégico e gerenciamento de projetos. Pontos que a Atlas enfatiza sobre o curso são oportunidade dos participantes construírem uma rede de contatos e de estabelecerem relação com dirigentes de think tanks descritos como “de sucesso” no âmbito da rede (ATLAS NETWORK, 2020i).

Smith Fellowship é um programa de bolsas para dirigentes e profissionais que atuam em think tanks filiados à rede da Atlas e que não sejam baseados nos EUA. A atividade envolve participação do bolsista em palestras e treinamentos promovidos pela Atlas ou por outras instituições vinculadas à rede, na sede da Atlas, em Arlington, Virginia, EUA, ao longo de quatro semanas. Também em um curso que aborda a criação de planos estratégicos, arrecadação de fundos e desenvolvimento de pesquisas. Além disso, o programa também compreende que os selecionados trabalhem em rede com profissionais da Atlas e de think tanks de Washington, DC (ATLAS NETWORK, 2019b).

O curso é direcionado tanto para novos filiados como para think tanks já estabelecidos. A Atlas cobre despesas com passagem aérea e hospedagem. O valor da bolsa é de US\$ 3 mil. Para a inscrição, é exigido que o candidato faça parte dos quadros de um think tank filiado à Atlas que não seja baseado nos EUA, tenha histórico comprovado da *Atlas Leadership Academy* e participado de um curso

²⁶ Janela de *Overton* é um conceito que pretende descrever o espaço de ideias toleradas no discurso público. Assim, enquanto a Janela inclui ideias que são aceitáveis pela opinião pública, aquelas que ficam fora desse intervalo são consideradas radicais ou impensáveis. Para o criador do conceito, Joseph Overton, dirigente do think tank conservador Mackinac Center for Public Policy, políticos normalmente constroem propostas que se enquadram na Janela, na medida em que buscam aprovação na opinião pública. Neste sentido, *think tanks* teriam o papel de deslocar essa Janela, transformando ideias que seriam impensáveis em ideias socialmente aceitas (GIRDHARDAS, 2019).

presencial ou do treinamento on-line *Think Tank Impact*. A formação da *Smith Fellowship* compreende aconselhamento individualizado sobre desafios do think tank em que o participante trabalha, desenvolvimento da visão de como dirigentes de think tanks atuam e como esses institutos operam em Washington, DC. Também é destacada a oportunidade de relacionamento com dirigentes de think tanks da capital estadunidense (ATLAS NETWORK, 2019b).

Think Tank MBA foi um curso presencial intensivo, de dez dias, realizado anualmente, de 2008 até 2018, sendo posteriormente substituído pelo *Executive Accelerator*. O *Think Tank MBA* era voltado para dirigentes e diretores de projetos de institutos já consolidados e envolvia a criação de planejamento estratégico, métodos de avaliação de políticas, criação de marcas e comunicação, bem como estratégias para obtenção de financiamento. O curso também se relacionava com a premiação *Elevator Pitch Competition*, na medida em que uma das atividades dos participantes era apresentar seu instituto em um minuto durante o *Liberty Forum*, realizado anualmente pela Atlas (ATLAS NETWORK, 2014b). Não há informações disponíveis publicamente sobre os critérios que a Atlas utilizava para a seleção dos candidatos.

Regional Trainings são cursos pontuais, que acontecem em diversos países, com suporte financeiro da Atlas. Esses cursos abordam aspectos introdutórios sobre como estabelecer um think tank, como utilizar a comunicação de forma efetiva e como aplicar estratégias de financiamento. São cursos gratuitos e a Atlas cobre custos com hospedagem e alimentação dos selecionados. Foram encontrados registros de edições na América Latina, Europa e Ásia (ATLAS NETWORK, 2015b, 2020j). Não foram encontradas informações públicas sobre como ocorre o processo seletivo e sobre a periodicidade e escolha de locais para esses cursos.

Think Tank Impact é um curso *online*, que aborda direção estratégica e a busca por soluções práticas, a partir de estudos de caso de projetos que tiveram impacto e que foram desenvolvidos por think tanks filiados à Atlas. Embora seja *online*, ele requer interação síncrona dos selecionados com os professores. É considerado pela Atlas um curso de nível intermediário. Após o estudo de caso de projetos específicos, os selecionados aprendem métodos de replicação desses projetos no país de origem de seus think tanks. O curso é gratuito, financiado pela *John Tempeton Foundation* (ATLAS NETWORK, 2019c). Não há informações disponíveis sobre como ocorre a seleção dos candidatos.

Global Influencer Summit é um programa de três dias, voltado para dirigentes de think tanks experientes, que atuam em institutos consolidados. O programa do curso envolve desenvolver habilidades de liderança e tomada de decisão sobre o quadro geral de think tanks. Os participantes precisam atuar como orientadores no *Elevator Pitch Competition* e servirem como mentores em uma competição de plano de negócios no *Leader Lab*, em que é proposto desenvolver planos estratégicos e de negócios para a criação de novos think tanks. A Atlas cobre custos de material, hospedagem, refeições e inscrição para o *Liberty Forum*. A inscrição para participação está condicionada ao convite da Atlas (ATLAS NETWORK, 2020k).

Think Tank Navigator é um curso *online*, de cinco semanas, focado em iniciar e avançar em um projeto para criação de um think tank voltado para a defesa de ideias neoliberais. O curso é direcionado para dirigentes de institutos recém-criados e profissionais que começaram a atuar recentemente. Aborda diferentes modelos de institutos, o papel deles na sociedade e noções para captação de recursos. Completar o *Think Tank Navigator* é pré-requisito para institutos que solicitem doações da Atlas e para participar de outros programas da organização, como o *Leader Lab* e o *Think Tank Leadership Training*. As aulas são ministradas em inglês e espanhol trimestralmente. Não há informações sobre pré-requisitos para inscrição (ATLAS NETWORK, 2020l).

Think Tank Leadership Training é um curso presencial, de gerenciamento de think tanks, que envolve planejamento estratégico, busca por financiamento e avaliação do impacto de formadores de opinião que fazem parte do que a Atlas denomina movimento pelo livre mercado. O curso acontece em um período de dois dias para até quarenta selecionados, em Nova York, EUA. Os participantes são divididos em globais e norte-americanos. O programa é direcionado para dirigentes de think tanks com pouca ou média experiência ou para novos profissionais que atuam nesses institutos. Entre os tópicos que a Atlas destaca sobre o treinamento, consta a possibilidade de construir relação com uma rede global de dirigentes de think tanks, aprendizado de métodos de avaliação e do funcionamento do chamado mercado da filantropia. Não há informações públicas disponíveis sobre o processo seletivo (ATLAS NETWORK, 2020m).

Mentorship é um programa de orientação, que coloca em contato dirigentes de think tanks que, na visão da Atlas, tenham potencial de expansão, com dirigentes de institutos tidos como consolidados. O programa tem duração de nove meses e

ocorre por meio de encontros virtuais e orientações via *e-mail*. É previsto um encontro presencial durante o *Liberty Forum*. A Atlas descreve o programa como oportunidade para que os denominados empreendedores de think tanks construam relação com dirigentes mais experientes e recebam conselhos e ideias personalizadas. A participação é condicionada ao convite da Atlas, que é baseado no mérito dos candidatos em cursos e na formação na *Atlas Leadership Academy* (ATLAS NETWORK, 2020n). O Quadro 2 ilustra os cursos da Atlas a partir da divisão em presenciais e online.

Quadro 2 - Cursos da Atlas Network

Modalidade	Curso	Abordagem
Online	Think Tank Basics	Formação básica sobre aspectos que caracterizam um think tank e o papel da Atlas.
	Think Tank Impact	Direção estratégica para dirigentes de think tanks por meio de estudos de caso.
	Think Tank Navigator	Concepção e execução de projeto para um novo think tank neoliberal.
Presencial	Executive Accelerator	Formação de dirigentes de think tanks em planejamento estratégico, gerenciamento e liderança.
	Leader Lab	Foco em desenvolvimento de liderança para dirigentes de think tanks, que têm aula com dirigentes de think tanks mais experientes.
	Smith Fellowships	Programa de bolsas direcionado para dirigentes e profissionais de think tanks que não sejam nos EUA. Compreende a realização de estágio na Atlas, bem como cursos e treinamentos.
	Think Tank MBA	Envolve desde criação de marcas até estratégias de busca de financiamentos para dirigentes de think tanks experientes.
	Regional Trainings	Cursos que acontecem em diferentes regiões do mundo e abordam o básico de administração de think tanks.
	Global Influencer Summit	Programa voltado para desenvolver habilidades de tomada de decisão e de análise do quadro geral de think tanks.
	Think Tank Leadership Training	Curso avançado de gerenciamento de think tanks.
	Mentorship	Programa de mentoria para assessoria personalizada a think tanks selecionados.

Fonte: Autor (2020).

A partir da análise documental e da síntese apresentada no Quadro 2, observa-se que os cursos *online* são introdutórios, e geralmente funcionam como pré-requisito para acesso a programas de formação presenciais que, por consequência, são pré-requisito para acesso a financiamentos. Por meio dessa lógica, em alguma medida, a Atlas atrela o financiamento de projetos aos programas de formação. Da mesma forma, os cursos — em alguns casos, a formação completa

na *Atlas Leadership Academy* — são exigência para participar de atividades desenvolvidas no *Liberty Forum* e no *Freedom Dinner*.

Observa-se, também, que os cursos da Atlas são direcionados para a gestão de pessoas e para as tarefas cotidianas exercidas no âmbito de institutos, envolvendo desde planejamento, passando por formas de financiamento, até comunicação. E também que a maioria dos cursos, exceto aqueles introdutórios, tem como pré-requisito a filiação do instituto à rede. Ao retomar os critérios utilizados pela Atlas para um *think tank* se tornar “parceiro”, consta a exigência de compartilhar da visão de mundo da Atlas. Assim, think tanks filiados necessariamente precisam basear suas ações nos mesmos princípios ideológicos da Atlas.

Por isso, os cursos oferecidos pela organização estadunidense estão direcionados ao assessoramento, ou criação de think tanks, e não necessariamente à reprodução do pensamento neoliberal, na medida em que as mesmas ideias, defendidas no âmbito da Atlas, já circulam em think tanks da rede. Os critérios de filiação funcionam como filtro de seleção. Dessa forma, o objetivo dos cursos da Atlas é transformar think tanks em instrumentos efetivos de reprodução de ideias por meio de técnicas de gestão, levantamento de recursos financeiros, comunicação e de planejamento estratégico. Em termos teóricos, os cursos preparam, sob o ponto de vista técnico, think tanks para atuarem como aparelhos hegemônicos do neoliberalismo. Ou seja, é uma formação voltada para o assessoramento e para criação de think tanks, que impulsiona a reprodução de ideias e que materializa a ideia gramsciana de grupo social, representado na Atlas, que cria seus próprios intelectuais orgânicos.

3.3 PROGRAMAS DE FORMAÇÃO EM THINK TANKS NO BRASIL

A partir da análise documental foram identificados os cursos Liberalismo Raiz, Escola Austríaca, Programa de Pós-Graduação em Escola Austríaca, Mises Summer School, Ciclos de formação, Academia Livres e Projeto Nabuco. Todos ocorrem no âmbito dos think tanks vinculados à Atlas no Brasil. Liberalismo Raiz e Escola Austríaca são cursos online, oferecidos pelo Instituto Liberal, que abordam o que o Instituto denomina de diferentes vertentes do liberalismo. No Liberalismo Raiz, a proposta é “desmascarar as principais falácias sobre o liberalismo”, enquanto na

Escola Austríaca é oferecer uma visão alternativa ao keynesianismo por meio de estudos das obras de Hayek e Mises. Ambos são cursos de curta duração — 10 aulas cada — e não apresentam pré-requisitos para inscrição. O Liberalismo Raiz é ministrado pelo diretor-presidente do Instituto Liberal, Lucas Berlanza. E o curso Escola Austríaca é ministrado pelo presidente do Conselho do Instituto Liberal, Rodrigo Constantino (INSTITUTO LIBERAL, 2019a, 2019b).

O Programa de Pós-Graduação em Escola Austríaca²⁷ é um curso do IMB, que pode ser presencial ou *online*, com uma grade formada por 19 disciplinas temáticas, que envolvem direito, economia, filosofia, política e metodologia de pesquisa, todas focadas no pensamento de Hayek, Mises e outros autores que fazem parte da corrente da Escola Austríaca. O curso está dividido em 19 módulos, com 20h cada módulo²⁸. A seleção dos candidatos ocorre em duas etapas: análise curricular e entrevista individual online. O preço do curso é de pouco mais do que R\$ 16 mil. A grade contempla atividades avaliativas no final de cada módulo e a entrega de um trabalho de conclusão. As aulas são ministradas por um quadro de 16 formadores de opinião (ANEXO B). O IMB informa que existe um programa de bolsas para o curso, contudo, não há informações públicas relacionadas à seleção (INSTITUTO MISES BRASIL, 2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2020e).

Mises *Summer School* é um curso presencial intensivo, de quatro dias, que ocorre anualmente no interior de São Paulo, promovido pelo IMB. Ele é direcionado a estudantes universitários e envolve estudos que passam pela Ciência Política, pelo Direito, pela Economia e pela Filosofia, relacionando essas áreas do conhecimento com a Escola Austríaca. Todos os anos são selecionados 30 estudantes para participar das atividades. O candidato precisa apresentar currículo, redação que verse sobre “o papel dos liberais na mudança do Brasil” e um vídeo explicando porque é um bom candidato. O preço é R\$ 899,00. É oferecida bolsa financiada pelo IMB. Para concorrer a ela, o candidato precisa enviar uma redação justificando

²⁷ O curso é apresentado pelo Instituto Mises Brasil como sendo *lato sensu*, ou seja, uma especialização. Contudo, o Instituto também informa que o certificado fornecido ao final do curso não é reconhecido pelo MEC. Também que para o MEC reconhecer o diploma, é necessário um procedimento burocrático distinto daquele do Instituto Mises.

²⁸ O deputado federal Eduardo Bolsonaro, do PSL, filho do presidente Jair Bolsonaro, indicou em seu currículo a realização desse curso como qualificação para assumir a função de embaixador do Brasil em Washington, em julho de 2019. Eduardo teria feito parte da primeira turma, que iniciou em março de 2016 e concluiu em agosto de 2017. Contudo, o Instituto Mises informou à época que o deputado não havia terminado o curso, na medida em que não havia entregue o trabalho de conclusão, requisito para a titulação (AGUIAR, 2019).

porque deveria receber a bolsa. As aulas são ministradas por cinco formadores de opinião, que também lecionam no Programa de Pós-Graduação em Escola Austríaca (INSTITUTO MISES BRASIL, 2020f, 2020g).

Ciclos de formação são os programas de estudos do IEE, IFL-BH, IFL-SC, IFL-SP e ILA. Cada instituto desenvolve seu ciclo de formação separadamente, embora todos eles compartilhem elementos. Quase todos — as exceções são o ILA e o IFL-SC — se baseiam no que denominam de Hexágono da Liderança, que compreende seis competências básicas: integridade moral, vitalidade e motivação, rede de relacionamentos, antevisão, conquista de resultados e comunicação. Assim, os programas são voltados a desenvolver essas competências. Isso é feito por meio de palestras, cursos de curta duração, estudos de livro, simulação de debates e seminários e publicação de livros e artigos. Principais áreas do conhecimento abordadas são filosofia, política, economia e administração²⁹.

A bibliografia dos cursos também tem elementos comuns: autores como Friedman, Hayek, Mises, Rothbard e Rand se repetem em quase todos os programas. As atividades desenvolvidas nos ciclos de formação são direcionadas, sobretudo, ao público interno, formado por membros associados desses think tanks. Assim, a associação geralmente aparece como pré-requisito para a participação. Na maioria dos casos, os encontros são semanais, e envolvem contato direto dos membros com um palestrante convidado, a discussão sobre uma obra específica ou o debate sobre algum tema que tenha relação com as leituras³⁰. Foram identificados palestrantes nos ciclos de formação, que estão listados no Anexo C³¹.

Academia Livres é um conjunto de cursos do Livres, que envolvem ciência política, economia e treinamento direcionado ao ativismo. São previstos encontros virtuais, semanais, para discussão a respeito de soluções e perspectivas a partir da noção de liberalismo. Também há um curso chamado Projeto Nabuco, de 10 horas-aula, que visa a ensinar os participantes a montarem campanhas políticas a partir do que denominam de agenda liberal. A participação nas atividades está condicionada

²⁹ Informações levantadas com base na análise documental das seguintes páginas de *websites*: Instituto de Estudos Empresariais (2020a), Instituto de Formação de Líderes de Belo Horizonte (2020a), Instituto de Formação de Líderes de Santa Catarina (2020a), Instituto de Formação de Líderes de São Paulo (2020a) e Instituto Líderes do Amanhã (2020).

³⁰ Idem.

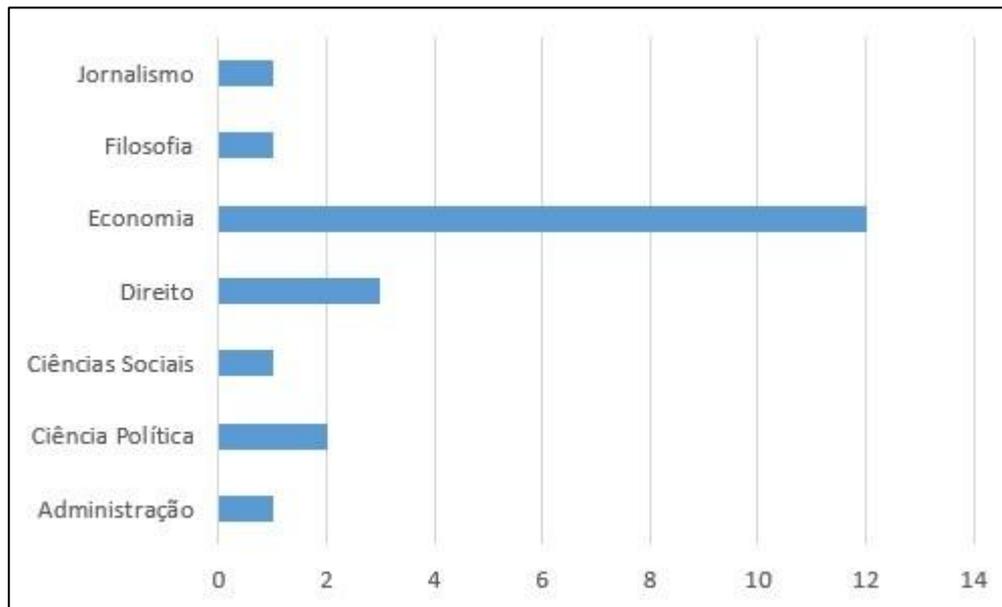
³¹ O documento foi elaborado a partir da análise documental das seguintes páginas de *websites*: Instituto de Estudos Empresariais (2020c), Instituto de Formação de Líderes de Belo Horizonte (2020c), Instituto de Formação de Líderes de São Paulo (2020a). Os demais *think tanks* não divulgam em seus *sites* a lista de palestrantes.

à associação ao Livres. As aulas são ministradas por quatro formadores de opinião, listados no Anexo B³².

A partir da análise documental, foi possível identificar que os cursos desenvolvidos por think tanks filiados à Atlas no Brasil se concentram, principalmente, na reprodução de ideias. Assim, não são formações voltadas ao assessoramento de think tanks e seus membros em temas relacionados à gestão e organização desses institutos, mas à discussão de tópicos relacionados ao neoliberalismo e, por vezes, à aplicação desses tópicos a uma agenda política concreta. Identificou-se que a maioria dos formadores de opinião que lecionam nesses cursos vem da área de economia e atuam em universidades. Também há técnicos que atuam em órgãos públicos ou privados (ANEXO B). O Gráfico 3 ilustra as principais áreas de formação dos formadores de opinião que atuam nesses cursos.

³² O documento foi elaborado a partir da análise documental das seguintes páginas de *websites*: Instituto Mises Brasil (2020e, 2020g), Livres (2020b) e Instituto Liberal (2019).

Gráfico 3 - Área e formação de formadores de opinião de cursos de think tanks

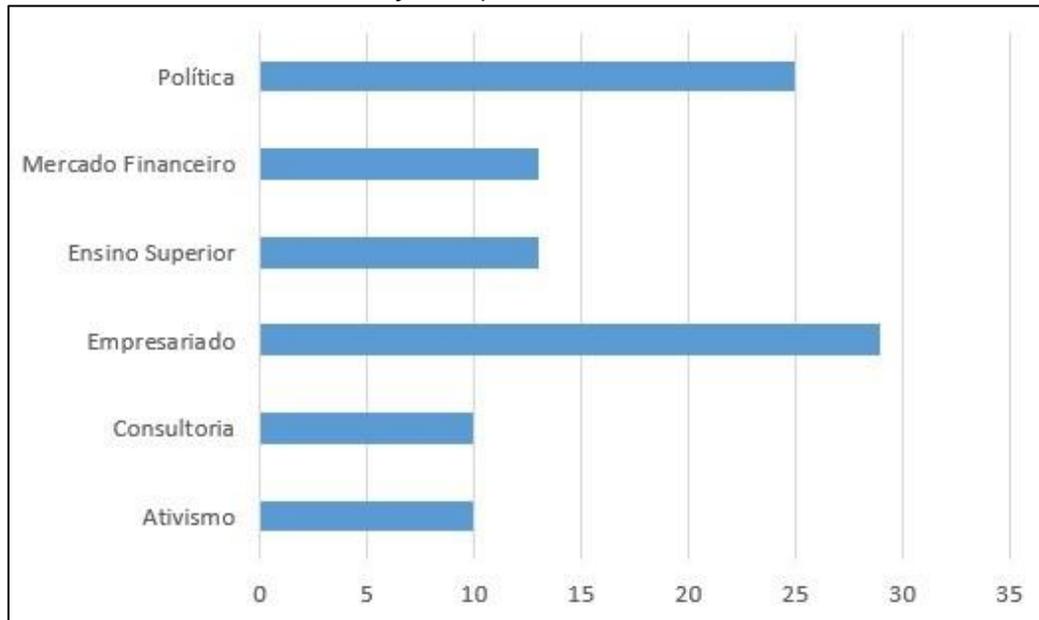


Fonte: Autor (2020)³³.

O Gráfico 3 ilustra que dos 21 formadores de opinião que atuam nos cursos de think tanks vinculados à Atlas no Brasil, 12 têm como principal área de formação a economia, três o direito, dois a ciência política, um a administração, um as ciências sociais, um a filosofia e um o jornalismo. Em determinada medida, isso demonstra as áreas de concentração das aulas desses cursos. Outro ponto identificado é que a maioria dos cursos aceita apenas a participação de indivíduos que fazem parte dos quadros internos dos think tanks, que atuam em áreas administrativas, como voluntários ou efetivos, ou de produção de conteúdo ou como associados. Esse é o caso de todos os ciclos de formação. Eles são desenvolvidos por uma combinação de leituras, palestras e debates. Foi possível identificar que de 100 palestrantes que participam dos ciclos de formação, 29 atuam em empresas, 25 na política, 13 no mercado financeiro, 13 no ensino superior, 10 em consultoria e 10 em ativismo (GRÁFICO 4).

³³ Os dados utilizados para elaboração do gráfico podem ser visualizados no Anexo B.

Gráfico 4 - Área de formação de palestrantes de atividades de think tanks



Fonte: Autor (2020)³⁴.

Alguns nomes que compuseram o quadro de palestrantes nos think tanks fizeram parte do governo ou ajudaram a impulsionar a candidatura do presidente Jair Bolsonaro. É possível citar o vice-presidente Hamilton Mourão, o ministro da Economia Paulo Guedes, o ex-ministro da Justiça Sérgio Moro, o ex-secretário do Tesouro Nacional Mansueto Almeida, o ex-secretário de Desestização Salim Matar, o ex-secretário de Desburocratização Paulo Uebel e o empresário Luciano Hang. Também ex-presidentes, banqueiros, empresários de setores variados, congressistas e governadores palestraram nos ciclos de formação (ANEXO C).

Quadro 3 - Cursos de think tanks vinculados à Atlas Network no Brasil

Think Tank	Curso
Instituto Liberal	Liberalismo Raíz Escola Austríaca
IMB	Pós-Graduação em Escola Austríaca Mises Summer School
IEE	Desenvolvimento de Competências de Lideranças
IFL/SC	Ciclo de Formação
IFL/SP	Ciclo de Formação
IFL/SC	Ciclo de Formação
	Projeto Educação Empreendedora
IFL/BH	Ciclo de Formação
ILA	Ciclo de Formação
Livres	Programa de Formação
SFL Brasil	SFL Academy

Fonte: Autor (2020).

³⁴ Os dados para elaboração do gráfico podem ser visualizados no Anexo C.

O Quadro 3 ilustra todos os cursos desenvolvidos no âmbito de think tanks vinculados à Atlas no Brasil mencionados nesta pesquisa. A partir de informações levantadas sobre programas de formação desenvolvidos no âmbito dos think tanks vinculados à Atlas no Brasil, é possível afirmar que os cursos são orientados para dois objetivos: reproduzir ideias e formar intelectuais orgânicos capazes de disputar a hegemonia ideológica, afirmando o neoliberalismo no Estado e sociedade civil. Isso se evidencia tendo em vista os programas de cursos, que envolvem desde o estudo de questões econômicas, filosóficas e políticas voltadas a diferentes correntes do neoliberalismo, até estudos sobre comunicação, liderança e persuasão. Além disso, é demonstrada a socialização de participantes com tomadores de decisão do Estado, por meio de palestras ou aulas.

3.4 ATIVIDADES DE FORMAÇÃO SOB UMA ÓTICA NEOGRAMSCIANA

A Atlas e os think tanks da rede no Brasil são atores que desempenham atividades de formação complementares: enquanto os cursos da Atlas têm como principal foco a gestão de think tanks e técnicas de reprodução de ideias, os think tanks concentram seus cursos no debate intelectual de ideias neoliberais e na formação ideológica de intelectuais orgânicos. Para ter acesso aos cursos mais avançados da Atlas, que são presenciais e podem ser financiados por meio da rede, é necessário que o candidato componha o quadro funcional de um think tank que seja parte da rede. E para ser parte da rede, o think tank precisa cumprir uma série de requisitos, inclusive compartilhar a visão de mundo da Atlas, funcionando como um filtro ideológico para acesso aos cursos que ocorrem no âmbito da Atlas.

Na medida em que tanto a Atlas como think tanks no Brasil desempenham atividades de formação, parece necessário retomar o conceito de think tank a partir da ótica neogramsciana, que pode compreender, também, a dimensão de escola. Assim, da mesma forma que o grupo social cria seus próprios intelectuais orgânicos, ele cria, também, a escola que tem por função formar seus dirigentes e especialistas, que vão atuar na aglutinação entre diferentes grupos sociais em torno de determinada ideia e na formação de novos intelectuais orgânicos. No caso da Atlas e dos think tanks da rede, essa formação envolve desde atividades

intelectuais, como o estudo de diferentes escolas de pensamento que compõem a doutrina neoliberal, até o estudo de padrões de liderança e de estratégias de administração de think tanks.

Nesta linha, os think tanks da rede no Brasil assumem papel de centros de formação de intelectuais orgânicos, sobretudo porque têm por foco a reprodução de ideias, a discussão de temas políticos imediatos e a formação de dirigentes empresariais e políticos. Isso pode ser ilustrado por meio da natureza dos cursos oferecidos no âmbito dos think tanks. Por exemplo, os cursos no Instituto Liberal e no IMB se concentram no debate de ideias sobre diferentes correntes da doutrina neoliberal. A Academia Livres, do Livres, se concentra na formação de lideranças políticas, assim como o Projeto Nabuco. E os ciclos de formação, dos institutos de Formação de Líderes e do Líderes do Amanhã, se voltam para a formação de dirigentes empresariais e políticos.

Em complemento, a Atlas também desempenha papel de formar intelectuais orgânicos, ao mesmo tempo em que atua na formação e impulsionamento de novos think tanks. É possível observar que todos os cursos que compõem a Atlas Leadership Academy se concentram em técnicas de gestão de think tanks, envolvendo desde marketing até a busca por financiadores, ou em formação de lideranças, desde níveis básicos até mais avançados. Dessa forma, a Atlas tem toda sua formação voltada a desenvolver, administrar e impulsionar novos institutos ou redefinir estratégias de think tanks já ativos. Na medida em que esses think tanks também atuam como núcleos de formação, a Atlas é a materialização neogramsciana de grupo social que cria suas escolas para formar seus próprios intelectuais orgânicos.

4 COOPTAÇÃO DE THINK TANKS E REPRODUÇÃO DE IDEIAS

Neste capítulo, serão abordadas as principais formas de atuação da Atlas, concentrando-se sobretudo nas atividades de cooptação de intelectuais orgânicos e think tanks, para disputar a hegemonia ideológica do neoliberalismo. Enquanto na primeira parte do texto buscou-se concentrar a pesquisa em projetos e programas desenvolvidos no âmbito da Atlas, na segunda parte buscou-se concentrar nas atividades desempenhadas pelos think tanks filiados à rede no Brasil. Dessa forma, este capítulo continua a responder a seguinte pergunta: como a Atlas atua no Brasil?

Com a pesquisa documental, foi possível mapear programas de financiamento e premiações. Os programas, projetos ou atividades identificados no âmbito da Atlas foram os seguintes: *International Student Project Grant*, *Think Tank Startup Fund*, *Project/Other Grant*, *Camera*, *Liberty Film Festival Award*, *Regional Liberty Awards*, *Smith Student Outreach Award*, *Templeton Freedom Award*, *Think Tank Shark Tank Award Competition*, *Atlas Network Book Translations*, *Global Voices for Open Trade*, *Ilberalism Grant*, *Joining up to minimize poverty grant (Jump)* e *Poverty & Freedom Grants*.

E, no âmbito dos think tanks, foram identificados programas, projetos ou atividades de cooptação nos seguintes institutos: Centro Mackenzie, Instituto Atlantos, IEE, IFL-SP, ILA, Instituto Millenium, Livres, Observatório do Empreendedor e *SFL Brasil*. Também foram entrevistados os seguintes dirigentes: Manoel Ferreira (Livres), Gustavo Fernandes (Instituto Atlantos), Vladimir Maciel (Centro Mackenzie), Lucas Berlanza (Instituto Liberal), Ariel Mehler (IFL-SP) e um diretor do SFL Brasil, que preferiu não ser identificado.

4.1 COMPETIÇÃO, FINANCIAMENTO E DIREÇÃO INTELECTUAL

A seguir serão apresentados os programas mapeados no âmbito da Atlas. Identificou-se que eles se concentram principalmente em incentivar a competição e a financiar e fornecer direção intelectual. O critério da Atlas para think tanks concorrerem a programas de financiamento ou ingressarem nas competições é de que, preferencialmente, o think tank faça parte da rede e que seus dirigentes tenham passado por cursos de formação na organização estadunidense. Conforme

informações disponibilizadas no site da Atlas, a seleção dos projetos a serem financiados responde estritamente aos objetivos de doadores e mantenedores dos programas de financiamento.

International Student Project Grant é um programa de financiamento que subsidia projetos de redes estudantis ou de think tanks voltados ao público estudantil. O foco do programa é financiar estudantes ou institutos que desenvolvam projetos de formação, organização e criação da “próxima geração de líderes de think tanks”. A maioria das bolsas que compõem o programa é de US\$ 500,00. Think tanks ou estudantes dos EUA e do Canadá não podem concorrer ao subsídio. Não foram encontradas informações públicas sobre doadores do projeto (ATLAS NETWORK, 2020m, online, tradução nossa).

Think Tank Startup Fund é um programa direcionado para fornecer suporte a dirigentes de novos think tanks, por meio da combinação de subsídios financeiros, treinamento e socialização na rede da Atlas. O objetivo do programa é estabelecer a credibilidade e construir a legitimidade de institutos participantes, sobretudo relacionada com futuros apoiadores. Como contrapartida, os think tanks que se candidatam precisam apresentar estrutura e planejamento, terem sido fundados nos últimos quatro anos ou estarem passando por um processo de reestruturação. Os candidatos mais competitivos são aqueles que passaram por cursos na Atlas e, além disso, o próprio programa é composto por um curso específico. Anualmente, a Atlas abre quatro concorrências para o ingresso no *Think Tank Startup Fund* (ATLAS NETWORK, 2020p). Não há informações públicas sobre doadores do programa ou especificidades com relação às atividades desenvolvidas no âmbito do programa.

Project/Other Grant envolve financiamento para projetos de think tanks que não se enquadrem nos demais programas da Atlas e é direcionado especificamente para institutos filiados à rede. A principal finalidade é o investimento em novas organizações ou o desenvolvimento de filiados à rede que já estão estabelecidos. A Atlas não atribui regras específicas a esse programa. A organização comunica que não financia diretamente os projetos, mas que um número considerável de doadores os busca para recomendações sobre onde investir recursos no que denomina de movimento pela Liberdade (ATLAS NETWORK, 2020q). Não há informações públicas sobre doadores do programa.

Elevator Pitch Competition Award é uma premiação para estudantes que participaram do curso *Think Tank MBA*. Os concorrentes têm um minuto para

defender determinada ideia diante de uma audiência específica no *Liberty Forum*, que vai selecionar o vencedor. A proposta é que o concorrente seja capaz de articular uma mensagem clara e eficiente sobre a essência do *think tank* que representa, dado que a Atlas considera que “na batalha pela liberdade apenas os melhores comunicadores sobrevivem” (ATLAS NETWORK, 2015b, tradução nossa). O vencedor recebe uma quantia de US\$ 1 mil (ATLAS NETWORK, 2020r).

Lights, Camera, Liberty Film Festival Award é um concurso que premia vídeos desenvolvidos por think tanks filiados à Atlas, que tenham alcançado um público considerável e que tenham utilizado estratégia comunicacional eficiente. Os finalistas recebem bolsas de viagem para participar do *Liberty Forum* e do *Freedom Dinner*, onde apresentarão o material para doadores da comunidade da Atlas. O ganhador recebe US\$ 1 mil. Em 2020, a Atlas, aparentemente, ampliou o programa. Ele passou a estar vinculado ao *workshop* anual *Lights, Camera, Liberty*, em que selecionados são orientados por professores de cinema, em Los Angeles, California, sobre como produzir vídeos e construir narrativas. Os participantes registrados no *workshop* precisam apresentar uma proposta de filme. Algumas propostas são selecionadas e apresentadas para representantes da indústria cinematográfica. Dessas selecionadas, dez são premiadas: os autores recebem US\$ 5 mil para executar a ideia e são assessorados por uma equipe em todas as etapas da produção, desde estágios iniciais até estratégias de divulgação (ATLAS NETWORK, 2020s).

Templeton Freedom Award é um concurso anual que premia um think tank que tenha contribuído para a construção de políticas públicas que incentivem o “livre mercado” e que tenha papel significativo na disseminação de “ideias de liberdade”. É avaliado o desempenho do instituto nos últimos dois anos, a partir da mensuração do impacto estratégico das ações desenvolvidas na política, na academia, na sociedade e na mídia. Na avaliação também é considerada a contribuição do instituto no campo da educação para a “livre iniciativa” e na pesquisa em políticas públicas. Outro fator considerado é se o think tank concorrente conseguiu construir bases para melhorar a pontuação do seu país de origem no Índice de Liberdade Econômica. O think tank vencedor recebe US\$ 100 mil. O prêmio é patrocinado pelo *Templeton Religion Trust*, administrado pela *John Templeton Foundation* (ATLAS NETWORK, 2020t).

Regional Liberty Awards são seis premiações concedidas a think tanks de diferentes regiões do mundo, que concorrem também ao *Templeton Freedom Award*. Assim, o processo de inscrição e seleção é o mesmo. São premiados institutos da Ásia, África, Europa, América Latina, América do Norte e Oriente Médio e norte da África. Os selecionados de cada região recebem US\$ 20 mil, suporte para participar do *Liberty Forum*, em Nova Iorque, e concorrem ao *Templeton Freedom Award*. O prêmio é patrocinado pelo *Templeton Religion Trust*, administrado pela *John Templeton Foundation* (ATLAS NETWORK, 2020u).

Smith Student Outreach Award é uma premiação anual concedida a think tanks e estudantes bolsistas da Atlas que desenvolvam projetos focados no que a Atlas denomina de liberdade. O prêmio de US\$ 3 mil é financiado pela *Smith Family Foundation*. Não há informações disponíveis sobre como acontece a seleção dos projetos premiados ou sobre o processo de inscrição. *Think Tank Shark Tank Award Competition* é uma competição direcionada para estudantes da *Atlas Leadership Academy*, em que concorrentes têm até cinco minutos para apresentar uma proposta de criação de um think tank. Todos os estudantes da *Atlas Leadership Academy* são convidados a participar, sendo pré-selecionadas três propostas. Os concorrentes selecionados são avaliados por um painel de jurados formado por “defensores da Liberdade, influenciadores e apoiadores”. A proposta vencedora recebe US\$ 25 mil (ATLAS NETWORK, 2020v).

Atlas Network Book Translations é um programa em que a Atlas fornece direitos de tradução e publicação para livros escritos no âmbito da organização e compilações originais. A proposta é que think tanks utilizem da tradução de livros para disseminar ideias e aumentar a visibilidade do instituto. Os pedidos de subsídio para publicações ocorrem trimestralmente (ATLAS NETWORK, 2020w).

Global Voices for Open Trade é um programa de subsídio que fornece recursos para think tanks vinculados à Atlas desenvolverem projetos de pesquisa e educação direcionados a defender a aplicação de “políticas unilaterais de livre mercado” e “reformas necessárias nas economias nacionais”. Esses projetos precisam envolver tanto o processo de pesquisa como de comunicação direcionada à “mídia, classe política e autoridades comerciais”. São fornecidas seis bolsas, de US\$ 32 mil cada, para os selecionados (ATLAS NETWORK, 2020x).

Illiberalism Grant é um programa de subsídio direcionado a financiar think tanks vinculados à Atlas, que desenvolvam projetos para “combater o novo

autoritarismo” e “impedir o crescimento do sentimento estatista anti-liberal”. De acordo com regras estabelecidas pela Atlas, propostas que demonstrem estratégias de difusão serão beneficiadas com bolsas que variam de US\$ 10 mil a US\$ 20 mil. Entre os tópicos citados pela organização como principais alvos, é possível destacar reformas constitucionais de controle da mídia pelo Estado, qualquer tipo de política que seja de oposição ao “livre-mercado”, propagandas que relacionem problemas econômicos com minorias e retóricas que se opõem ao livre mercado, globalização ou promovam o nacionalismo econômico (ATLAS NETWORK, 2020y). Não há informações sobre quantos projetos são beneficiados pela bolsa anualmente.

Joining up to minimize poverty grant (Jump) é um programa que financia think tanks vinculados à Atlas, que desenvolvam projetos voltados a disseminar mensagens que relacionem redução de pobreza com liberdade econômica. O foco do financiamento é projetos que estejam direcionados para além do âmbito da Atlas e que envolvam, sobretudo, atividades educacionais e de propaganda. Sendo assim, estratégias multimídia são valorizadas na seleção, como projetos que envolvem produção de vídeos e fotojornalismo. A sugestão da Atlas é de projetos de até US\$ 15 mil, mas quantias maiores podem ser consideradas, dependendo da proposta. A seleção é aberta tanto para think tanks estadunidenses como de outros países (ATLAS NETWORK, 2020z). Não há informações sobre quantos projetos são contemplados com a bolsa anualmente.

Poverty & Freedom Grants é um programa que financia think tanks filiados à Atlas que apresentem planos viáveis de reformas políticas voltadas à redução da pobreza por meio do “livre mercado”. Não é exigida nenhuma área específica para apresentação de propostas. Contudo, a Atlas indica que as propostas de reforma precisam estar ancoradas nos índices de liberdade econômica espalhados pelo mundo. Diferente do *Jump*, esse subsídio é voltado mais à política pública e menos à disseminação de ideias. A concorrência é aberta para think tanks dos EUA e de outros países. O subsídio varia de US\$ 20 mil a US\$ 35 mil. Não há informações sobre quantos projetos são contemplados anualmente (ATLAS NETWORK, 2020aa).

O Quadro 4 mostra a relação dos programas e premiações da Atlas abordados nesta pesquisa. A partir das informações levantadas pela pesquisa documental, observa-se que a maioria deles têm como pré-requisito de inscrição a participação em cursos da Atlas. Na medida em que a inscrição nos treinamentos

está condicionada à participação na rede, logo a maioria dos programas de financiamento e premiações são exclusivos para membros da Atlas.

Quadro 4 - Programas e premiações da Atlas Network

Bolsas e programas de financiamento	Project/Other Grant
	Global Voices for Open Trade
	Joining up to minimize poverty grant
	Poverty & Freedom Grant
	Il liberalism Grant
	Economic Freedom Audit Grant
	Atlas Network Book Translations
	Think Tank Startup Fund
	International Student Project Grant
	Lights, Camera, Liberty
Concursos e premiações	Templeton Freedom Award
	Elevator Pitch Competition
	Lights, Camera, Liberty
	Regional Liberty Awards
	Smith Student Outreach Award
	Think Tank Shark Tank Award Competition

Fonte: Autor (2020).

A partir da análise documental, é possível apontar que as bases das atividades de cooptação da Atlas são incentivar a competição entre think tanks por meio de concursos e premiações e dirigir intelectualmente esses institutos e intelectuais orgânicos por meio de incentivos financeiros para projetos, que condizem com as diretrizes da organização estadunidense. Pode-se observar, também, que a cooptação, no escopo da Atlas, ocorre no nível em que think tanks e intelectuais orgânicos já compartilham de princípios ideológicos da organização estadunidense, dado que a maioria dos programas requer que os candidatos façam parte da rede e tenham se formado na *Atlas Leadership Academy*.

Além disso, segundo entrevistados — conforme será abordado especificamente no capítulo 5 — programas e eventos da Atlas servem para estabelecer conexões com think tanks de outros países e para qualificar a atuação de seus respectivos institutos. Prêmios são vistos como símbolo de prestígio no universo dos think tanks neoliberais no Brasil e programas de financiamento são apontados como uma forma de viabilizar a execução de projetos específicos. Assim, a cooptação passa a ser um instrumento para moldar a ação de think tanks e intelectuais orgânicos dentro de uma base ideológica já estabelecida.

4.2 REPRODUÇÃO DE IDEIAS E ADVOCACY DO NEOLIBERALISMO

A seguir são apresentados os programas de cooptação mapeados no âmbito dos think tanks filiados à Atlas no Brasil. Identificou-se que a maioria deles se volta para a reprodução de ideias e para o *advocacy* de ideias neoliberais. Todos os think tanks vinculados à *Atlas* no Brasil desenvolvem atividades de cooptação, na medida em que mantêm publicações em redes sociais, blogs atualizados e promovem eventos regularmente. Isso envolve publicação de textos de opinião, produção de *podcasts*, *webinars* e discussões sobre livros e artigos. Assim, todos os think tanks estudados mobilizam suas audiências por meio das redes sociais. Do outro lado, além desse tipo de atividade, alguns se concentram em programas de cooptação específicos, que serão abordados a seguir a partir de entrevistas e pesquisa documental³⁵.

O Centro Mackenzie de Liberdade Econômica mantém os projetos Barômetro da Liberdade Econômica, Auditoria da Liberdade Econômica, Observatório do Legislativo, Painel Mackenzie de Liberdade Econômica e Índice Mackenzie de Liberdade Econômica Estadual. Em linhas gerais, esses projetos objetivam medir quantitativamente e qualitativamente o grau de livre mercado em vários aspectos (CENTRO MACKENZIE, 2020a). O Barômetro da Liberdade Econômica foi implementado durante as eleições presidenciais de 2018 e visava a identificar qual candidato era o “mais liberal” e qual era o “mais intervencionista” na economia (CENTRO MACKENZIE, 2020b). A Auditoria da Liberdade Econômica³⁶ é um projeto iniciado em 2018, que objetiva “discutir a posição do Brasil no Ranking Mundial de Liberdade Econômica e propôr ações de melhoria da posição do País”. Relatórios resultantes desse projeto foram entregues aos candidatos à Presidência da República, em 2018 (CENTRO MACKENZIE, 2018).

³⁵ Além dos projetos mencionados no âmbito da pesquisa, os fóruns promovidos por think tanks vinculados à Atlas podem ser considerados projetos de cooptação. Alguns deles são brevemente citados no site da Atlas. Contudo, a dimensão desses eventos é demasiadamente ampla para o escopo desta dissertação, na medida em que são vários eventos, sendo que alguns acontecem desde a década de 80. Os fóruns são os seguintes: Fórum da Liberdade (IEE) Fórum da Liberdade e Democracia de São Paulo (IFL-SP), Fórum da Liberdade e Democracia de Vitória (ILA), Fórum da Liberdade e Democracia de Santa Catarina (IFL-SC) e Fórum da Liberdade e Democracia de Belo Horizonte (IFL-BH). Além disso, é comum que a Atlas conste como “parceira internacional” no rol de patrocinadores destes eventos.

³⁶ Este projeto é desenvolvido em conjunto com a *Atlas Network* e o *think tank* canadense *Fraser Institute*, que criou um dos índices mundiais de Liberdade Econômica.

Como o Centro Mackenzie é focado em pesquisa aplicada, o diretor do think tank, Vladimir Maciel, relata que o Centro acaba participando dos processos de tomada de decisão na política pela natureza de sua vocação. Também ocorre de o think tank participar ativamente de audiências públicas e de debates em universidades. Um dos objetivos é trazer o público externo para dentro da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Maciel compreende que o think tank ainda não está no estágio de desenvolver políticas públicas ou praticar *advocacy* e que, por ser um think tank acadêmico, essa não é uma pretensão. Ele relata sobre a participação política do Centro:

A gente acaba participando, por conta dos eventos que a gente realiza, dos estudos que a gente publica, a gente começa a aparecer e ser conhecido. E aí, algumas questões, os próprios políticos às vezes nos procuram. Outras vezes somos acionados para enviar o material e falar [...].(O Observatório do Legislativo) isso chamou a atenção, por exemplo, de alguns representantes estaduais e federais [...] A gente não está nesse estágio (de fazer *advocacy*) e nem sei se faz sentido porque a nossa origem é a origem da universidade. o que a gente está dando são critérios pra tomada de decisão, trazendo elementos e evidências empíricas para algumas questões. **(Vladimir Maciel, coordenador do Centro Mackenzie de Liberdade Econômica, outubro de 2020).**

O Observatório do Legislativo, projeto que Maciel se refere na citação, visa a monitorar o Congresso Nacional e a Câmara Estadual e a Municipal de São Paulo “em busca de projetos de lei ou leis aprovadas que interfiram na liberdade econômica”. O objetivo do think tank com esse projeto é conhecer os políticos que “impactam a livre iniciativa” e promover o debate público (CENTRO MACKENZIE, 2016a). O Painel Mackenzie de Liberdade Econômica tem por objetivo simular, por meio de algoritmos, mudanças de posição do Brasil em rankings internacionais sobre liberdade econômica. O objetivo do programa é construir indicadores quantitativos, com base em índices de liberdade econômica, para embasar a decisão de políticos³⁷ (CENTRO MACKENZIE, 2016b). O Índice Mackenzie de Liberdade Econômica Estadual visa a medir, a partir da metodologia desenvolvida pelo Fraser Institute, o grau de liberdade econômica dos estados brasileiros. O objetivo do think tank com o projeto é colocar o tema em discussão diante da opinião pública, como forma de embasar argumentos de defesa ao neoliberalismo (CENTRO MACKENZIE, 2016c).

³⁷ Como exemplo de aplicação, o Centro Mackenzie cita: “O que aconteceria com a posição do Brasil no ranking ‘Economic Freedom of the World’, que ocupa a 137ª colocação em 2017, caso a nota referente ao “tempo gasto para se cumprir as obrigações fiscais” melhorasse em 25%?”

As atividades de cooptação do Instituto Atlantos se concentram em escolas e universidades, por meio de palestras regulares e grupos de estudo. Como o think tank é localizado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, sua presença é mais significativa nas universidades porto-alegrenses. Assim, sua atuação se concentra na UFRGS, ESPM-Sul, PUCRS, Fadergs e FMP (INSTITUTO ATLANTOS, 2019). O foco das atividades desenvolvidas pelo Instituto Atlantos é economia, política, direito, filosofia, sociologia, história e empreendedorismo, com uma linguagem voltada aos alunos das universidades mencionadas.

Segundo o presidente do Instituto Atlantos, Gustavo Fernandes, para cada curso ou universidade, o instituto trabalha com uma linguagem própria e baseada na opinião de estudantes sobre temas importantes relacionados ao que denomina de liberalismo. Em alguns casos, o discurso utilizado se aproxima mais da filosofia, em outros, da administração. Assim, segundo Fernandes, os assuntos abordados dentro dos grupos de estudo variam desde empreendedorismo até Estado de Direito:

Então, tu adapta a ideia de acordo com o público, de qual segmento dos princípios liberais tu vai focar mais naquela faculdade. Os grupos de estudos funcionam como funil, as pessoas mais engajadas e qualificadas normalmente viram coordenadores do Atlantos. E dentro da instituição tu tem coordenadores, diretores e presidente. O Atlantos, internamente, funciona como um *hub* de ideias de seus coordenadores [...] Então, cada coordenador tem bastante autonomia para criar projetos dentro do instituto contanto que eles estejam de acordo com que a gente vê como uma boa política pública, ou valores acadêmicos adequados ou a metodologia correta. **(Gustavo Fernandes, presidente do Instituto Atlantos, outubro de 2020).**

Na medida em que o think tank se concentra na cooptação de estudantes, não há projetos voltados para influenciar a elaboração de políticas públicas. Contudo, é comum que políticos sejam convidados para participar de eventos promovidos pelo Instituto. Fernandes relata que há uma regra interna no think tank, de não promover eventos com políticos em campanha e de separar institucionalmente o Atlantos da política partidária, visto que entende que instituições acadêmicas tradicionalmente são cooptadas politicamente:

O Atlantos não apoia político algum. O Atlantos até faz lives eventualmente com algum político que tenha ideias liberais sobre temas específicos. Mas a gente evita tratar isso com eles na condição de “fale aqui sobre seu mandato”. Não. “Há um debate sobre reforma tributária, venha nos contar o que está acontecendo nos bastidores”. Ok. Mas nós temos uma regra muito clara que não fazemos lives ou eventos com políticos que estão em campanha. E nós temos muito cuidado com essa questão de política, porque instituições acadêmicas tradicionalmente são cooptadas para apoiarem segmentos da política. Isso é quase instintivo. Eu sou um cara que estou no meio político³⁸, por exemplo. Mas eu tenho um esforço institucional de separar isso, a minha pessoa, do que faço dentro da política e o que eu faço dentro do Atlantos. O Atlantos é um projeto acadêmico. **(Gustavo Fernandes, presidente do Instituto Atlantos, outubro de 2020).**

Já o IEE estabelece suas atividades de cooptação por meio da relação com a imprensa. A presidente do think tank, eleita para a gestão 2020/2021, Júlia Evangelista Tavares, mantém uma coluna mensal no jornal Zero Hora (ZH), de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Além disso, são frequentes as publicações de membros do instituto no Jornal do Comércio, também de Porto Alegre, e na seção de artigos, no ZH. O Instituto é frequentemente citado³⁹ por colonistas de jornais porto-alegrenses e membros do IEE são fontes para reportagens (INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS, 2020a).

No âmbito do IFL-SP, foram mapeados três atividades/projetos direcionados à cooptação: um blog vinculado ao portal de notícias Infomoney e dois programas, Acelera São Paulo e Educação Política e Empreendedora. O blog do IFL-SP, no Portal Infomoney, é um espaço para publicação de colunas de opinião e artigos de membros do Instituto e objetiva ampliar o alcance das ideias do IFL-SP. O programa Acelera São Paulo visa a propor políticas públicas ao Poder Público Municipal de São Paulo, que sejam voltadas a “melhorar o ambiente de negócios e impulsionar o empreendedorismo”. O objetivo é estabelecer vínculo direto entre o IFL-SP e tomadores de decisão, bem como fornecer argumentos a tomadores de decisão para aprovar políticas públicas específicas. O programa Educação Política e Empreendedora é um projeto direcionado a estudantes de Ensino Médio, de baixa renda, em que são realizados encontros que abordam política, economia, história, empreendedorismo e doutrinação política nas escolas. O objetivo é aproximar o IFL-

³⁸ Fernandes faz parte da assessoria jurídica do vereador Felipe Camozzato, do Partido Novo, que foi reeleito em 2020 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

³⁹ Um exemplo é a menção que a colonista de economia do ZH, Marta Sfredo, faz ao Instituto na sua coluna do dia 19 de junho de 2019. Ela cita que o terceiro ex-integrante do IEE assume um cargo no Governo Federal. De acordo com a nota, Eduardo Sampaio (Casa da Moeda), Paulo Uebel (Secretaria de Desburocratização) e Wagner Lenhardt (Secretaria de Gestão e Desempenho de Pessoal) assumiram funções no Governo Federal durante o governo Jair Bolsonaro.

SP das escolas e reproduzir suas ideias para estudantes do Ensino Médio (IFL SÃO PAULO, 2020).

No Instituto Millenium foram identificados os seguintes programas: Imil na Sala de Aula, Millenium Fiscaliza e Millenium Analisa. O Imil na Sala de Aula consiste em aulas pontuais, em universidades públicas e privadas, que tenham por objetivo “discutir com os jovens valores como liberdade, Estado de Direito, economia de mercado e democracia”. Os formadores de opinião são especialistas que fazem parte do Instituto Millenium (INSTITUTO MILLENIUM, 2020a). O Millenium Fiscaliza é um conjunto de análises que objetivam “acompanhar e fiscalizar como e onde os políticos gastam o dinheiro dos impostos”. Já o Millenium Analisa é um conjunto de estudos que aborda “áreas importantes para o desenvolvimento do Brasil”. Entre eles, é possível citar um estudo que “mostra o impacto das distorções do funcionalismo na economia brasileira”, outro que “mostra que resultados na educação refletem ineficiência do Estado” e, por fim, um terceiro que aborda como o sistema previdenciário brasileiro “acentua desigualdades e promove a pobreza” (INSTITUTO MILLENIUM, 2020b).

No âmbito do Livres, foram mapeados três projetos de cooptação: a Bancada da Liberdade, o Líder Livres e o Embaixadores Livres. A Bancada da Liberdade é uma coalizão suprapartidária, presente no Congresso Nacional, em assembleias legislativas e em câmaras municipais, composta por 25 políticos, de dez partidos, associados ao Livres, que baseiam sua atuação “na defesa de liberdades individuais”. A seleção dos membros dessa Bancada é baseada no alinhamento dos candidatos à doutrina defendida no âmbito do Livres (LIVRES, 2020a). O Líderes Livres é uma certificação fornecida pelo Livres para seus associados. Para fazer parte, o candidato precisa se comprometer com os princípios do Livres, apresentar alinhamento ético e ter “histórico de engajamento com a defesa do liberalismo por inteiro”. Políticos que fazem parte da Bancada da Liberdade também são Líderes Livres (LIVRES, 2020b). E Embaixadores Livres é um ciclo de capacitação para jovens da periferia do Recife voltado para o empreendedorismo.

Outra prática do Livres é a publicação de notas técnicas a respeito de projetos de lei que sejam relevantes para as ideias defendidas no âmbito do instituto. Segundo relatou em entrevista o diretor de comunicação do Livres, Manoel Ferreira, o público em geral também é importante, na medida em que um dos objetivos é criar um público interessado no debate de ideias liberais. Além desses projetos

específicos, o instituto se organiza por meio de núcleos setoriais voluntários, que desenvolvem atividades específicas para cada região e área de atuação. Nessa linha, Ferreira relatou em entrevista como o Livres atua junto a políticos ou formuladores de política:

A gente faz isso através da promoção de audiências públicas. A gente realizou duas esse ano (em 2020). Uma sobre o projeto das *fake news* e outra sobre o ENEM. E antes disso... a promoção de audiência pública foi uma espécie de adaptação que a gente teve em função da pandemia... Mas antes da pandemia o que a gente costumava fazer eram cafés da manhã na Câmara de Deputados convidando deputados como um todo e pessoas que trabalham como assessores de gabinete dos deputados, sempre para conversar com alguns especialistas sobre temas que tenham a ver com a nossa agenda. **(Manoel Ferreira, diretor de comunicação do Livres, outubro de 2020).**

O Observatório do Empreendedor desenvolve boletins e relatórios sobre projetos de lei em tramitação, que envolvam regulações do mercado. Os boletins analisam se determinados projetos de lei, selecionados pelo think tank, são uma ameaça ao empreendedorismo e ao livre mercado (OBSERVATÓRIO DO EMPREENDEDOR, 2020a). O instituto também produz relatórios pontuais sobre reformas políticas, como o caso do relatório avaliativo sobre a reforma tributária. No relatório, é apresentada uma discussão sobre todas as propostas de reforma tributária em tramitação e faz uma avaliação de quais seriam mais compatíveis com as ideias defendidas no âmbito do Observatório (OBSERVATÓRIO DO EMPREENDEDOR, 2020b).

Já sobre o Instituto Liberal, não foi possível mapear atividades de cooptação desenvolvidas pelo think tank por meio de seu site, na medida em que a maioria dos projetos parecem estar voltados para a formação, com exceção de conferências anuais, que começaram a ser promovidas em 2019, após uma reestruturação no instituto. Do outro lado, o diretor-presidente do think tank, Lucas Berlanza, relata que atividades de cooptação fizeram parte da história do Instituto Liberal, na medida em que o think tank editava livros, promovia colóquios e produzia *papers* e projetos de lei que eram enviados a políticos e atores do Estado. À época, os institutos liberais estavam mais relacionados uns aos outros e eram vários que seguiam a mesma filosofia e o mesmo estatuto.

Com a consolidação do Plano Real e o avanço do que Berlanza denomina de agenda liberal durante o governo Fernando Henrique Cardoso, na metade da década de 90, as doações para os institutos foram diminuindo. Dado o cenário

político, Berlanza relata que os mantenedores acreditavam que não era necessário manter think tanks defendendo determinadas ideias. Assim, os institutos liberais foram fechando um a um até restar somente dois: o de Porto Alegre, denominado atualmente Instituto Liberdade, que também faz parte da rede da Atlas, e o do Rio de Janeiro, do qual Berlanza é diretor-presidente.

Até 2013, o Instituto Liberal ficou somente com um site pouco atualizado e uma revista chamada Banco de Ideias. O think tank se tornou mais ativo com a chegada de Rodrigo Constantino, Salim Matar — que ocupou posição de secretário de Desestatização no Ministério da Economia do governo Bolsonaro —, e Bernardo Santoro — chefe da Casa Civil do governo Wilson Witzel, no Rio de Janeiro. A partir disso, o site passou a ser mais atualizado e o blog se transformou em espaço de debate sobre diferentes correntes de pensamento do campo que Berlanza denomina liberalismo. Segundo o diretor-presidente, o think tank ainda passa pelo processo de reestruturação:

A gente tem encontros virtuais em parceria com outras organizações. O grupo Dragão do Mar, o Instituto Libercracia de Petrolina, enfim. De vez em quando, o Mises também participa. Encontros virtuais públicos para falar exclusivamente sobre as obras de autores referenciais do liberalismo. Melchior, Mises e companhia. E eventos. Eu realizei a primeira conferência exclusiva do Instituto Liberal no ano passado, na ABI. Mas, aquela história, a pandemia chegou. Então os eventos estão basicamente parados. O que está acontecendo apenas são esses encontros virtuais para discutir os projetos. Paper, projeto de lei, isso tudo está parado há anos. A gente não voltou a fazer. Por enquanto, não é a prioridade. A gente precisa se reestruturar, né? Nessa parte educacional, nessa parte intelectual. A gente está se reestruturando. Trazendo novas iniciativas. Depois a gente pode pensar em investir em outras áreas. No momento é isso que a gente faz. **(Lucas Berlanza, diretor-presidente do Instituto Liberal, outubro de 2020).**

No âmbito do *SFL Brasil*, foram identificados o Projeto de Coordenadores e o Brasil Empreende. O Projeto de Coordenadores objetiva cooptar líderes estudantis dispostos a “espalhar as ideias de uma sociedade livre” e promover eventos com discussões sobre ideias associadas a correntes específicas do que denominam liberalismo. Assim, os selecionados organizam eventos, identificam e cooptam outros estudantes, também interessados nesse conjunto de ideias. Os critérios para participar do programa são ter de 17 a 29 anos e estar regularmente matriculado em uma instituição de ensino. Diversos eventos organizados por coordenadores do SFL Brasil já ocorreram em universidades (STUDENTS FOR LIBERTY BRASIL, 2020a). O Brasil Empreende é um movimento, criado no âmbito do SFL Brasil, em parceria

com outras organizações, que visa a “construir um Brasil mais livre, com menos impostos e burocracia e mais empreendedorismo e empregos”. Não há divulgação sobre as atividades desenvolvidas no Brasil Empreende. O movimento foi criado em 2019 (STUDENTS FOR LIBERTY BRASIL, 2019).

O dirigente do SFL Brasil relatou em entrevista que em 2020 foram promovidos 800 eventos, que mobilizaram 23 mil pessoas. Segundo ele, por meio desse tipo de atividade, o SFL Brasil difunde o liberalismo e treina seus coordenadores. Sobre ação política, segundo o dirigente, há limitações legais:

Com relação ao contato com políticos e políticas públicas, nós não podemos atuar dentro dessa área de forma direta, justamente porque, como a instituição é internacional, nos EUA o SFL é tido como categoria 501(c)(3), que proíbe que nós tenhamos participação em ativismo político ou mesmo criação de políticas públicas. De qualquer forma, por nossos coordenadores estarem se desenvolvendo dentro da teoria liberal, eles acabam tendo muito contato com economia e com política. Vários deles se interessam por participar, depois, na política *stricto sensu*. Então a gente tem alguns (inaudível) que também já se tornaram candidatos, que são hoje mandatários, por exemplo o Giuseppe Riesgo, do Rio Grande do Sul, que é deputado estadual (**Dirigente do SFL Brasil, outubro de 2020**).

O deputado estadual Giuseppe Riesgo, citado pelo dirigente do SFL Brasil, foi eleito deputado estadual pelo Partido Novo, no Rio Grande do Sul, em 2018. Na minibiografia publicada em seu site, Riesgo relata que começou sua militância no que denomina movimento liberal aos 17 anos. Também que foi coordenador regional e estadual do SFL Brasil de 2016 a 2018. Junto com Fábio Ostermann, que passou por cursos de formação na Atlas, Riesgo forma a bancada do Partido Novo na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. A seguir é apresentado um resumo dos projetos identificados no âmbito dos think tanks da Atlas no Brasil.

Quadro 5 - Projetos de cooptação de think tanks vinculados à Atlas Network

Atividade/ Projeto	Think Tank
Barômetro da Liberdade Econômica	Centro Mackenzie
Auditoria da Liberdade Econômica no Brasil	
Observatório do Legislativo	
Painel Mackenzie de Liberdade Econômica	
Índice Mackenzie de Liberdade Econômica Estadual	
Atividades desenvolvidas nas escolas e universidades	Instituto Atlantos
Publicações na Imprensa	IEE
Blog na Infomoney	IFL-SP
Acelera São Paulo	
Educação Política e Empreendedora	
Publicações na Imprensa	Instituto Líderes do Amanhã
Imil na Sala de Aula	Instituto Millenium
Millenium Analisa	
Millenium Fiscaliza	
Bancada da Liberdade	Livres
Líder Livres	
Boletins	Observatório do Empreendedor
Programa de Coordenadores	SFL Brasil
Brasil Empreende	

Fonte: Autor (2020).

O Quadro 5 ilustra todas as atividades de cooptação mapeadas nesta pesquisa, desenvolvidas no âmbito dos think tanks estudados. Por meio da análise

documental e com base nas informações apresentadas, observa-se que enquanto alguns think tanks se focam em estudantes, outros estão voltados para políticos, tomadores de decisão, imprensa ou público em geral. Assim, as atividades de cooptação desses institutos parecem se concentrar em dois objetivos principais: na reprodução de ideias para fora do âmbito da Atlas e na tentativa de criar um ambiente político propício para o avanço na aplicação de ideias neoliberais. Conforme as entrevistas irão demonstrar no capítulo seguinte, algumas atividades desenvolvidas no âmbito dos think tanks no Brasil foram ou são financiadas pela Atlas ou são fruto de projetos de capacitação desenvolvidos pela Atlas.

4.3 ATIVIDADES DE COOPTAÇÃO SOB UMA ÓTICA NEOGRAMSCIANA

Enquanto as atividades de cooptação desenvolvidas por think tanks da rede no Brasil se constituem pela tentativa de estabelecer diálogo com diferentes grupos sociais e de influenciar o ambiente político e a opinião pública para a aceitação de ideias associadas ao neoliberalismo, a Atlas atua como financiadora de projetos específicos por meio de seus programas e como espaço de socialização entre membros da rede por meio de seus eventos. Para ter acesso aos programas de financiamento, membros de think tanks precisam, na maioria dos casos, participar dos programas de formação da Atlas. E, além disso, é necessário que o instituto faça parte da rede, tendo que cumprir com os requisitos. Dessa forma, tanto a participação nas atividades de formação quanto a associação à rede funcionam como filtros ideológicos para o acesso a eventos e a programas de financiamento da organização estadunidense.

A natureza das atividades de cooptação desenvolvidas no âmbito dos think tanks pode ser compreendida à luz do paradigma neogramsciano. Neste aspecto, think tanks da rede no Brasil, em especial aqueles que estabelecem diálogo dentro das universidades, exercem o papel de conquistar ideologicamente intelectuais tradicionais para disputar a hegemonia ideológica. E também de cooptar estudantes para sua ideologia. Tal prática pode ser ilustrada a partir das ações desenvolvidas pelo Instituto Atlantos e pelo programa Imil na Sala de Aula, do Instituto Millenium. Em conjunto, todos os institutos considerados na análise operam a partir de uma lógica de divisão de trabalho, com enfoques e atividades que se complementam.

Na mesma linha, a difusão de ideias por parte de intelectuais orgânicos que compõem os institutos estudados pode ser compreendida como movimento para a construção de consentimento entre grupos sociais subalternos e grupos sociais dominantes. Assim, retomando o argumento de Pautz (2011), intelectuais orgânicos desses think tanks atuam como “persuasores permanentes”, que buscam se legitimar nas esferas cultural, ética, moral e intelectual. Essa característica se torna visível a partir do diálogo que esses atores estabelecem com grupos sociais diversos, por meio da imprensa e de canais de comunicação variados. Também por meio de ações que buscam inserir o debate sobre o livre mercado na opinião pública, como aquelas desenvolvidas no âmbito do Centro Mackenzie e as publicações em blogs ou na imprensa tradicional por parte de outros institutos.

As atividades exercidas no âmbito do Livres, sobretudo no que se refere a formar uma bancada com deputados e vereadores que compartilham dos mesmos princípios ideológicos, podem ser caracterizadas como as mesmas desempenhadas pelos intelectuais orgânicos no sentido gramsciano, na medida em que, neste aspecto, o Livres assume função conectivo-organizativa. Além disso, por meio da criação de consenso e de aglutinação desses atores, o Livres cria condições de disputar a hegemonia ideológica para uma radicalização do neoliberalismo nas esferas políticas institucionais.

Por fim, os programas de cooptação da Atlas visam a aglutinar esses institutos no Brasil, socializar seus intelectuais orgânicos por meio de eventos regulares e financiar projetos específicos, que dialoguem com os objetivos da rede. Nessa linha, retomando a noção de rede e de think tanks neoliberais trabalhada em Plehwe, Walpen e Neunhoffer (2006), a Atlas desenvolve uma estratégia de atuação própria. Ela constrói um ambiente neoliberal no Brasil e conecta frações de elites nacionais, representadas em think tanks, a grupos sociais que compartilham dos mesmos princípios em outros países, formando uma teia neoliberal, que contribui para manter o neoliberalismo entrenchado na sociedade política e na sociedade civil. O próximo capítulo trata especificamente das conexões transnacionais estabelecidas no âmbito da Atlas.

5 CONEXÕES TRANSNACIONAIS E DISPUTAS PELA HEGEMONIA: A RELAÇÃO ENTRE A ATLAS E THINK TANKS NO BRASIL

Este capítulo tem por objetivo abordar especificamente as conexões que a Atlas estabelece no Brasil, buscando identificar quais objetivos orientam as atividades da organização. Isso foi feito por meio da pesquisa documental nos sites da Atlas e dos think tanks localizados no Brasil, bem como por entrevistas com dirigentes desses think tanks. Na primeira parte, o texto está voltado para a conexão entre think tanks e a Atlas e, na segunda parte, retomaram-se alguns conceitos trabalhados no capítulo dois para abordar as disputas de hegemonia e a aglutinação desses institutos.

Por meio da pesquisa documental, foram mapeados institutos sediados no Brasil e indivíduos que compõem esses think tanks, que tenham recebido premiações da Atlas ou participado de atividades de formação da organização nos EUA. Com as entrevistas, foi possível identificar projetos de think tanks financiados pela Atlas e compreender o vínculo que os think tanks estabelecem com a rede, bem como de que forma esses institutos disputam a hegemonia do neoliberalismo.

5.1 A AÇÃO DA ATLAS NO BRASIL E SUA RELAÇÃO COM THINK TANKS

A partir da pesquisa documental no site da Atlas, foram encontradas matérias de divulgação e artigos envolvendo os seguintes think tanks: IEE, SFL Brasil, Instituto Atlantos, IMB, Centro Mackenzie de Liberdade Econômica e Livres, além de menções pontuais a outros think tanks da rede. No material elencado no site da Atlas, também constam menções a dirigentes de think tanks do Brasil que participaram de atividades da Atlas, nos EUA, e dirigentes da Atlas que participaram de atividades de think tanks, no Brasil. Além disso, foram conduzidas entrevistas com os seguintes dirigentes: Manoel Ferreira (Livres), Gustavo Fernandes (Instituto Atlantos), Vladimir Maciel (Centro Mackenzie), Lucas Berlanza (Instituto Liberal), Ariel Mehler (IFL-SP) e um diretor do SFL, que preferiu não ser identificado.

O IEE é mencionado no âmbito da Atlas em várias matérias, sobretudo relacionado à promoção do Fórum da Liberdade, evento que ocorre anualmente em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e reúne políticos, empresários e ativistas em torno

de discussões sobre políticas de avanço da liberalização econômica. Em virtude do Fórum, o think tank constou como finalista do Templeton Freedom Award e do Latin America Liberty Award de 2017. No mesmo ano, recebeu o Juan Carlos Cachanosky Award pelo projeto do Fórum da Liberdade (ATLAS NETWORK, 2017b, 2017c). Em 2020, foi novamente finalista no Latin America Liberty Award pelo lançamento da 23ª edição do livro Pensamentos Liberais, que visava a orientar o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), eleito em 2018, na implementação de política públicas (ATLAS NETWORK, 2020ab).

A Atlas Network (2017d) aborda o Fórum da Liberdade como o “*super bowl* do liberalismo”, em referência à liga de elite do Futebol Americano, e como a “voz da mudança no Brasil”, na medida em que o evento reúne ministros de Estado, presidentes e ex-presidentes, congressistas e intelectuais, tendo impacto considerável na mídia e na opinião pública, servindo como estudo de caso para outros think tanks. O vice-presidente de programas internacionais da Atlas, Tom Palmer, palestrou no Fórum da Liberdade em 2017 e 2012 e o então presidente da Atlas, Alejandro Chafuen, em 2015 e 2006 (INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS, 2020b).

Figura 3 - Presidente do IEE recebe prêmio da Atlas, nos EUA



Fonte: Atlas Network (2017b).

As matérias publicadas no site da Atlas sobre o Fórum da Liberdade geralmente têm como fonte o ex-presidente do IEE Júlio Bratz Lamb, que também compareceu ao Liberty Freedom Dinner de 2017, nos EUA, para receber a premiação em nome do think tank. Em foto publicada no site da organização estadunidense, Bratz Lamb aparece ao lado do então presidente da Atlas Alejandro Chafuen (Figura 3). Não há informações públicas disponíveis sobre projetos do IEE financiados pela Atlas e nem de cursos dos quais quadros do think tank tenham participado.

Figura 4 - Tom Palmer palestra na Conferência Atlantos, de 2017, em Porto Alegre



Fonte: Atlas Network (2017e).

O Instituto Atlantos é citado no âmbito da Atlas por ter recebido o prêmio Smith Student Outreach Award de 2017, pela promoção da Conferência Atlantos, que aconteceu na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, em abril de 2017. De acordo com matéria publicada no site da Atlas, como resultado da conferência, o Atlantos formou sete novas lideranças que promoveram eventos em outros campi, além de ter tido impacto significativo na mídia e engajamento em redes sociais. No evento, o vice-presidente de assuntos internacionais da Atlas, Tom Palmer, palestrou (Figura 4). O então presidente do think tank, João Pedro Bastos, recebeu o prêmio no Liberty Freedom Dinner de 2017, nos EUA (Figura 5) (ATLAS NETWORK, 2017e).

Figura 5 - Presidente do Instituto Atlantos recebe prêmio da Atlas, nos EUA



Fonte: Atlas Network (2017e).

O presidente do Instituto Atlantos, Gustavo Fernandes, descreve a relação do think tank com a Atlas como principalmente institucional, em que a Atlas financia projetos específicos do Atlantos após um processo seletivo e respondendo a um cronograma. O financiamento mais recente da Atlas ao think tank foi para tradução de um livro de Tom Palmer. De acordo com Fernandes, o Atlantos não depende da Atlas para a operação cotidiana e para o funcionamento, mas somente para execução de projetos específicos. Ele compreende a aproximação institucional como decorrente da vocação do Atlantos:

Acho que a relação se deu porque havia coincidência de valores. Eu acho que eles (a Atlas) não influíram nos valores do Atlantos. O Atlantos quando conheceu a Atlas já era uma instituição com valores bem formados. E com um pessoal que sempre prezou por vitalidade intelectual e debateu muito. A gente teve sempre debate, aí nos churrascos era o pessoal pró-aborto e os contra aborto, os pró-imposto e os contra imposto, etc. Então a gente já tinha um histórico de colocar nossas ideias à prova há muito tempo, né? Então a gente já tinha valores bem consolidados justamente por isso. E aí acho que por enxergar na gente esses valores que a Atlas veio nos ajudar e nos apoiar em vários projetos. **(Gustavo Fernandes, presidente do Instituto Atlantos, outubro de 2020).**

Além do auxílio com o financiamento de projetos, Fernandes avalia que os eventos da Atlas são essenciais para socializar novos membros do Instituto, na medida em que possibilitam colocar ingressantes em contato com ideias e intelectuais que são referência para a linha de pensamento seguida no âmbito do Instituto. Também compreende que cursos da Atlas tornam o ciclo de formação do Atlantos mais alinhado com o conjunto de ideias defendido no think tank. Segundo

Fernandes, os materiais produzidos pela Atlas são acompanhados regularmente pelos coordenadores que compõem o think tank. Ele observa ainda uma dimensão simbólica sobre o papel da Atlas para o Instituto:

A Atlas olhar para o Atlantos faz com que os coordenadores queiram fazer um bom trabalho. Os coordenadores querem ser respeitados pela Atlas. Eles querem que nossa instituição seja bem vista. Todo mundo admira a Atlas e quer que a Atlas veja no Atlantos um espaço a ser admirado no Brasil. É muito mais um respeito institucional, de querer estar no ecossistema deles, do que diretamente o prêmio, ainda que o prêmio seja importante para o pessoal mais novo. Meu foco não é o prêmio. Eu prefiro fazer um trabalho legal de grants com a Atlas, para ser respeitado pela Atlas, ser visto pela Atlas, mesmo que ele não se adeque aos prêmios tradicionais, do que fazer isso pensando como vou ganhar o prêmio. **(Gustavo Fernandes, presidente do Instituto Atlantos, outubro de 2020).**

Embora Fernandes afirme que a Atlas não influencie os valores do Atlantos, é perceptível que se estabelece uma relação de admiração em relação à organização estadunidense. Em determinada medida, tal relação significa que o Atlantos pauta sua atuação na busca por reconhecimento e prestígio da Atlas e do financiamento para projetos específicos desenvolvidos pelo think tank. Desta forma, mesmo que de maneira indireta, a Atlas molda os valores e pauta a atuação do Atlantos.

Já o IMB é mencionado no âmbito da Atlas como vencedor do prêmio *Award for Innovative New Media*, de 2014, por ter mobilizado, naquele ano, 110 mil likes no Facebook e 10 mil seguidores no Twitter e estar espalhando ideias para essa audiência (ATLAS NETWORK, 2015d). Em 2015, o think tank foi citado como exemplo do esforço para mudar o ambiente político no Brasil, em matéria sobre um treinamento para dirigentes, promovido pela Atlas, que ocorreu em São Paulo. Especificamente, a matéria menciona as ações do Instituto para promover suas ideias nas universidades, como a publicação de livros e a criação de um programa de pós-graduação focado na Escola Austríaca (ATLAS NETWORK, 2015e).

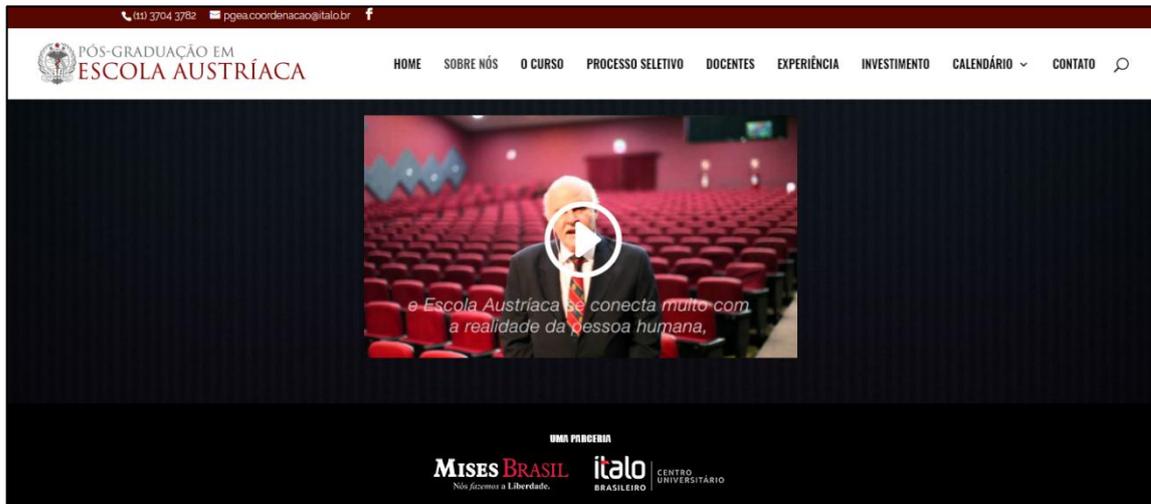
Figura 6 - Hélio Beltrão participa do Latin America Liberty Forum, de 2017



Fonte: Atlas Network (2017f).

Outras menções ao IMB pela Atlas aparecem associadas ao presidente do think tank, Hélio Beltrão, que participou como palestrante no *Latin America Liberty Forum* de 2016 e 2017 (FIGURA 6) (ATLAS NETWORK, 2017f). Somado a isso, no site do Programa de Pós-Graduação em Escola Austríaca, do IMB, constava um vídeo em que o ex-presidente da Atlas, Alejandro Chafuen, congratula o think tank por organizar o primeiro curso direcionado a essa temática no País em parceria com o Centro Universitário Ítalo-Brasileiro, em São Paulo (FIGURA 7). O IMB foi contatado por meio de seus canais institucionais para uma entrevista sobre a relação com a Atlas, contudo, não retornou a solicitação.

Figura 7 - Registro de vídeo de Chafuen na página do Programa de Pós-Graduação em Escola Austríaca



Fonte: Instituto Mises Brasil (2019)⁴⁰.

O IFL-SP não é mencionado em matérias ou premiações no âmbito da Atlas. Em entrevista realizada por email, o diretor de formação do think tank, Ariel Mehler, relata que na Atlas o Instituto tem acesso a uma rede de pessoas e organizações, o que permite o intercâmbio de conhecimento e o desenvolvimento de novas ideias. Segundo ele, essa interação facilita o acesso a palestrantes. Ainda segundo Mehler, na Atlas o think tank tem acesso a recursos para projetos específicos. Ele relata que recentemente o Instituto recebeu recursos da Atlas para o Fórum da Liberdade e Democracia de SP, promovido pelo think tank.

Já a relação do Centro Mackenzie de Liberdade Econômica com a Atlas pode ser estabelecida pela participação do think tank no Latin America Liberty Forum, no Chile, em 2018. Neste evento, o think tank recebeu o prêmio *Miguel Kast Award for Free Market Solutions to Poverty*. O projeto premiado foi o índice de liberdade econômica dos estados brasileiros e quem recebeu o prêmio foi um dos pesquisadores do think tank responsável pelo projeto, Ulisses Ruiz Gamboa (Figura 8) (ATLAS NETWORK, 2018b). O Centro Mackenzie também é citado como parceiro da Atlas que contribuiu para a construção do índice internacional de direito à propriedade, junto com outros 112 think tanks espalhados pelo mundo, sendo 85 integrantes da rede (ATLAS NETWORK, 2018c). Outra referência ao Centro Mackenzie no âmbito da Atlas é o anúncio de chamada de resumos para o I Fórum

⁴⁰ O site do curso de Pós-Graduação em Escola Austríaca foi atualizado. Por isso, para recuperar a imagem do vídeo, foi necessário utilizar a ferramenta *Wayback Machine*, que permitiu acessar a versão da página de 2019.

do Centro Mackenzie de Liberdade Econômica, de 2017 (ATLAS NETWORK, 2017g).

Figura 8 - O pesquisador do Centro Mackenzie, Ulisses Ruiz Gamboa, participa do Latin America Liberty Forum de 2018



Fonte: Atlas Network (2018b).

O coordenador do Centro Mackenzie, Vladimir Maciel, relata que o contato do think tank com a Atlas se deu por intermédio do ex-presidente da organização estadunidense, Alejandro Chafuen, que foi convidado para palestrar na Universidade Presbiteriana Mackenzie, sede do Centro, sobre corrupção e populismo no final de 2015. Naquela ocasião, Chafuen conheceu o projeto piloto do think tank, apresentou a Atlas como um espaço de financiamento e impulsionamento de novos institutos que trabalhassem com ideias de livre mercado e colocou tal estrutura à disposição do Centro. Maciel relata que não tinha conhecimento sobre a Atlas antes de conhecer Chafuen. A partir do convite, o Centro Mackenzie seguiu os trâmites burocráticos e se tornou parte da rede no Brasil.

Na visão de Maciel, as principais contribuições da Atlas para o Centro Mackenzie são conexões que ocorrem no âmbito da rede, que ajudam o instituto a se projetar no Brasil e no exterior; linhas de financiamento que possibilitam a execução de projetos que normalmente não receberiam recursos; e cursos online e presenciais, que auxiliam nas operações cotidianas. Neste sentido, mais de um projeto desenvolvido pelo think tank foi financiado pela Atlas, além do fornecimento

de auxílios financeiros pontuais para o subsídio de eventos e de incentivos financeiros para participação em eventos nos EUA.

Especificamente sobre as conexões construídas entre o Centro Mackenzie e outros think tanks no âmbito da Atlas, Maciel relata que o contato ocorre, sobretudo, nos eventos promovidos pela organização estadunidense, por meio de atividades focadas na interação entre think tanks. Com essas dinâmicas, o Centro Mackenzie troca informações e define áreas de estudo comuns com outros institutos. E também constrói vínculos e se associa a projetos de think tanks de outros países, que fazem parte da rede:

Por exemplo, a gente está participando de um estudo sobre o processo de compras de medicamentos por parte do setor público. Aqui no Brasil tem a rede SUS, que está incluída e tem os demais países da América Latina. E esse estudo veio a partir de um centro associado à Atlas, que está na Inglaterra. Um centro que trabalha muito com a área de inovação, chamado Geneva Network. O contato conosco é porque eles solicitaram instituições latino-americanas que tenham condições de análise e estudo sobre determinados temas. E, via Atlas, a gente foi colocado em contato. Então, essa é a forma pela qual a rede se operacionaliza. **(Vladimir Maciel, coordenador do Centro Mackenzie de Liberdade Econômica, outubro de 2020).**

Assim, na visão de Maciel, a participação em projetos com outros think tanks e os eventos promovidos pela Atlas auxiliam o Centro Mackenzie a se conectar com a rede e conhecer seus pares para além do Brasil, sobretudo tendo por foco a América Latina. Ainda segundo o coordenador, o financiamento da Atlas ao Centro Mackenzie é pequeno se comparado ao tamanho do orçamento da universidade à qual o Centro está vinculado, mas é significativo para a operacionalização dos projetos, na medida em que são recursos utilizados para o pagamento de bolsistas e para custear materiais em eventos:

São linhas de financiamento de US\$ 5 mil, US\$ 4 mil, US\$ 3 mil, US\$ 8 mil, que não é um montante grande, mas que, para nossa atuação, faz diferença. Então, a gente conseguiu “tocar” alguns projetos que eu acho que dificilmente teriam financiamento interno, porque são muitos experimentais. [...] São montantes que são pequenos do ponto de vista até do tamanho do que é o Mackenzie, mas permitiram a gente criar coisas, estabelecer o Centro. **(Vladimir Maciel, coordenador do Centro Mackenzie de Liberdade Econômica, outubro de 2020).**

O coordenador ainda relata que nem todos os recursos solicitados à Atlas foram conseguidos, na medida em que a organização nos EUA funciona como um fundo de financiamento, baseado em critérios. Ao mesmo tempo, ele observa que projetos considerados importantes pelo Centro Mackenzie foram financiados em

parte com recursos oriundos da Atlas. Por exemplo, a criação do Índice de liberdade econômica estadual, Barômetro da liberdade econômica e a primeira edição do Fórum da liberdade econômica, além de financiamentos pontuais para a participação cursos nos EUA.

Do ponto de vista do suporte da Atlas para a formação de quadros do Centro Mackenzie, Maciel relata que os cursos presenciais e online ajudaram na gestão do think tank e na comunicação dos resultados das pesquisas realizadas. Contando sobre sua experiência particular, o coordenador comenta que vem do meio acadêmico e, por isso, encontrava dificuldade em gerir o instituto. Assim, os cursos da Atlas foram úteis para aprender tarefas administrativas, de divisão do trabalho e de divulgação. Ele enfatiza que o conhecimento oferecido pela organização estadunidense “não se encontra na prateleira”, dado que há especificidades que precisam ser levadas em consideração sobre a administração desse tipo de instituto. Também que os cursos da Atlas preparam o think tank para participar da concorrência por recursos na organização.

Então, assim, ele (o projeto) tem que ter uma tradução para o dia-a-dia, ele tem que ser comunicado, ele tem que estar acessível. Então isso é uma coisa que a gente pensa hoje nas iniciativas que a gente faz. É não deixar morrer. Porque do ponto de vista estritamente acadêmico, se eu fiz uma pesquisa, gerei um artigo acadêmico, participei de um congresso e debati, cumpri meus pontos, cumpri a regulamentação da Capes, vou para o próximo. O que a Atlas nos coloca, na medida em que tem não só os treinamentos, mas tem os prêmios, é que: "Bom, o que você fez com isso depois? você deu publicidade? divulgou? a sociedade sabe que existe? E os tomadores de decisão? e os formuladores de política pública?", então, ela cobra uma coisa de forma indireta da gente, que é ter essa conversa pra além dos nossos muros, além da torre de marfim. **(Vladimir Maciel, coordenador do Centro Mackenzie de Liberdade Econômica, outubro de 2020).**

O Livres é mencionado no âmbito da Atlas pelo projeto denominado Embaixadores Livres, que consiste em aulas sobre empreendedorismo para jovens de baixa renda. A coordenadora do projeto no Recife, Karla Falcão, afirmou que o projeto só se concretizou devido ao apoio financeiro da Atlas (ATLAS NETWORK, 2020ac). O instituto também é citado como ator que busca tornar populares soluções políticas baseadas no liberalismo clássico. A matéria menciona que o Livres foi financiado pela Atlas para realizar pesquisas sobre prioridades políticas para o eleitorado jovem, de baixa renda, e descobriu que o saneamento básico era uma das principais demandas. Assim, a questão se tornou uma das principais agendas

do Livres, que passou a articular o tema nas esferas políticas institucionais. A fonte é o diretor de políticas do Livres, Magno Karl, que posiciona o instituto como parte do campo denominado liberalismo popular (ATLAS NETWORK, 2020ad). Karl também é citado como participante do Think Tank Leadership Training, de 2014 (ATLAS NETWORK, 2014c).

O diretor de comunicação do Livres, Manoel Ferreira, relata em entrevista que sua trajetória com a Atlas começou em 2009, quando participou de uma palestra do projeto Liberdade na Estrada, promovido pelo Instituto Ordem Livre e financiado pela Atlas. Na época, Ferreira era estudante de jornalismo na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e, a partir disso, se tornou frequentador das organizações do que denomina movimento liberal, ajudando posteriormente a fundar o EPL e o Livres. Enfatiza que a fundação do EPL teve muita relação com o trabalho da Atlas, na medida em que a ideia surgiu em um ciclo de palestras promovido pela organização estadunidense. No contexto do EPL, participou dos cursos online da Atlas Leadership Academy. Também do Latin America Liberty Forum em 2019, no Panamá, e do curso Lights, Camera & Liberty.

Na visão de Ferreira, a Atlas auxilia em três frentes: contatos, formação e financiamento. Ele relata que por meio dos encontros é possível desenvolver relações com outras instituições parecidas com o Livres espalhadas pelo mundo, que os cursos capacitam o trabalho de difusão de ideias e que os recursos financeiros contribuem para executar projetos. Ainda que não há tentativa da Atlas em influenciar ideologicamente as ações do Livres, na medida em que já há uma consonância de valores entre o instituto e a rede. Assim, o papel da rede é mais organizacional, no sentido de qualificar o trabalho desenvolvido na instituição. Com relação aos contatos desenvolvidos pelo Livres no âmbito da Atlas, Ferreira enfatiza que os encontros se baseiam, sobretudo, na troca de experiências:

Então a forma como a Atlas promove o networking é basicamente através de eventos, onde pessoas de diversos lugares e organizações se encontram. E agora eles têm feito os encontros virtuais, que é basicamente um momento de troca de experiências, onde cada organização faz um resumo do projeto que está desenvolvendo em parceria com a Atlas. Não sei a periodicidade desses encontros. Quem participa deles é a nossa outra diretora, a diretora de políticas públicas. Eu sou diretor de comunicação. Mas basicamente algumas vezes por ano há essa reunião. Não lembro se é trimestral. Mas é basicamente um Zoom em que cada um relata em poucos minutos como está sendo o avanço do seu projeto. Então são momentos em que as pessoas se encontram online, o que também reforça o networking **(Manoel Ferreira, diretor de comunicação do Livres, outubro de 2020).**

Ainda no contexto da rede, as premiações são citadas por Ferreira como um incentivo ao Livres e como reconhecimento internacional por parte do que denomina ecossistema liberal. Ele cita que o Livres ainda não foi premiado pela Atlas, mas justifica que 2018 foi o ano de estruturação do instituto e 2019 se inscreveu em um concurso que garantiu acesso ao curso Lights, Camera & Liberty. Já em relação ao financiamento da Atlas ao Livres, o diretor de comunicação menciona que é direcionado somente a projetos específicos, na medida em que não há subsídios para manter a estrutura, sendo pouco significativo no orçamento:

No caso do Livres, a Atlas foi bem importante para a gente tirar do papel um projeto que nós temos que se chama Embaixadores Livres, que é basicamente um ciclo de capacitação de jovens da periferia. A gente realizou esse projeto em São Lourenço da Mata, que é uma cidade da região metropolitana de Recife, e é um projeto de capacitação empreendedora e de qualificação de habilidades profissionais com jovens da periferia. A Atlas foi uma das financiadoras desse projeto. E isso é muito legal porque isso ajuda a desempenhar nossas atividades e avançar com nossas ideias **(Manoel Ferreira, diretor de comunicação do Livres, outubro de 2020)**.

O SFL Brasil é mencionado no âmbito da Atlas por ter ganhado o Smith Student Outreach Award de 2019, em virtude do projeto Market Revolution, que consistiu em 40 eventos distribuídos em todas as regiões do Brasil e que mobilizou 5 mil participantes. O governador de Minas Gerais, Romeu Zema, do Partido Novo, é citado como painelista de um dos eventos. Além disso, também é apontado que o SFL Brasil trabalhou para flexibilizar a legislação brasileira e incentivar o que denomina de empreendedorismo com 20 deputados e senadores que não são mencionados nominalmente. Quem recebeu o Smith Student Outreach Award nos EUA foi um membro do SFL Brasil, André Migliore Freo, conforme ilustrado na Figura 9. Na ocasião, Freo afirmou que a Atlas tem papel fundamental para o SFL formar o que denomina líderes da liberdade e que é necessário trabalhar para mudanças reais no ambiente político (ATLAS NETWORK, 2019d). Um projeto semelhante é mencionado em 2018, na medida em que ocorreram conferências regionais em 21 estados brasileiros, que reuniram 2,3 mil participantes (ATLAS NETWORK, 2018d).

Figura 9 - André Migliore Freo recebe prêmio da Atlas o pelo SFL Brasil em 2019, nos EUA



Fonte: Atlas Network (2019d).

Outras menções se referem a conferências regionais e à premiação John Blundell Elevator Pitch Competition, que em 2018 premiou Fernando Henrique Sousa Miranda, membro do SFL Brasil, conforme ilustrado na Figura 10 (ATLAS NETWORK, 2018e). O grupo também é citado como colaborador local do Consumer Choice Center (CCC), instituição que faz lobby para diminuir a regulação sobre rótulos de produtos de origem agrícola (ATLAS NETWORK, 2018f). Além disso, é mencionado como finalista do Latin America Liberty Award de 2019, pelo programa de coordenadores. Na ocasião, Freo afirmou que em um ano foram contabilizados 18 mil participantes nos eventos promovidos pelo SFL Brasil, sendo que foram formados 1,2 mil novos coordendores (ATLAS NETWORK, 2019e).

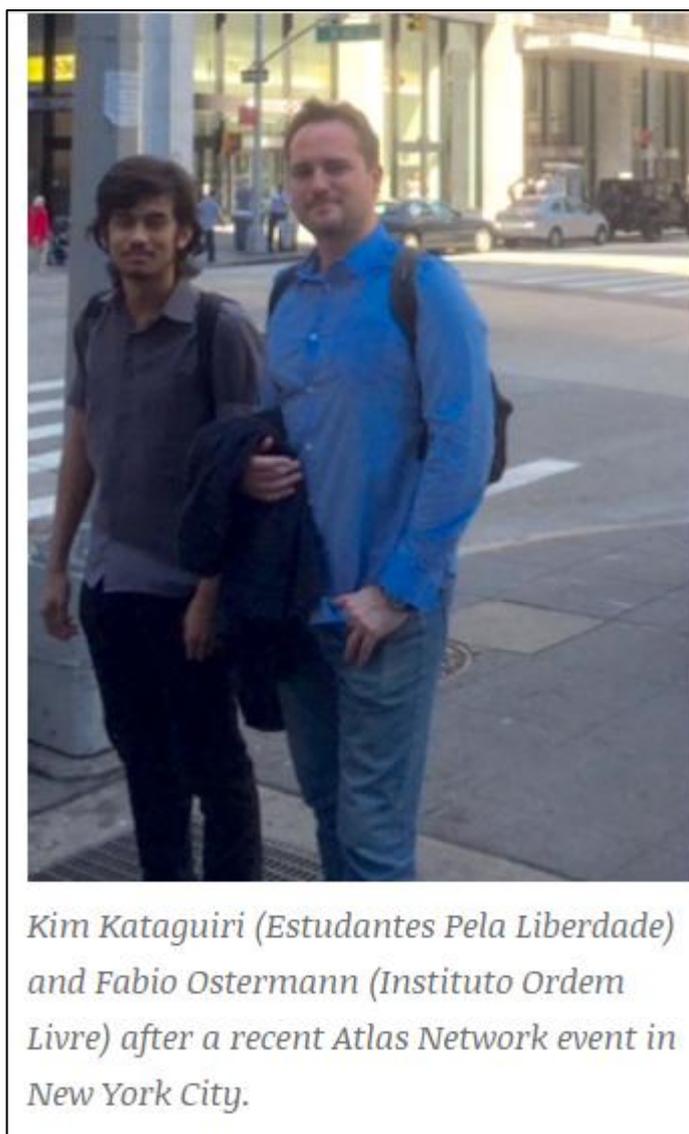
Figura 10 - Membro do SFL Brasil e aluno da Atlas Leadership Academy, Henrique Miranda, recebeu premiação da Atlas em 2018



Fonte: Atlas Network (2018e).

Também há menções ao Estudantes pela Liberdade, homônimo em português do SFL Brasil, como convites para participação em eventos, divulgação da participação de membros em cursos nos EUA e de ações específicas desenvolvidas pelo grupo. Todas as referências ao Estudantes Pela Liberdade no site da Atlas foram em 2014, 2015 e 2016. Entre elas, é possível citar que o então membro do EPL, Juliano Torres, consta como formado no curso Think Tank MBA e no Atlas Leadership Academy em 2014 (ATLAS NETWORK, 2014d, 2014e). O deputado federal Kim Kataguiri (Democratas), é mencionado como uma estrela libertária em ascensão do EPL, que então trabalhava para o MBL. Neste contexto, a Atlas cita que muitos membros do MBL passaram pela *Atlas Leadership Academy* (ATLAS NETWORK, 2015f). Kataguiri é mencionado novamente junto com o deputado estadual pelo Rio Grande do Sul Fábio Ostermann (Novo) (ATLAS NETWORK, 2015g). Os dois aparecem em uma foto, cuja legenda nomeia Kataguiri como membro do EPL e Ostermann como membro do Instituto Ordem Livre. Ainda segundo a matéria, a foto foi tirada após um evento da Atlas em Nova York (Figura 11).

Figura 11 - Ostermann e Kataguirí após evento da Atlas, em Nova York, EUA



Fonte: Atlas Network (2015g).

Além disso, a Atlas aponta que o denominado movimento pela liberdade “explodiu” entre estudantes brasileiros devido às ações do EPL. Também cita pontualmente uma ação do EPL pela desregulamentação dos serviços de táxi no Brasil e utiliza como fonte Juliano Torres, que consta como diretor executivo do instituto (ATLAS NETWORK, 2015h). Embora com nomes semelhantes, o EPL surgiu em 2010 e deu origem ao MBL, enquanto o SFL Brasil surgiu em 2016 a partir de uma cisão interna no EPL. Em reportagem publicada pelo Gazeta do Povo em 2017, a então diretora de captação do EPL Débora Góis Torres, menciona que a inspiração para fundar a entidade foram os cursos da Atlas (MÜLLER, 2017). O EPL não consta mais entre think tanks parceiros da Atlas no site da organização estadunidense.

Um dirigente do SFL Brasil, que preferiu não ser identificado, relata que seu primeiro contato com a Atlas foi em 2014 ou 2015, por intermédio do Instituto Atlantos, quando ainda não trabalhava no SFL Brasil. À época, ele conta que o Atlantos ganhou o Smith Student Outreach Award por um projeto desenvolvido em parceria com a Atlas. Segundo o dirigente, a Atlas funciona como parceiro estratégico para o SFL Brasil. Ainda, que a Atlas é a representação do que denomina ecossistema liberal no mundo e que serve como referência para o desenvolvimento das ações do SFL Brasil. Nesse sentido, a influência da Atlas nas ideias promovidas pelo grupo é indireta, na medida em que as mesmas pessoas que circulam pela Atlas também circulam pelo SFL Brasil, formando o que o dirigente denomina ecossistema liberal:

Eu não acredito que houve uma influência direta. As instituições crescem em separado, apesar da Atlas ter mais tempo de existência do que nós. Mas de qualquer forma, por estar incluso dentro desse ecossistema mundial de think tanks, a gente acaba sendo influenciado por pensadores que trabalham em conjunto com a Atlas e outros especialistas que nós conhecemos por causa deles. Então ainda que não haja uma influência direta no trabalho com a Atlas, são as mesmas pessoas dentro desse ecossistema, então a gente acaba utilizando muitas das ideias que eles também utilizam no dia-a-dia deles. **(Dirigente do SFL Brasil, outubro de 2020).**

Segundo relato do dirigente do SFL Brasil, a troca de contatos no âmbito da Atlas, em nível mundial, ocorre sobretudo no evento anual promovido pela organização, nos EUA, que serve para conhecer projetos desenvolvidos em outros países e estabelecer diálogo para ações conjuntas entre atores da rede. Em nível nacional, essa troca de contatos é estabelecida pelo SFL Brasil, na medida em que o dirigente relata que a organização vem trabalhando com o que denomina de principais *players* do ecossistema liberal no Brasil. Do outro lado, a Atlas assume papel de financiadora do SFL Brasil, na medida em que muitos projetos são financiados pela organização estadunidense:

A Atlas já foi parceira nossa em inúmeros projetos. Eu diria que pelo menos um projeto por ano nós desenvolvemos junto com eles. Na maioria dos anos, até mais. Eu diria dois projetos, em média, por ano, nós temos em parceria com a Atlas. E certamente os grants que eles disponibilizam pra instituições parceiras ajudam bastante na execução desses projetos. O financiamento geral da instituição não tem muita ligação com a Atlas em si. Então a Atlas é um dos financiadores possíveis dos projetos que o SFL executa. Mas o resto do financiamento vem de outras fontes. Então outros doadores dentro do Brasil. **(Dirigente do SFL Brasil, outubro de 2020).**

Ainda na visão do dirigente do SFL Brasil, os cursos da Atlas ajudaram na criação e qualificação de alguns projetos desenvolvidos por parceiros da organização brasileira. Ele comenta, também, que os cursos online promovidos pela organização estadunidense ajudam a qualificar o quadro de voluntários do SFL Brasil. Também relata que algumas pessoas que trabalham no instituto no Brasil participaram de cursos presenciais nos EUA e que esse intercâmbio ocorre todos os anos, dado que a Atlas prioriza instituições que façam parte da rede e sejam ativas na disseminação de ideias. Na sua opinião, os cursos da Atlas ajudam na formação profissional e intelectual dos quadros do SFL Brasil, ao mesmo tempo em que servem como estímulo para que esses quadros continuem trabalhando na instituição.

O Instituto Liberal é citado pontualmente no âmbito da Atlas, geralmente associado à figura de Rodrigo Constantino, presidente do think tank, que escreveu artigos de opinião e que serviu como fonte para matérias publicadas no site da Atlas. Constantino é tido como um frequente comentarista na imprensa brasileira. A Atlas republicou um artigo dele sobre o que denomina privilégios para caminhoneiros, criados durante o governo Dilma Rousseff, em 2015, para conter greves (CONSTANTINO, 2015). Outro texto publicado pelo presidente do Instituto Liberal no site da Atlas se refere a oportunidades para o que denomina movimento liberal e conservador a partir da crise que se instaurou no governo Rousseff a partir de 2015 (CONSTANTINO, 2016).

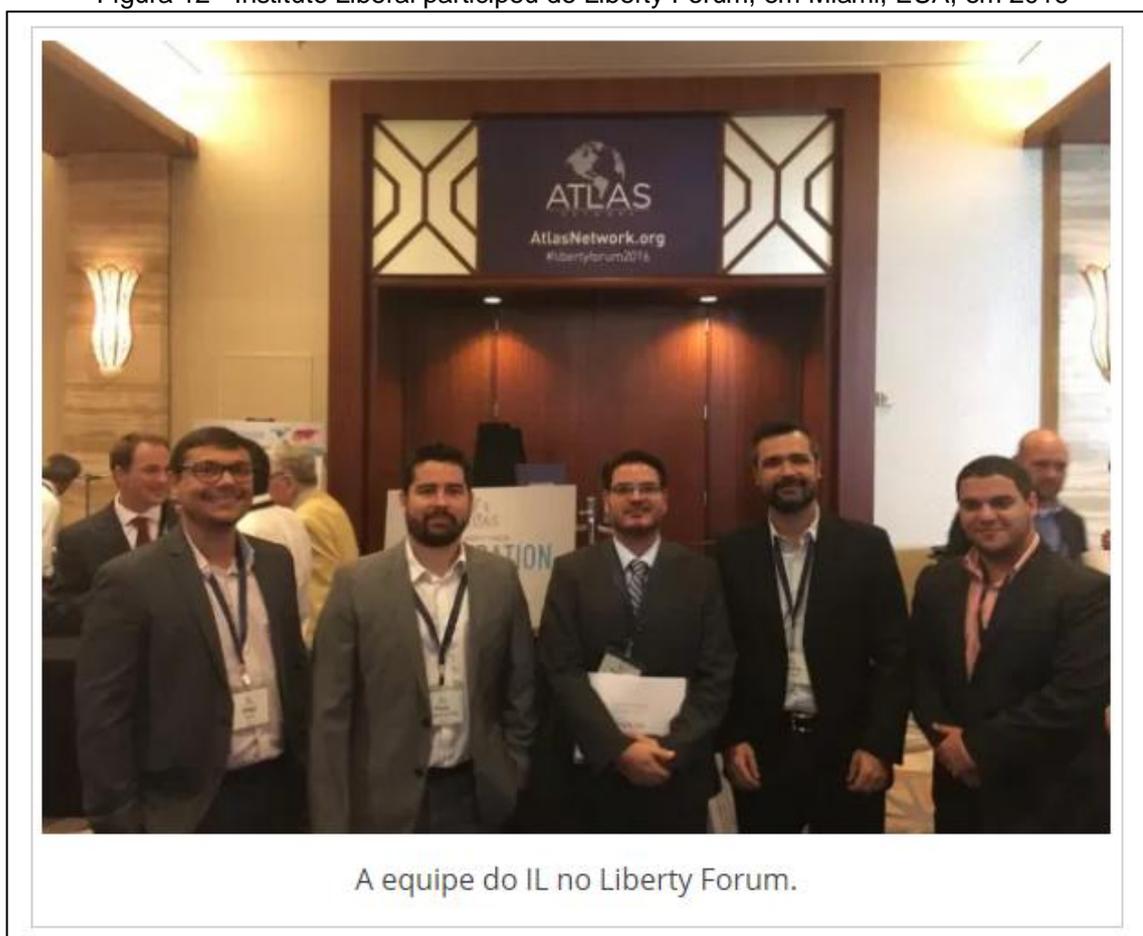
Constantino também é fonte para uma reportagem sobre a crise brasileira, que destaca como os parceiros da Atlas fizeram com que suas ideias fossem aceitas como alternativa ao governo Rousseff, classificado como socialista. Ele advoga pela privatização de empresas, respeito ao Estado de Direito e redução no número de partidos políticos, bem como pelo fim do financiamento público para as eleições. Comenta, também, que a sociedade no Brasil está acostumada com uma visão socialista sobre o papel do Estado (DIXON, 2016).

Assim, no contexto da Atlas, o Instituto Liberal é mencionado como voz indispensável para o que a organização estadunidense denomina liberalismo clássico no Brasil, enquanto remonta brevemente a história do think tank, fundado em 1983, com o objetivo de traduzir autores associados a corrente do liberalismo clássico para o português, e que expandiu sua atuação e fomentou a criação de novos think tanks, como o Instituto Ordem Livre, o Instituto Liberdade e o Instituto

Millenium. Também é brevemente citado como um dos pioneiros na disseminação do que a Atlas denomina ideias pela liberdade no Brasil (ATLAS NETWORK, 2015f).

Do outro lado, também há algumas menções à Atlas no âmbito do Instituto Liberal. Algumas dizem respeito somente a republicações de textos originalmente publicados na Atlas. Outras, no entanto, se referem à participação do Instituto Liberal em eventos promovidos pela Atlas nos EUA. Em 2016, o Instituto Liberal participou do Liberty Forum, em Miami, EUA, conforme ilustrado na Figura 12. Na ocasião, o presidente do think tank, Rodrigo Constantino, anunciou que a estratégia estava mudando e o objetivo era investir ainda mais em projetos direcionados para a disseminação do que denominou valores liberais (INSTITUTO LIBERAL, 2016).

Figura 12 - Instituto Liberal participou do Liberty Forum, em Miami, EUA, em 2016



Fonte: Instituto Liberal (2016).

O Instituto Liberal também participou do Latin America Liberty Forum, em Buenos Aires, Argentina, em 2017 (MACHADO, 2017). O então diretor de operações do think tank, Heitor Machado, fez vídeos sobre o evento, anunciando que o presidente do IMB, Helio Beltrão, participaria de um painel sobre a disseminação do

que denomina liberdade nas universidades latino-americanas e também entrevistando Beltrão, que comentou sobre a importância de conseguir a direção das universidades públicas e fez a seguinte colocação:

Eu acho que, pelo que a gente está conseguindo no Brasil, a gente está vendo que muita coisa pode ser mudada em pouco tempo. E eu acho que até a questão da universidade pública tem chance [...] Eu acho que a guerrilha que o Students for Liberty está fazendo, que os grupos de estudos, que os nossos ativistas estão fazendo na universidade, está fazendo uma diferença danada. E eu acho que vai continuar fazendo até um dia, espero, que a gente seja, então, o que eles foram nos últimos 30 anos dentro da universidade pública. Eles, eu digo, a esquerda. O que a esquerda foi nos últimos 30 anos, dominante ou hegemônica. Eu gostaria que nós fôssemos dominantes ou hegemônicos. **(Hélio Beltrão, presidente do Instituto Mises Brasil, maio de 2017).**

O think tank também participou do Latin America Liberty Forum 2020, que aconteceu de forma remota em maio, devido à pandemia de Covid-19. O diretor-presidente do Instituto Liberal, Lucas Berlanza, apresentou um resumo das conferências do congresso. Ele relata que há preocupação generalizada entre think tanks latino-americanos sobre a manutenção das medidas emergenciais de aumento de gastos por parte do Estado, criadas na pandemia. E também percebe que a disputa por espaço não deve se restringir somente ao campo da economia, mas abranger também a cultura e a comunicação (BERLANZA, 2020a).

Berlanza também relata a participação do Instituto Liberal na reunião do Centro Latino-americano da Atlas Network, ocorrida em novembro de 2020. Segundo o diretor-presidente do think tank, os temas debatidos foram a aprovação de referendo para o desenvolvimento de uma nova constituição no Chile e a eleição de Luis Arce, do partido Movimento ao Socialismo, na Bolívia. Os dois eventos são vistos como risco para a Atlas e think tanks que atuam na região e tidos como “reveses” contra aqueles que se denominam defensores de ideias pela liberdade (BERLANZA, 2020b). A Atlas também é citada pelo Instituto Liberal no contexto de publicação de um artigo sobre a história do liberalismo no Brasil, publicado no periódico Econ Journal Watch, mantido pela Atlas e Fraser Institute. O objetivo do think tank com a publicação é aproximar think tanks liberais do Brasil e de outros países. Na matéria, também consta a informação de que o Instituto Liberal é parceiro da Atlas desde a década de 80 (BERLANZA, 2020c).

Na entrevista realizada para esta pesquisa, Berlanza relata que não há como afirmar com precisão para que fins os investimentos da Atlas foram direcionados no

passado, mas provavelmente para financiar a realização de colóquios e apoiar as edições de livros, atividades que eram bastante comuns no think tank. Nos anos recentes, ele observa que a relação do Instituto Liberal com a Atlas foi muito reduzida se comparada ao passado. A Atlas financiou a realização de uma série de vídeos, contudo, o subsídio foi classificado como módico por Berlanza. Em 2020 passou a ocorrer um processo de reaproximação entre as instituições.

Parece que a pessoa responsável pela interface com os institutos parceiros na AL mudou. Uma moça chamada Hane Crevelari assumiu a função. E ela começou a entrar em contato com os parceiros antigos, entre eles o Instituto Liberal. Então ela me procurou diretamente pra falar comigo, se colocar à disposição, se apresentar e retomar o diálogo. Oportunidade que nós aproveitamos para pedir, agora mais recentemente, tendo retomado o diálogo, assistido a alguns eventos virtuais que a Atlas ajuda organizar, até sob recomendação da própria Hane Crevelari, a gente conseguiu submeter o pedido de financiamento para um projeto de edição de livros, livros em geral que não são comerciais, que não são para fins lucrativos, então uma editora comercial não lança. É uma forma de começar a retomar mais ativamente esse contato que estava um tanto quanto cessado. **(Lucas Berlanza, diretor-presidente do Instituto Liberal, outubro de 2020).**

Na busca por retomar o diálogo com a Atlas, Berlanza relata que a relação estabelecida entre think tanks que fazem parte da rede da Atlas no Brasil é mais intensa do que a relação com a Atlas na última década. Nessa linha, ele afirma que seria um erro atribuir a onda de desenvolvimento de institutos voltados à defesa de ideias denominadas liberais à ação de organizações do exterior, na medida em que as atividades se desenvolvem principalmente pelos contatos estabelecidos entre esses institutos no Brasil.

A gente se conhece. Por exemplo, o (Roberto) Rachewsky, o presidente do Instituto Liberdade, ele é colunista do Instituto Liberal. Escreve para o Instituto Liberal. Participa de iniciativas. Veio para cá, para o RJ, quando eu organizei a primeira conferência do Instituto Liberal no ano passado. O pessoal do Mises, o Hélio Beltrão e companhia, eles também, de vez em quando, divulgam os cursos uns dos outros. O pessoal do Mises também “toca” a editora LVM, na qual eu sou editável. O livro do Donald Stuart saiu pela LVM. O IEE tem no Rachewsky um dos seus fundadores, então essas instituições interagem mais entre elas do que elas com as instituições de fora hoje. Eu acredito, mas isso é puro “chutômetro”, eu acredito que no passado essa interação era mais intensa. **(Lucas Berlanza, diretor-presidente do Instituto Liberal, outubro de 2020).**

Segundo relato de Berlanza, o financiamento da Atlas — com o adendo de que o Instituto Liberal buscou retomar o diálogo em 2020 — é para projetos específicos e não interfere no orçamento cotidiano do think tank. O diretor-presidente relata que para ter acesso a financiamento é necessário um relatório minucioso de

cada etapa do projeto. Além da Atlas, o Instituto Liberal se financia com a doação de mantenedores, como empresários que geralmente doam como pessoa física, e com a venda de cursos.

O Instituto Millenium respondeu à solicitação de entrevista afirmando que não tem mais parceria com a Atlas e, por isso, não poderia responder às perguntas. Contudo, o think tank continua listado como parte da rede no site da organização estadunidense. Também é mencionado pontualmente em uma matéria sobre o EPL, como um centro que influencia o clima intelectual brasileiro por meio de seminários e encontros regulares (ATLAS NETWORK, 2015f). Além disso, em 2010 o think tank recebeu o prêmio New Media Award for Latin America, por uma campanha denominada tributação transparente, que advoga pela redução de impostos e que foi veiculada na Globo (INSTITUTO MILLENIUM, 2011). Em 2012, o think tank anunciou a palestra do vice-presidente de programas internacionais da Atlas, Tom Palmer, para alunos de Relações Internacionais do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC), no Rio de Janeiro. O evento foi organizado pelo Instituto Millenium (INSTITUTO MILLENIUM, 2012).

O presidente do Instituto Liberdade, Roberto Rachewsky, recebeu as perguntas que orientaram a pesquisa e respondeu via e-mail que o think tank está em fase de mudanças e ajustes. Relatou, também, que foi estabelecida uma parceria de mútua cooperação cultural com a Atlas, que até o momento não resultou em ações conjuntas. Segundo o presidente, o interesse do Instituto Liberdade nesta parceria é acessar palestrantes de nível internacional e promover o think tank no mundo. Além disso, afirma que a Atlas não é a única organização com a qual o Instituto Liberal tem esse tipo de relacionamento.

Não foram encontradas menções no âmbito da Atlas ao IFL-BH e IFL-SC. Ambos também foram contatados pelos canais institucionais para entrevista, mas não retornaram o contato. Deduz-se que o vínculo seja baseado na busca de subsídio para a promoção de fóruns regionais, que acontece anualmente, e acesso a palestrantes que compõem a Atlas, da mesma forma que o IFL-SP. O Instituto Liberal de São Paulo e o ILA também não são mencionados no âmbito da Atlas e não responderam à solicitação de entrevista.

5.2 AGLUTINAÇÃO DE ELITES E DISPUTAS PELA HEGEMONIA SOB UMA ÓTICA NEOGRAMSCIANA

A partir das informações levantadas, pode-se observar que a relação estabelecida entre think tanks e a Atlas é baseada na formação de intelectuais orgânicos — que são dirigentes de think tanks ou políticos eleitos —, no financiamento de projetos e na integração desses institutos à rede, nos EUA, por meio de premiações e eventos regulares. Também é possível argumentar que a direção intelectual exercida pela Atlas ocorre de forma indireta, na medida em que a maioria dos think tanks consultados busca se adaptar a projetos da organização nos EUA para ter acesso a recursos financeiros. Ao mesmo tempo, é perceptível que o principal critério para a concessão de financiamento é o alcance que o projeto terá, o que ilustra a importância dada à disseminação de ideias.

Em complemento a isso, as características institucionais dos think tanks que fazem parte da Atlas no Brasil, bem como das atividades desenvolvidas por esses institutos, ilustram que esses atores são representantes de interesses de frações de elites de seus estados de origem ou de frações de elites de abrangência nacional. E também que estabelecem relação entre si e com institutos no exterior, por meio dos eventos promovidos no Brasil e eventos promovidos pela Atlas, nos EUA, formando uma teia de institutos que advogam pelo avanço da agenda neoliberal no Brasil.

Em suma, pode-se argumentar que esses atores cabem na definição de think tank neoliberal sob o prisma neogramsciano, na medida em que funcionam como aparatos ideológicos, que reproduzem determinada ordem social. E são parte da estrutura de poder de frações de elites, que estabelecem vínculos transnacionais para buscar a universalização de suas visões de mundo. Também observa-se que a reprodução ideológica é mais presente do que o desenvolvimento de novas ideias nas atividades desenvolvidas por esses institutos. Ou seja, antes de objetivarem a sustentação de determinado modelo político por meio de estudos, objetivam a reprodução de um discurso pronto.

Com base nos elementos observados em entrevistas e análise documental, é necessário retomar alguns aspectos teóricos do paradigma neogramsciano, como a noção de disputa pela hegemonia e de aglutinação de frações de elites. Da mesma forma que Desai (1994) compreendeu think tanks neoliberais como atores importantes na disputa de hegemonia política do movimento thatcherista, na Grã-

Bretanha, é possível observar que think tanks neoliberais no Brasil são atores que disputam a hegemonia política de radicalização da agenda neoliberal. Conforme foi ilustrado ao longo da pesquisa, essa disputa pela hegemonia política ocorre por meio da promoção de um conjunto de ideias ligadas ao neoliberalismo, do vínculo que esses institutos constroem com partidos políticos e da socialização de seus quadros com formuladores de políticas e empresários, em nível nacional e transnacional.

Além disso, pode-se observar que intelectuais orgânicos, formados em cursos da Atlas ou que atuaram em think tanks vinculados à Atlas, assumiram cargos eletivos na Câmara dos Deputados e em algumas Assembleias Legislativas ou cargos técnicos no governo Jair Bolsonaro. Com base em Desai (1994), pode-se argumentar que a presença desses atores na política institucional, conforme ilustrado, é decorrente da crise hegemônica desencadeada pelo impeachment de Rousseff, que abriu espaço na política institucionalizada para grupos à margem da tradição intelectual dominante. Nesta linha, a agenda de radicalização de liberalização econômica, que oscila para o libertarianismo, teve algum espaço no governo Bolsonaro.

A aglutinação desses institutos acontece no ambiente da Atlas e compreende a diversidade de ideias que permeiam o termo neoliberalismo. Por exemplo, na medida em que alguns institutos se alinham ao que denominam liberalismo clássico, eles vão interagir com think tanks que compartilham desse pensamento, formando, assim, uma rede própria. Exemplo é como o Centro Mackenzie desenvolve um projeto com um think tank britânico e como o SFL Brasil interage com o SFL dos Estados Unidos, além da interação local que ocorre entre think tanks, formando múltiplas redes.

A Atlas direciona intelectualmente a ação desses institutos por meio da sua *expertise*. O espaço de construção são os eventos e cursos promovidos pela organização, sobretudo nos EUA. Um exemplo é como a organização dissemina como consenso a ideia de que a eleição de Luis Arce, na Bolívia, em 2020, e a Constituinte, no Chile, em 2020, representariam reverses ao que denomina liberalismo na América Latina, conforme exposto em texto no Instituto Liberal. Assim, a Atlas direciona a produção ideacional dos think tanks que fazem parte da rede a determinado sentido. Dessa forma, observa-se que algumas agendas parecem ser

consensuais no âmbito da Atlas e de think tanks no Brasil, enquanto outras são marcadas por pequenas diferenças.

A partir do que foi apresentado, pode-se argumentar que a Atlas e think tanks que fazem parte da rede constituem uma força intelectual sólida, que busca impedir o avanço de qualquer política que possa ser compreendida como ameaça ao que nesse meio é denominado liberdade de mercado. Ao mesmo tempo, a Atlas disputa a hegemonia ideológica do neoliberalismo, constituindo o que Plehwe, Walpen e Neunhoffer (2006) tratam por estratégia hegemônica do neoliberalismo radical. Por fim, argumenta-se que a Atlas atua no Brasil financiando, formando e cooptando think tanks, que atuam como aparelhos hegemônicos, por meio de intelectuais orgânicos, para a promoção da ideologia neoliberal. E também que a Atlas atua no Brasil para aglutinar determinadas frações de elites, representadas nesses think tanks, em nível nacional e transnacional, sobretudo por meio da socialização desses atores na sua rede.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa argumentou que a Atlas atua no Brasil para aglutinar determinadas frações de elites, de nível nacional e transnacional, por meio do financiamento, formação e cooptação de think tanks, que atuam como aparelhos hegemônicos, por meio de intelectuais orgânicos, para a promoção de sua ideologia. Nesta linha, confirma-se a hipótese de que a Atlas disputa a hegemonia ideológica do neoliberalismo no campo do Estado e da sociedade civil, no Brasil. A argumentação se baseou em publicações no site da Atlas e de think tanks da rede, em documentos referentes à organização nos EUA e a think tanks, no Brasil, e entrevistas com dirigentes desses think tanks. Além disso, fontes secundárias ajudaram a reconstruir brevemente o contexto histórico da Atlas e o significado da rede para o universo de think tanks neoliberais.

De forma mais detalhada, foi possível identificar que os programas de formação e cooptação da Atlas são voltados, principalmente, para técnicas de gestão de think tanks e desenvolvimento de lideranças, na medida em que são direcionados para membros da rede, que já convergem ideologicamente com a organização nos EUA. Também chegou-se à conclusão de que os programas de formação de think tanks são direcionados tanto para reprodução do ideário neoliberal como para a formação de dirigentes. Ambas as abordagens — da organização nos EUA e dos institutos que fazem parte dela o Brasil — objetivam preparar intelectuais orgânicos para disputar a hegemonia ideológica do neoliberalismo. Somado a isso, identificou-se que dirigentes de think tanks no Brasil e políticos eleitos se formaram em cursos da Atlas, nos EUA, e que políticos eleitos e técnicos que atuaram em cargos decisórios no Governo Federal, durante a presidência de Jair Bolsonaro, foram socializados em think tanks da Atlas, no Brasil.

Também identificou-se que os programas de cooptação da organização, nos EUA, objetivam a criação de um universo próprio, em que a Atlas promove eventos para integrar membros da rede, fornece direção intelectual a think tanks, financia projetos específicos e coloca institutos em contato com uma rede de financiadores e formadores de opinião. No âmbito dos think tanks, programas de cooptação funcionam como introdução ao conjunto de ideias associadas ao neoliberalismo ou como instrumento para a promoção da agenda neoliberal. Nessa linha, são característica marcante projetos de cooptação, desenvolvidos no âmbito dos think

tanks, focados em estudantes. Também é perceptível que parte desses projetos foca políticos, formuladores de política ou a mídia.

Com essas estratégias de cooptação e formação, a Atlas atua no Brasil para aglutinar frações de elites, que têm seus interesses representados em think tanks da rede, de nível nacional e transnacional. Assim, a Atlas disputa a hegemonia ideológica do neoliberalismo tendo como foco de ação o suporte multifacetado a think tanks da rede no Brasil, que envolve qualificação, financiamento e direção intelectual. As diversas referências ao Brasil identificadas no site da organização, nos EUA, e a forma como dirigentes da Atlas circulam em eventos promovidos por institutos, no Brasil, ilustra a importância do Brasil na agenda da organização dos EUA. Nessa linha, a ação da Atlas no Brasil se caracteriza por uma batalha constante pelo avanço de ideias neoliberais, travada tanto na sociedade civil como no Estado.

Outro ponto que se tornou perceptível ao longo da construção desta pesquisa é a relevância que a Atlas confere à América Latina. Na medida em que a região, somando América do Sul e América Central e Caribe, recebe o maior orçamento da Atlas e com frequência think tanks da região são destaque nas atividades desenvolvidas pela organização nos Estados Unidos, é razoável considerar que países latino-americanos são parte importante da agenda de atuação da organização estadunidense. Outro elemento que reforça essa percepção é a forma como a Atlas monitora a conjuntura política regional e fornece direção intelectual para think tanks da sua rede sobre o contexto político e econômico.

Essa relevância conferida à América Latina pode resultar em desdobramentos de pesquisa e ensejar futuras investigações envolvendo, de forma mais específica a Atlas, e, de forma abrangente, o universo de think tanks neoliberais. Nesta linha, compreende-se que futuros estudos podem envolver mais países da região e focar na relação que think tanks neoliberais latino-americanos estabelecem uns com os outros. Também parece importante estudar o papel desempenhado pelos think tanks neoliberais na consolidação do neoliberalismo na América Latina na segunda metade do século XX, enfatizando a relação que esses institutos estabeleceram com organizações estadunidenses.

Outras propostas de estudo podem se basear na busca de uma correlação entre a atuação da Atlas e crises de hegemonia. Dessa forma, levantaram-se alguns problemas de pesquisa que podem ensejar futuros estudos: a ação da Atlas é mais

presente em períodos de crise de hegemonia? Há uma correlação entre rupturas institucionais em diferentes países e a ação de think tanks vinculados à Atlas? Em linhas gerais, a ideia para esta pesquisa surgiu a partir do envolvimento de atores relacionados à Atlas em protestos durante um período de ruptura institucional ou crise de hegemonia — o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016. Por si só, esse elemento justificaria uma análise da ação da Atlas em outros países que passaram por crises institucionais, de 2010 em diante, buscando semelhanças com o caso brasileiro e padrões nas formas de atuação da organização estadunidense.

REFERÊNCIAS

ABELSON, Donald. **A capitol idea: think tanks and US foreign policy**. Toronto: McGill-Queen's University Press, 2006.

ABELSON, Donald. **Do think tanks matter?: assessing the impact of public policy institutes**. 3. ed. Quebec: McGill-Queen's University Press, 2018.

AGUIAR, Tiago. No currículo para embaixador, Eduardo Bolsonaro diz ter pós-graduação que não concluiu. **O Globo**, São Paulo, 17 jul. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/no-curriculo-para-embaixador-eduardo-bolsonaro-diz-ter-pos-graduacao-que-nao-concluiu-23814683>. Acesso em: 13 set. 2020.

ALEXANDRE, Thiago de Andrade Romeu. **O Instituto Millenium e os intelectuais da “nova direita” no Brasil**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

AMARAL, Marina. A nova roupa da direita. **Pública: agência de jornalismo investigativo**, São Paulo, 23 jun. 2015. Disponível em: <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita>. Acesso em: 25 out. 2019.

ANTISSISTEMA, MBL quer até virar partido. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 16 dez. 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/12/16/interna_politica,1013688/antissistema-mbl-quer-ate- virar-partido.shtml. Acesso em: 20 dez. 2020.

ARALDI, Lucas; SVARTMAN, Eduardo Munhoz. Rede Atlas, think tanks e a construção da liberalização econômica no Brasil: uma análise do Instituto Millenium e do Instituto Ludwig Von Mises Brasil. **Conexão: comunicação e cultura (UCS)**, Caxias do Sul, v. 18, n. 35, p. 317-339, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.18226/21782687.v18.n35.14>. Acesso em: 24 jan. 2021.

ATLAS NETWORK. **Year in review 2013: strengthening the worldwide freedom movement**. Arlington, 2013. Disponível em: https://www.atlasnetwork.org/assets/uploads/annual-reports/Annual_Report_2013.pdf. Acesso em: 3 nov. 2020.

ATLAS NETWORK. **Year in review 2014: a free, prosperous, and peaceful world - global partner directory inside**. Arlington, 2014a. Disponível em: https://www.atlasnetwork.org/assets/uploads/annual-reports/Atlas_Network_YIR_2014.pdf. Acesso em: 3 nov. 2020.

ATLAS NETWORK. **Think Tank MBA**. Arlington. 2014b. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/think-tank-mba>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **42 free market leaders complete Think Tank leadership training**. Atlas Network. Arlington, 2014c. Disponível em:

<https://www.atlasnetwork.org/news/article/42-free-market-leaders-complete-think-tank-leadership-training>. Acesso em: 19 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **2014 Atlas Network Academy graduating class**. Arlington, 2014d. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/2014-atlas-leadership-academy-graduating-class>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **Seventh annual Think Tank MBA adds immediate value to participants**. Arlington, 2014e. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/seventh-annual-think-tank-mba-adds-immediate-value-to-participants>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **Year in review 2015**. Arlington, 2015a. Disponível em: https://www.atlasnetwork.org/assets/uploads/annual-reports/Atlas_Network_Year_in_Review_2015_Digital_Final.pdf. Acesso em: 3 nov. 2020.

ATLAS NETWORK. **Brazilian Think Tank start-up training**. Arlington, 2015b. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/academy/course/Brazilian-think-tank-start-up-training>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **The John Blundell elevator pitch: your 60 seconds...starts now**. Arlington, 2015c. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/the-john-blundell-elevator-pitch-your-60-secondsstarts-now>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Groups in Venezuela, Argentina, Brasil, Chile win Latin American freedom awards**. Arlington, 2015d. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/groups-in-venezuela-argentina-Brasil-chile-win-latin-american-awards>. Acesso em: 19 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **Training Think Tank leaders in Brazil**. Arlington, 2015e. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/training-think-tank-leaders-in-Brasil>. Acesso em: 19 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **Students for Liberty plays strong role in Free Brazil Movement**. Arlington, 2015f. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/students-for-liberty-plays-strong-role-in-free-Brasil-movement>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **Liberty movement exploding among Brazilian students**. Arlington, 2015g. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/liberty-movement-exploding-among-Brazilian-students>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **Brazilian students face confrontations after arguing for Uber deregulation**. Arlington, 2015h. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/Brazilian-students-face-confrontations-after-arguing-for-uber-deregulation>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **2016 annual report**. Arlington, 2016. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/assets/uploads/annual->

reports/Atlas_Network_Annual_Report_2016_Final_Digital_051517.pdf. Acesso em: 3 nov. 2020.

ATLAS NETWORK. **2017 annual report**. Arlington, 2017a. Disponível em: https://www.atlasnetwork.org/assets/uploads/annual-reports/final_annual_report_for_web_2017.pdf. Acesso em: 3 nov. 2020.

ATLAS NETWORK. **A look back at 2017's Regional Liberty Awards**. Arlington, 2017b. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/a-look-back-at-2017s-regional-liberty-awards>. Acesso em: 19 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **Instituto de Estudos Empresariais (IEE) named finalist for 2017 Templeton Freedom Award**. Arlington, 2017c. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/instituto-de-estudos-empresariais-iee-named-finalist-for-2017-templeton-fre>. Acesso em: 19 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **IEE case study boasts Latin America's Super Bowl of Liberalism**. Arlington, 2017d. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/iee-case-study-boasts-latin-americas-super-bowl-of-liberalism>. Acesso em: 19 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **Brasil's Instituto Atlantos wins Atlas Network's 2017 Smith Student Outreach Award**. Arlington, 2017e. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/Brasils-instituto-atlantos-wins-atlas-networks-2017-smith-student-outreach>. Acesso em: 19 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **Latin America Liberty Awards honor think tanks in Brasil, Honduras, Venezuela**. Arlington, 2017f. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/latin-america-liberty-awards-honor-think-tanks-in-Brasil-honduras-venezuela>. Acesso em: 19 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **CMLE: I Mackenzie Economic Freedom Forum**. Arlington, 2017g. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/event/cmle-i-mackenzie-economic-freedom-forum>. Acesso em: 19 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **2018 annual report**. Arlington, 2018a. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/assets/uploads/annual-reports/2018yearinreview.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2020.

ATLAS NETWORK. **Latin America Liberty Forum 2018 shines spotlight on socialism, social justice, and socializing**. Arlington, 2018b. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/latin-america-liberty-forum-2018-shines-spotlight-on-socialism-social->. Acesso em: 19 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **85 Atlas Network partners contribute to 2018 International Property Rights Index**. Arlington, 2018c. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/85-atlas-network-partners-contribute-to-2018-international-property-rights>. Acesso em: 19 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **Students For Liberty Brasil's state conferences host 2,300 attendees.** Arlington, 2018d. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/students-for-liberty-brasils-state-conferences-host-2300-attendees>. Acesso em: 19 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **Fernando Henrique de Sousa Miranda wins 2018 John Blundell Elevator Pitch Competition.** Arlington, 2018e. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/fernando-henrique-de-sousa-miranda-wins-2018-john-blundell-elevator-pitch-c>. Acesso em: 19 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **Novos esforços no Brasil para expor a situação regulatória de agricultores e pessoas do dia a dia.** Arlington, 2018f. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/new-efforts-in-Brasil-to-expose-regulatory-plight-of-farmers-everyday-peopl>. Acesso em: 3 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **2019 annual report.** Arlington, 2019. Disponível em: https://www.atlasnetwork.org/assets/uploads/annual-reports/AR_2019_Revised.pdf. Acesso em: 3 nov. 2020.

ATLAS NETWORK. **Smith Fellowship 2019.** Arlington, 2019b. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/academy/course/smith-fellowship-2019>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Think Tank Impact - March 4 - March 29, 2019.** Arlington, 2019c. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/academy/course/think-tank-impact-march-4-march-29-2019>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Students for Liberty Brasil wins 2019 Smith Student Outreach Award.** Arlington, 2019d. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/students-for-liberty-Brasil-wins-2019-smith-student-outreach-award>. Acesso em: 3 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **Finalists for Latin America Liberty Award 2019 announced from Brazil, Honduras, Peru.** Arlington, 2019e. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/finalists-for-latin-america-liberty-award-2019-announced-from-Brasil-h>. Acesso em: 19 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **Our story.** Arlington, 2020a. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/about/our-story>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Become a partner.** Arlington, 2020b. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/page/become-a-partner>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Outputs and outcomes guide to grant applications.** Arlington, 2020c. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/page/outputs-and-outcomes-guide>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **People.** Arlington, 2020d. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/about/people>. Acesso em: 2 nov. 2020.

ATLAS NETWORK. **Giving level and benefits**. Arlington, 2020e. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/donate/levels>. Acesso em: 2 nov. 2020.

ATLAS NETWORK. **Atlas Leadership Academy**. Arlington, 2020f. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/academy>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Executive Accelerator - Fairfax 2020**. Arlington, 2020g. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/academy/course/executive-accelerator-fairfax-2020>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Think Tank basics**. Arlington, 2020h. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/academy/course/think-tank-basics>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Leader lab**. Arlington, 2020i. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/page/leader-lab>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Europe Think Tank essentials - London 2020**. Arlington, 2020j. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/academy/course/europe-think-tank-essentials-london-2020>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Global influencer summit**. Arlington, 2020k. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/page/global-influencer-summit>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Think Tank navigator**. Arlington, 2020l. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/page/think-tank-navigator>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Think Tank leadership training**. Arlington, 2020m. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/page/think-tank-leadership-training>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Mentorship**. Arlington, 2020n. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/page/mentorship>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **International Student Project Grant**. Arlington, 2020o. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/grants-awards/grants/student-project-grants>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Think Tank startup fund**. Arlington, 2020p. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/grants-awards/grants/think-tank-start-up-fund>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Project/other grant**. Arlington, 2020q. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/grants-awards/grants/general-grant>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Elevator Pitch Competition Award**. Arlington, 2020r. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/grants-awards/awards/elevator-pitch-competition-award>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Lights, camera, Liberty Film Festival Award**. Arlington, 2020s. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/grants-awards/awards/lights-camera-liberty-film-festival-award>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **The 2020 Templeton Freedom Award**. Arlington, 2020t. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/grants-awards/awards/the-2019-templeton-freedom-award>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Regional Liberty Awards**. Arlington, 2020u. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/grants-awards/awards/regional-liberty-awards>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Smith Student Outreach Award**. Arlington, 2020v. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/grants-awards/awards/smith-student-outreach-prize>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Atlas Network book translations**. Arlington, 2020w. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/grants-awards/grants/atlas-network-book-translations>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Global voices for open trade**. Arlington, 2020x. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/grants-awards/grants/global-voices-for-open-trade-grant>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Illiberalism Grant**. Arlington, 2020y. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/grants-awards/grants/illiberalism-grant-application>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **JUMP: Joining Up to Minimize Poverty Grant**. Arlington, 2020z. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/grants-awards/grants/joining-up-to-minimize-poverty-grant>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Poverty & freedom grant**. Arlington, 2020aa. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/grants-awards/grants/poverty-and-freedom>. Acesso em: 1 set. 2020.

ATLAS NETWORK. **Think Tanks in Mexico, Costa Rica, and Brasil named finalists for 2020 Latin America Liberty Award**. Arlington, 2020ab. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/think-tanks-in-mexico-costa-rica-and-brasil-named-finalists-for-2020-latin>. Acesso em: 19 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **Livres' ambassadors for prosperity seeks to make entrepreneurship mainstream in Brazil**. Arlington, 2020ac. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/livres-ambassadors-for-prosperity-seeks-to-make-entrepreneurship-mainstream>. Acesso em: 19 dez. 2020.

ATLAS NETWORK. **Livres busca tornar as soluções clássicas liberais populares no Brasil**. Arlington, 2020ad. Disponível em:

<https://www.atlasnetwork.org/news/article/livres-seeks-to-make-liberal-solutions-mainstream-in-Brasil>. Acesso em: 2 dez. 2020.

BAGGIO, Kátia Gerab. Conexões ultraliberais nas Américas: o think tank norte-americano Atlas Network e suas vinculações com organizações latino-americanas. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLC, 12., 2016, Campo Grande. **Anais** [...] Campo Grande, 2016. p. 1-26. Disponível em: http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Katia_Gerab_Baggio_Anais_do_XII_Encontro_Internacional_da_ANPHLAC.pdf. Acesso em: 2 dez. 2020.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. Protestos da direita no Brasil contemporâneo: think tanks, grupos empresariais, intelectuais e aparelhos orgânicos da burguesia. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 20, n. 36, p. 151–165, 2016.

BERLANZA, Lucas. **Lições do Latin America Liberty Forum 2020 - Instituto Liberal**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 2020a. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/blog/licoes-latin-america-liberty-forum-2020/>. Acesso em: 7 dez. 2020.

BERLANZA, Lucas. **Centro Latinoamericano da Atlas Network avalia reveses no Chile e na Bolívia**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 2020b. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/blog/centro-latinoamericano-da-atlas-network-avalia-reveses-no-chile-e-na-bolivia/>. Acesso em: 7 dez. 2020.

BERLANZA, Lucas. **Instituto Liberal divulga história do liberalismo brasileiro em língua inglesa**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal. 2020c. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/blog/instituto-liberal-divulga-historia-do-liberalismo-brasileiro-em-lingua-inglesa/>. Acesso em: 7 dez. 2020.

BIANCHI, Alvaro. **O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política**. São Paulo: Alameda, 2008.

INSTITUTO MILLENIUM. Instituto Millenium ganha prêmio da Atlas Foundation. **Exame**, São Paulo, 26 jan. 2011. Disponível em: <https://exame.com/blog/instituto-millennium/instituto-millennium-ganha-premio-da-atlas-foundation/>. Acesso em: 8 dez. 2020.

BLUNDELL, John. **Waging the war of ideas**. 4. ed. London: The Institute of Economic Affairs, 2015.

BRINKMANN, Svend. Unstructured and semi-structured interviewing. *In*: LEAVY, Patrícia (Ed.). **The Oxford handbook of qualitative research**. New York: Oxford University Press, 2014.

CARROLL, W. K. Networks of cognitive praxis: transnational class formation from below? **Globalizations**, Abingdon, v. 10, n. 5, p. 691-710, 2013. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14747731.2013.828962>.

CELLARD, André. A análise documental. *In*: POUPART, Jean *et al.* (Ed.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CENTRO MACKENZIE. **Observatório do Legislativo**. São Paulo, 2016a. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/liberdade-economica/projetos/arquivo/n/a/i/projeto-observatorio-do-legislativo0/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

CENTRO MACKENZIE. **Painel Mackenzie de Liberdade Econômica**. São Paulo, 2016b. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/liberdade-economica/projetos/arquivo/n/a/i/projeto-painel-mackenzie-de-liberdade-economica0/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

CENTRO MACKENZIE. **Liberdade econômica estadual**. São Paulo, 2016c. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/liberdade-economica/indices/liberdade-economica-estadual/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

CENTRO MACKENZIE. **Auditoria da liberdade econômica no Brasil**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/liberdade-economica/projetos/arquivo/n/a/i/auditoria-da-liberdade-economica-no-brasil0/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

CENTRO MACKENZIE. **Projetos**. São Paulo, 2020a. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/liberdade-economica/projetos/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

CENTRO MACKENZIE. **Barômetro da liberdade econômica**. São Paulo, 2020b. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/liberdade-economica/projetos/barometro/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

CENTRO MACKENZIE. **Quem somos**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/liberdade-economica/quem-somos/>. Acesso em: 13 set. 2020.

CONSTANTINO, Rodrigo. **Combating special legal privileges for Brazilian truckers**. Arlington: Atlas Network. 2015. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/combating-special-legal-privileges-for-Brazilian-truckers>. Acesso em: 20 dez. 2020.

CONSTANTINO, Rodrigo. **Government corruption in Brasil presents both risks, opportunities**. Arlington: Atlas Network. 2016. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/government-corruption-in-Brasil-presents-both-risks-opportunities>. Acesso em: 6 dez. 2020.

COSPITO, Giuseppe. Hegemonia. *In*: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (Ed.). **Dicionário Gramsciano (1926-1937)**. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 366-368.

COUTINHO, Carlons Nelson. Introdução. *In*: COUTINHO, Carlos Nelson (Org.). **O leitor de Gramsci**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

DESAI, Radhika. Second-hand dealers in ideas: think-tanks and Thatcherite hegemony. **New Left Review**, London, n. 203, p. 27, 1994. Disponível em: <https://newleftreview.org/issues/l203/articles/radhika-desai-second-hand-dealers-in-ideas-think-tanks-and-thatcherite-hegemony>. Acesso em: 6 dez. 2020.

DESAI, Radhika. Neoliberalism and cultural nationalism: a danse macabre. *In*: PLEHWE, Dieter; WALPEN, Bernhard; NEUNHÖFFER, Gisela (Ed.). **Neoliberal hegemony: a global critique**. London; New York: Routledge, 2006. p. 222–236.

DESMOG. **Atlas Network (Atlas Economic Research Foundation)**. Seattle, 2019. Disponível em: <https://www.desmogblog.com/atlas-economic-research-foundation>. Acesso em: 3 nov. 2020.

DIXON, Eric D. **Encruzilhada ideológica do Brasil: menos Marx; mais Mises**. Arlington: Atlas Network. 2016. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/Brasils-ideological-crossroads>. Acesso em: 6 dez. 2020.

DJELIC, Marie-Laure. Building an architecture for political influence: Atlas and the transnational institutionalization of the neoliberal think tank. *In*: GARSTEN, Christina; SÖRBOM, Adrienne (Ed.). **Power, policy and profit: corporate engagement in politics and governance**. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2017. p. 25-44.

DJELIC, Marie-Laure; MOUSAVI, Reza. How the Neoliberal Think Tank went global: the Atlas Network, 1981 to the present. *In*: MIROWSKI, Philip; PLEHWE, Dieter; SLOBODIAN, Quinn. **Nine lives of neoliberalism**. London; New York: Verso Books, 2020. p. 257-283.

DJELIC, Marie-Laurie. Spreading ideas to change the world: inventing and institutionalizing the neoliberal Think Tank. *In*: GARSTEN, Christina; SÖRBOM, Adrienne (Ed.). **Political affair: bridging markets and politics**. Cheltenham: Edward Elgar, 2014.

DRUGMAND, Dana. A right-wing Think Tank is behind the controversial great barrington declaration calling for COVID-19 herd immunity. **Resilience**, [s.l.], 2020. Disponível em: <https://www.resilience.org/stories/2020-10-29/a-right-wing-think-tank-is-behind-the-controversial-great-barrington-declaration-calling-for-covid-19-herd-immunity/>. Acesso em: 7 nov. 2020.

FANG, Lee. Esfera de influência: como os libertários americanos estão reinventando a política latino-americana. **The Intercept Brasil**, [s.l.], 11 ago. 2017. Disponível em: <https://theintercept.com/2017/08/11/esfera-de-influencia-como-os-libertarios-americanos-estao-reinventando-a-politica-latino-americana/>. Acesso em: 22 dez. 2020.

FARIA, Ana Lúcia Barbosa. **Os laboratórios de ideias liberais e a batalha ideológica**. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20075>. Acesso em: 22 dez. 2020.

FISCHER, Karin; PLEHWE, Dieter. Redes de think tanks e intelectuales de derecha en América Latina. **Nueva Sociedad**, [s.l.], n. 245, p. 70–86, 2013. Disponível em: https://nuso.org/media/articles/downloads/3941_1.pdf. Acesso em: 22 dez. 2020.

FISCHER, Karin; PLEHWE, Dieter. Neoliberal Think Tank networks in Latin America and Europe: strategic replication and cross-national organizing. In: SALAS-PORRAS, Alejandra; MURRAY, Georgina (Ed.). **Think Tanks and global politics**. London: Palgrave MacMillan, 2017. p. 53–79.

FRIDERICHS, Lidiane Elizabete. A importância dos think tanks para a divulgação do neoliberalismo no Brasil. **Revisa Discente do Programa de Pós-Graduação em História - UFJF**, Juiz de Fora, v. 2, n. 4, p. 109–129, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/facesdeclio/article/view/26621/18366>. Acesso em: 9 out. 2019.

GIRDHARDAS, Anand. How America's elites lost their grip in 2019. **Time**, [s.l.], 21 Nov. 2019. Disponível em: <https://time.com/5735384/capitalism-reckoning-elitism-in-america-2019/>. Acesso em: 13 set. 2020.

GLENZA, Jessica. Revealed: the free-market groups helping the tobacco industry. **The Guardian**, London, 23 Jan. 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/business/ng-interactive/2019/jan/23/free-market-thinktanks-tobacco-industry>. Acesso em: 7 nov. 2020.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 2.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**: o Risorgimento, notas sobre a história da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 5.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**: Maquiavel, notas sobre o Estado e a política. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. v. 3.

GROS, Denise B. Institutos liberais, neoliberalismo e políticas públicas na nova república. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s.l.], v. 19, n. 54, p. 143–160, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n54/a09v1954.pdf>. Acesso em: 28 out. 2019.

GROS, Denise B. Organizações empresariais e ação política no Brasil a partir dos anos 80. **Civitas**: revista de ciências sociais, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 273-300, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/121/116>. Acesso em: 6 jan. 2021.

HAUCK, Juliana Cristina Rosa. Os think tanks brasileiros e seus modos de presença na cena política: um olhar sobre suas estratégias de disseminação de ideias e busca de influência nas políticas públicas. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA POLÍTICA, 10., 2016, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte, 2016. Disponível em:

<https://cienciapolitica.org.br/system/files/documentos/eventos/2017/04/think-tanks-brasileiros-e-seus-modos-presenca-cena-politica.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2021.

HAUCK, Juliana Cristina Rosa. What are “Think Tanks”? : revisiting the dilemma of the definition. **Brasilian Political Science Review**, [s.l.], v. 11, n. 2, p. 1–30, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bpsr/v11n2/1981-3821-bpsr-1981-3821201700020006.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2021.

HAYEK, Friedrich Von. **The intellectuals and socialism**. [S.l.], 2018. Disponível em: https://cdn.mises.org/Intellectuals and Socialism_4.pdf. Acesso em: 6 jan. 2021.

HENDERSHOT, BURKHARDT & ASSOCIATES. **Atlas Economic Research Foundation Financial Statements and Independent Auditors’ Report**. Arlington: Atlas Network, 2013. Disponível em: https://www.atlasnetwork.org/assets/uploads/annual-reports/Audit_2012.pdf. Acesso em: 3 nov. 2020.

HENDERSHOT, BURKHARDT & ASSOCIATES. **Atlas Economic Research Foundation Financial Statements and Independent Auditors’ Report**. Arlington: Atlas Network, 2014. Disponível em: https://www.atlasnetwork.org/assets/uploads/annual-reports/Audit_2013.pdf. Acesso em: 3 nov. 2020.

HENDERSHOT, BURKHARDT & ASSOCIATES. **Atlas Economic Research Foundation Financial Statements and Independent Auditors’ Report**. Arlington: Atlas Network, 2015. Disponível em: https://www.atlasnetwork.org/assets/uploads/annual-reports/ATLAS_AUDIT-FY2013-2014.pdf. Acesso em: 3 nov. 2020.

HENDERSHOT, BURKHARDT & ASSOCIATES. **Atlas Economic Research Foundation Financial Statements and Independent Auditors’ Report**. Arlington: Atlas Network, 2016. Disponível em: https://www.atlasnetwork.org/assets/uploads/annual-reports/ATLAS_AUDIT_YE12.31.15_for_Public_Distribution.pdf. Acesso em: 3 nov. 2020.

HENDERSHOT, BURKHARDT & ASSOCIATES. **Atlas Economic Research Foundation Financial Statements and Independent Auditors’ Report**. Arlington: Atlas Network, 2017. Disponível em: https://www.atlasnetwork.org/assets/uploads/annual-reports/ATLAS_FINAL_AUDIT_DEC-31-2016001629.pdf. Acesso em: 3 nov. 2020.

HENDERSHOT, BURKHARDT & REED. **Atlas Economic Research Foundation Financial Statements and Independent Auditors’ Report**. Arlington: Atlas Network, 2012. Disponível em: https://www.atlasnetwork.org/assets/uploads/annual-reports/Atlas_2011_audit.pdf. Acesso em: 3 nov. 2020.

IFL SÃO PAULO. **Projetos IFL São Paulo**. São Paulo, 2020. Disponível em: <http://iflsp.org/como-participar/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

INSTITUTO ATLANTOS. **Sobre nós**. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://atlantos.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS. **Destaques**. Porto Alegre, 2020a. Disponível em: <https://www.iee.com.br/destaques>. Acesso em: 13 nov. 2020.

INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS. **Edições anteriores**. Porto Alegre, 2020b. Disponível em: <https://www.forumdaliberdade.com.br/edicoes>. Acesso em: 19 dez. 2020.

INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS. **Quem somos**. Porto Alegre, 2020c. Disponível em: <https://www.iee.com.br/quem-somos>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS. **Formação**. Porto Alegre, 2020d. Disponível em: <https://www.iee.com.br/formacao>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS. **Palestrantes**. Porto Alegre, 2020e. Disponível em: <https://www.iee.com.br/palestrantes>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO DE FORMAÇÃO DE LÍDERES DE BELO HORIZONTE. **Quem somos**. Belo Horizonte, 2020a. Disponível em: <https://www.iflbh.com.br/quem-somos>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO DE FORMAÇÃO DE LÍDERES DE BELO HORIZONTE. **Formação**. Belo Horizonte, 2020b. Disponível em: <https://www.iflbh.com.br/formao>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO DE FORMAÇÃO DE LÍDERES DE BELO HORIZONTE. **Eventos**. Belo Horizonte, 2020c. Disponível em: <https://www.iflbh.com.br/eventos-1>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO DE FORMAÇÃO DE LÍDERES DE SANTA CATARINA. **Quem somos**. Florianópolis, 2020a. Disponível em: <https://iflsc.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO DE FORMAÇÃO DE LÍDERES DE SANTA CATARINA. **Ciclo de formação**. Florianópolis, 2020b. Disponível em: <https://iflsc.org.br/o-que-fazemos/>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO DE FORMAÇÃO DE LÍDERES DE SÃO PAULO. **O que é o IFL?** São Paulo, 2020a. Disponível em: <http://iflsp.org/quem-somos/>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO DE FORMAÇÃO DE LÍDERES DE SÃO PAULO. **Ciclo de formação**. São Paulo, 2020b. Disponível em: <http://iflsp.org/quem-passou-por-aqui/>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO LIBERAL. **Quem somos**. Rio de Janeiro, 2019 Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 28 out. 2019.

INSTITUTO LIBERAL. **Instituto Liberal participa do Liberty Forum da Atlas Network**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/blog/instituto-liberal-participa-do-liberty-forum-da-atlas-network/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

INSTITUTO LIBERAL. **Curso Liberalismo Raiz**. Rio de Janeiro, 2019a. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/curso-liberalismo-raiz/>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO LIBERAL. **Curso de Escola Austríaca**. Rio de Janeiro, 2019b. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/curso-de-escola-austriaca/>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO LIBERAL DE SÃO PAULO. **Quem somos**. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.ilisp.org/quem-somos/>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO LIBERDADE. **O Instituto**. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://institutoliberalidade.com.br/>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO LÍDERES DO AMANHÃ. **Ciclo de Formação**. Vitória, 2020. Disponível em: <https://www.lideresdoamanha.org.br/ciclo-de-formacao>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO LÍDERES DO AMANHÃ. **Estratégia**. Vitória, 2020. Disponível em: <https://www.lideresdoamanha.org.br/copia-o-instituto-1>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO MILLENIUM. **Quem somos**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.institutomillennium.org.br/institucional/quem-somos/>. Acesso em: 17 nov. 2019.

INSTITUTO MILLENIUM. **Imil na sala de aula**. São Paulo, 2020a. Disponível em: <https://www.institutomillennium.org.br/imil-na-sala-de-aula/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

INSTITUTO MILLENIUM. **Millennium analisa**. São Paulo, 2020b. Disponível em: <https://www.institutomillennium.org.br/categoria/analisa/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

INSTITUTO MILLENIUM. **Tom Palmer**: propriedade intelectual. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.institutomillennium.org.br/tom-palmer-propriedade-intelectual/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

INSTITUTO MISES BRASIL. **Sobre nós**: Pós-Graduação em Escola Austríaca. São Paulo, 2019. Disponível em: https://pgea.com.br/sobre_nos/. Acesso em: 19 dez. 2020.

INSTITUTO MISES BRASIL. **O curso**: Pós-Graduação em Escola Austríaca. São Paulo, 2020a. Disponível em: <https://pgea.com.br/curso/>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO MISES BRASIL. **Processo seletivo**: Pós-Graduação em Escola Austríaca. São Paulo, 2020b. Disponível em: <https://pgea.com.br/processo-seletivo>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO MISES BRASIL. **Investimento**: Pós-Graduação em Escola Austríaca. São Paulo, 2020c. Disponível em: <https://pgea.com.br/investimento/>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO MISES BRASIL. **Mais informações**: Pós-Graduação em Escola Austríaca. São Paulo, 2020d. Disponível em: <https://pgea.com.br/mais-informacoes/>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO MISES BRASIL. **Docentes**: Pós-Graduação em Escola Austríaca. São Paulo, 2020e. Disponível em: <https://pgea.com.br/docentes/>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO MISES BRASIL. **Editais**: Mises Summer School. São Paulo, 2020f. Disponível em: <https://summer.mises.org.br/doc/Editais.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO MISES BRASIL. **Mises Brasil Summer School**. São Paulo, 2020g. Disponível em: <https://summer.mises.org.br/>. Acesso em: 13 set. 2020.

INSTITUTO MISES BRASIL. **Quem somos**. São Paulo, 2020h. Disponível em: <https://www.mises.org.br/About.aspx>. Acesso em: 13 set. 2020.

ITO, Rodrigo; MACHADO, Candice. A volta do pensamento liberal na América Latina? Um estudo sobre a influência da escola econômica austríaca na região. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PENSAR E REPENSAR A AMÉRICA LATINA, 2., 2016, São Paulo. **Anais** [...] São Paulo, 2016. Disponível em: http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Katia_Gerab_Baggio_Anais_do_XII_Encontro_Internacional_da_ANPHLAC.pdf. Acesso em: 13 set. 2020.

LA PORTA, Lelio. Crise de hegemonia / Crise orgânica. *In*: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (Ed.). **Dicionário Gramsciano (1926-1937)**. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 162-164.

LEARY, Declan. The Conservative Inc. to Big Tech Pipeline. **The American Conservative**, Washington, 22 July 2020. Disponível em: <https://www.theamericanconservative.com/articles/the-conservative-inc-to-big-tech-pipeline/>. Acesso em: 7 nov. 2020.

LIGUORI, Guido. Estado / Estado ampliado. *In*: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (Ed.). **Dicionário Gramsciano (1926-1937)**. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 261-264.

LIVRES. **Bancada da Liberdade**. [S.l.], 2020a. Disponível em: <https://www.eusoulivres.org/bancada-da-liberdade/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

LIVRES. **Líderes Livres**. [S.l.], 2020b. Disponível em: <https://www.eusoulivres.org/lideres-livres/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

LIVRES. **Sobre**. [S.l.], 2020c. Disponível em: <https://www.eusoulivres.org/sobre-o-livres>. Acesso em: 13 set. 2020.

LIVRES. **Academia Livres**. [S.l.], 2020d. Disponível em: <https://academia.eusoulivres.org.br/>. Acesso em: 13 set. 2020.

MACEDO, Elisabeth. Repolitizar o social e tomar de volta a liberdade. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, p. 1–15, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698212010>. Acesso em: 13 set. 2020.

MACHADO, Heitor. **IL no Atlas Network's Latin America Liberty Forum**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 2017. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/videos/il-no-atlas-networks-latin-america-liberty-forum/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

MATO, Daniel. Think tanks, fundaciones y profesionales en la promoción de ideas (neo)liberales en América Latina. In: GRIMSON, Alejandro (Ed.). **Cultura y neoliberalismo**. Buenos Aires: CLACSO, 2007. p. 19-42.

MATTOS, Fernando Preusser de. **O Brasil no debate estratégico franco-alemão: uma análise do discurso dos principais think tanks da Alemanha e da França a respeito da inserção internacional do Brasil**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/139360>. Acesso em: 6 jan. 2021.

MBL elegeu oito de seus 45 candidatos. **Carta Capital**, São Paulo, 3 out. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/mbl-elegeu-oito-de-seus-45-candidatos/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

MCGANN, James. **Think Tanks and policy advice in the United States: academics, advices and advocates**. New York: Routledge, 2007.

MEDVETZ, Thomas. **Think Tanks in America**. Chicago: The University of Chicago Press, 2012.

MITAROTONDO, Laura. Partido. In: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (Ed.). **Dicionário Gramsciano (1926-1937)**. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 604-607.

MITCHELL, Timothy. How neoliberalism makes its world. In: MIROWSKI, Philip; PLEHWE, Dieter (Ed.). **The Road from Mont Pelerin**. Cambridge: Harvard University Press, 2009. p. 386-416.

MÜLLER, Bruno Raphael. “Primo do MBL”, EPL leva ideias liberais à universidade. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 22 jun. 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/estudantes-pela-liberdade-desafia-hegemonia-da-esquerda-9qk7kw1vsghnu6ulrnup1s6kq/>. Acesso em: 4 dez. 2020.

MURRAY, Georgina. The Australian Think Tank: a key site in a global distribution of power? In: SALAS-PORRAS, Alejandra; MURRAY, Georgina (Ed.). **Think Tanks and global politics**. London: Palgrave MacMillan, 2017. p. 53-79.

OBSERVATÓRIO DO EMPREENDEDOR. **Boletins**. [S.l.], 2020a. Disponível em: <https://oemp.org.br/boletins/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

OBSERVATÓRIO DO EMPREENDEDOR. **Reforma tributária**. [S.l.], 2020b. Disponível em: <https://reforma.oemp.org.br/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

OBSERVATÓRIO DO EMPREENDEDOR. **Sobre**. [S.l.], 2020c. Disponível em: <https://oemp.org.br/sobre/>. Acesso em: 13 set. 2020.

PARMAR, Inderjeet. **Think tanks and power in foreign policy**: a comparative study of the role and influence of the Council on Foreign Relations and the Royal Institute of International Affairs, 1939-1945. Hampshire; New York: Palgrave Macmillan, 2004.

PARMAR, Inderjeet. Foundation Networks and American Hegemony. **European Journal of American Studies**, [s.l.], v. 7, n. 1, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ejas/9476>. Acesso em: 6 jan. 2021.

PAUTZ, Hartwig. Revisiting the think-tank phenomenon. **Public Policy and Administration**, [s.l.], v. 26, n. 4, 2011. p. 419-435. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0952076710378328>. Acesso em: 06 jan. 2021.

PINTO, Céli Regina Jardim. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). **Lua Nova**, São Paulo, n. 100, p. 119-153, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-119153/100>. Acesso em: 6 jan. 2021.

PIVATTO JUNIOR, Dilceu Roberto. **Os think tanks no Reino Unido**: interpretações a respeito da atuação do Brasil no cenário internacional (2001-2016). 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/171227>. Acesso em: 6 jan. 2021.

PLEHWE, Dieter; FISCHER, Karin. Continuity and variety of neoliberalism: reconsidering Latin America's Pink Tide. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, [s.l.], v. 13, n. 2, 2019. p. 166-202. Disponível em: <https://doi.org/10.21057/10.21057/repamv13n2.2019.23902>. Acesso em: 06 jan. 2021.

PLEHWE, Dieter; WALPEN, Bernhard. Between network and complex organization: the making of neoliberal knowledge and hegemony. *In*: PLEHWE, Dieter; WALPEN, Bernhard; NEUNHÖFFER, Gisela (Ed.). **Neoliberal hegemony**: a global critique. London; New York: Routledge, 2006. p. 27-51.

PLEHWE, Dieter; WALPEN, Bernhard; NEUNHÖFFER, Gisela. Introduction: reconsidering neoliberal hegemony. *In*: PLEHWE, Dieter; WALPEN, Bernhard; NEUNHÖFFER, Gisela (Ed.). **Neoliberal hegemony**: a global critique. London; New York: Routledge, 2006. p. 1-25.

POLITI, James. Trump's nomination of Judy Shelton to Fed falters. **Financial Times**, [s.l.], 2020. Disponível em: <https://www.ft.com/content/b00fd735-6b71-4774-8ef5-e99da51ff700>. Acesso em: 7 nov. 2020.

POWELL, Benjamin; RYAN, Matt E. The global spread of think tanks and economic freedom. **Journal of Private Enterprise**, [s.l.], v. 32, n. 3, p. 17-31, 2017.

PROPUBLICA. **Judy Lynn Shelton**. [S.l.], 2017. Disponível em: <https://projects.propublica.org/trump-town/staffers/judy-lynn-shelton>. Acesso em: 7 nov. 2020.

RAMOS, Leonardo César Souza. **A sociedade civil em tempos de globalização: uma perspectiva Neogramsciana**. 2005. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=ocorrencia&nrSeq=6617@1&nrseqoco=18559>. Acesso em: 7 nov. 2020.

RIGOLIN, Camila Carneiro Dias; HAYASHI, Maria Cristina P. Innocentini. Por dentro dos “reservatórios de idéias”: uma agenda de pesquisa para os think tanks brasileiros. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 2012. p. 20-33. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3340/2946>. Acesso em: 7 nov. 2020.

RICH, Andrew. **Think tanks, public policy and the politics of expertise**. New York: Cambridge University Press, 2004.

ROCHA, Camila. Direitas em rede: think tanks de direita na América Latina. *In*: CRUZ, Sebastião Velasco e; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Ed.). **Direita, volver!**: o retorno da direita no ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 261-279.

ROCHA, Camila. **“Menos Marx, mais Mises”**: uma gênese da nova direita brasileira. 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Departamento de Ciência Política, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-19092019-174426/pt-br.php>. Acesso em: 06 jan. 2021.

ROGERS & COMPANY. **Atlas Economic Research Foundation Financial Statements and Independent Auditors' Report**. Arlington: Atlas Network, 2018. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/assets/uploads/annual-reports/Atlas-17-FS-Final.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2020.

ROGERS & COMPANY. **Atlas Economic Research Foundation Financial Statements and Independent Auditors' Report**. Arlington: Atlas Network, 2019. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/assets/uploads/annual-reports/ATLAS-18-FS-Final-Revised.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2020.

ROGERS & COMPANY. **Atlas Economic Research Foundation Financial Statements and Independent Auditors' Report**. Arlington: Atlas Network, 2020.

Disponível em: https://www.atlasnetwork.org/assets/uploads/annual-reports/2019_atlasaudit.pdf. Acesso em: 3 nov. 2020.

SARAMAGO, José. **Caim**. Alfragide: Caminho, 2009.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351/pdf>. Acesso em: 03 nov. 2020.

SECCHI, Leonardo; ITO, Letícia Elena. Think tanks e universidades no Brasil: análise das relações na produção de conhecimento em política pública. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, n. 46, p. 333–354, 2016. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/554>. Acesso em: 06 jan. 2021.

SILVEIRA, Luciana. **Fabricação de ideias, produção de consenso**: estudo de caso do Instituto Millenium. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ifch/fabricacao-ideias-producao-consenso-estudo-caso-instituto-millenium>. Acesso em: 06 jan. 2021.

SLOBODIAN, Quinn. **Globalists**: the end of the empire and the birth of neoliberalism. Cambridge: Harvard University Press, 2018.

SMITH, Julia; THOMPSON, Sheryl; LEE, Kelley. The atlas network: a “strategic ally” of the tobacco industry. **International Journal of Health Planning and Management**, v. 32, n. 4, p. 433-448, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5716244/>. Acesso em: 7 nov. 2020.

STONE, Diane. Introduction: think tanks, policy advice and governance. *In*: STONE, Diane; DENHAM, Andrew (Ed.). **Think tank tradition**: policy research and the politics of ideas. Manchester; New York: Manchester University Press, 2004. p. 1-19.

STUDENTS FOR LIBERTY BRASIL. **Brasil empreende**. [S.l.], 2019. Disponível em: <http://brasilemprende.org.br/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

STUDENTS FOR LIBERTY BRASIL. **Programa de coordenadores**. [S.l.], 2020a. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/Brasil/programa-de-coordenadores/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

STUDENTS FOR LIBERTY BRASIL. **Sobre nós**. [S.l.], 2020b. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/Brasil/sobre-nos/>. Acesso em: 13 set. 2020.

SVARTMAN, Eduardo Munhoz. Os think tanks dos EUA e as visões sobre a atuação internacional do Brasil. **Relaciones Internacionales**, Buenos Aires, v. 25, n. 50, p. 153-170, 2016. Disponível em: <https://revistas.unlp.edu.ar/RRII-IRI/article/view/2682>. Acesso em: 06 jan. 2021.

SVARTMAN, Eduardo Munhoz. Argentina e Brasil na visão dos think tanks dos Estados Unidos. **Carta Internacional**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 127-147, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.21530/ci.v13n1.2018.725>. Acesso em: 06 jan. 2021.

TEIXEIRA, Tatiana. **Os think tanks e sua influência na política externa dos EUA**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

TEXIER, Jacques. Sociedade civil. *In*: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (Ed.). **Dicionário Gramsciano (1926-1937)**. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 732-734.

VIDAL, Camila Feix; LOPEZ, Jahde; BRUM, Luan. The power of Ideas: the Fórum da Liberdade 1988-2018. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 55-79, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-8529.2019420100003>. Acesso em: 29. jan. 2021.

VIDAL, Camila Feix; BRUM, Luan. Por uma outra forma de (re)pensar as Relações Internacionais: hegemonia e criação de consenso. **Conjuntura Austral**, Porto Alegre, v. 11, n. 56, p. 109-121, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/105342/59165>. Acesso em 24. jan. 2021.

VOZA, Pasquale. Intelectuais / Intelectuais orgânicos. *In*: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (Ed.). **Dicionário Gramsciano (1926-1937)**. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 425-431.

WIETCHIKOSKI, Luciana. **A atuação internacional do Brasil no século XXI: as visões dos principais think tanks estadunidenses (2003-2016)**. 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/186008>. Acesso em: 06 jan. 2021.

WIETCHIKOSKI, Luciana; SVARTMAN, Eduardo M. Decifrando o "Trump tropical": análise das percepções dos think tanks dos Estados Unidos sobre a eleição e o governo Bolsonaro. **Conjuntura Austral**, Porto Alegre, v. 11, n. 56, out-dez, 2020. p. 7-20. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2178-8839.96222>. Acesso em 24. jan. 2021.

APÊNDICE A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

- 1) Você autoriza que essa entrevista seja gravada? Você autoriza a utilização do seu nome como citação ou prefere anonimato?
- 2) Como foi seu contato e participação na Atlas?
- 3) Qual a importância da Atlas para a sua organização / organização que você representa?
- 4) Quais são as ideias e valores promovidos no think tank?
- 5) A interação com a Atlas mudou e/ou acrescentou algo nesse sentido?
- 6) Como ocorre o *networking* entre think tanks parceiros da Atlas?
- 7) Como sua organização atua para difundir ideias e para dialogar com a política e os políticos ou tomadores de decisão?
- 8) De que forma a Atlas contribui para as ações desenvolvidas pelo seu think tank? Após interação com a Atlas, o financiamento do think tank melhorou de alguma forma?
- 9) Os programas de formação da Atlas auxiliam no cotidiano do think tank? E as competições, incentivam?
- 10) Quem você recomenda para entrevistas sobre a atuação da Atlas no Brasil?

APÊNDICE B – ENTREVISTAS

Entrevistado: Manoel Ferreira (diretor de comunicação do Livres)

Data da entrevista: 19/10/2020 (via chamada de vídeo)

P. Como foi seu contato com a Atlas?

R. Acho que meu primeiro contato com a Atlas foi em 2008, talvez. Através do....Deixa só eu checar o ano aqui... Que foi através do evento Liberdade na Estrada, que foi então promovido pelo Instituto Ordem Livre, que não existe mais. Foi a partir de 2009, corrigindo. E o Liberdade na Estrada foi basicamente um ciclo de palestras realizado em universidades brasil afora. Eu era estudante de jornalismo da UFPR de Recife. Participei dessa palestra organizada pelo Ordem Livre com financiamento da Atlas e desde então me tornei frequentador das organizações do movimento liberal. Depois ajudei a fundar o Estudantes Pela Liberdade no Brasil. Depois o Livres. E no contexto do EPL, eu participei dos cursos da academia da Atlas, que é uma academia online. Basicamente, minha relação com a Atlas como pessoa física é essa. Eu também participei da conferencia da liberdade da Atlas na AL no ano passado ou retrasado, não lembro bem, foi no Panamá. O último fórum da liberdade latino-americano.

P. Qual a importância da Atlas para o Livres e de que forma ela atua na área de formação e difusão de ideias, também?

R. Isso. Acabei de me lembrar de uma coisa importante. Eu também participei de um curso....você me fez essa pergunta....e aí me veio essa ajuda que eles deram na resposta. Foi um curso chamado Lights, Camera & Liberty. É um curso de formação em produção de vídeos. Então, eles têm tanto um módulo de roteiro como um modulo técnico de fotografia, luz, som, esse tipo de coisa. A Atlas ajuda basicamente de duas formas. Uma com contatos e formação. Então através dos encontros da Atlas a gente entra em contato com pessoas de outras organizações que trabalham pela liberdade no mundo e tem acesso a treinamentos como esse que acabei de mencionar, que enfim, nos ajudam a capacitar o trabalho de difusão de ideias. E a Atlas também é uma financiadora. Ela também ajuda com o financiamento para alguns projetos. No caso do Livres, a Atlas foi bem importante para a gente tirar do papel um projeto que nós temos que se chama Embaixadores Livres, que é

basicamente um ciclo de capacitação de jovens da periferia. A gente realizou esse projeto em São Lourenço da Mata, que é uma cidade da região metropolitana de Recife, e é um projeto de capacitação empreendedora e de qualificação de habilidades profissionais com jovens da periferia. A Atlas foi uma das financiadoras desse projeto. E isso é muito legal porque isso ajuda a desempenhar nossas atividades e avançar com nossas ideias.

P. E quais são as ideias e valores promovidos no Livres e de que forma isso coincide com as ideias e valores promovidos na Atlas?

R. O Livres é uma associação civil, sem fins lucrativos, que atua na defesa de valores de liberdade individual de modo amplo. Então a gente defende a democracia liberal, a economia de mercado e a sociedade aberta, que são três pilares do liberalismo. E o encontro com os valores da Atlas é total porque a Atlas promove justamente esses valores.

P. A interação entre a Atlas e o Livres acrescentou algo? Vocês começaram a perceber esses valores de forma diferente a partir da interação com a Atlas?

R. Não diria. Diria que é muito mais uma ajuda em termos de como nos organizar melhor do que em termos ideológicos. A ideologia a gente já tinha. Já havia a consonância de valores e através do contato com a Atlas a gente pode aperfeiçoar nosso trabalho.

P. Como ocorre o networking entre think tanks parceiros da Atlas, no âmbito da Atlas? Como funciona essa rede liberal? Como tu mesmo mencionou, tu atuou na criação do EPL também. Então são pessoas que se conectam a vários institutos, a várias instituições que formam esse ecossistema.

R. No caso do EPL tem muito a ver com o trabalho da Atlas porque em primeiro lugar houve esse ciclo de palestras, o Liberdade na Estrada. E depois o Instituto Ordem Livre, também com financiamento da Atlas, promoveu o seminário de verão do Instituto Ordem Livre, que foi realizado em fevereiro de 2012. E esse seminário basicamente reuniu jovens estudantes que tinham sido impactados nessas palestras, claro que uma quantidade bem menor deles do que as pessoas que estavam nas palestras em si. Mas enfim, eu fui uma das pessoas que participou desse seminário. E lá que surgiu a ideia de refundar o EPL no Brasil, que tinha tido

uma primeira iniciativa no RS comandada pelo Fábio Ostermann e pelo Anthony Ling, que não tinha tido muitos frutos e a ideia tava meio parada e a partir desse seminário, em 2012, tinham lá pessoas do Brasil todo. Eram, acho, 40 pessoas, se não me engano. E aí um dos pontos do Seminário foi a divisão dos presentes em quatro grupos de trabalho, que pensaram projetos que poderiam ajudar no avanço das nossas ideias no país. Um deles foi a refundação do EPL, como uma rede de estudantes liberais que pudessem atuar nas universidades, atraindo outras pessoas interessadas nas nossas ideias. E foi assim que surgiu o EPL. Então a forma como a Atlas promove o networking é basicamente através de eventos, onde pessoas de diversos lugares e organizações se encontram. E agora eles têm feito os encontros virtuais, que é basicamente um momento de troca de experiências, onde cada organização faz um resumo do projeto que está desenvolvendo em parceria com a Atlas. Não sei a periodicidade desses encontros. Quem participa deles é a nossa outra diretora, a diretora de políticas públicas. Eu sou diretor de comunicação. Mas basicamente algumas vezes por ano há essa reunião. Não lembro se é trimestral. Mas é basicamente um Zoom em que cada um relata em poucos minutos como está sendo o avanço do seu projeto. Então são momentos em que as pessoas se encontram online, o que também reforça o networking.

P. Como o Livres atua para difundir ideias e para dialogar com a política ou políticos ou tomadores de decisão de forma mais ampla?

R. O Livres atua através de três eixos. A gente diz que nós informamos, formamos e reformamos. A gente informa através da criação de conteúdo do público em geral, tendo como objetivo a construção de um público interessado em ideias liberais. A gente faz formação de lideranças, então a gente tem alguns projetos, como eu mencionei, o Embaixadores Livres. Mas a gente desenvolveu ao longo desse ano o Projeto Nabuco, mais voltado para habilidades de mobilização. E a gente tem webinars internos regulares, que são promovidos através dos nossos núcleos setoriais. O Livres tem núcleos voluntários de associados, que se agrupam por estados e por setoriais temáticos. E as setoriais temáticas organizam webinars regulares sobre os temas de cada área. E o terceiro pé é o pé de reformas. Que a gente atua fazendo advocacy em prol de políticas públicas e legislações que sejam alinhadas aos nossos valores. A gente faz isso através da promoção de audiências públicas. A gente realizou duas esse ano. Uma sobre o projeto das fake News e

outra sobre o enem. E antes disso...a promoção de audiência pública foi uma espécie de adaptação que a gente teve em função da pandemia. Mas antes da pandemia o que a gente costumava fazer eram cafés da manhã na câmara de deputados convidando deputados como um todo e pessoas que trabalham como assessores de gabinete dos deputados, sempre para conversar com alguns especialistas sobre temas que tenham a ver com a nossa agenda. E a outra coisa que a gente faz é a publicação de notas técnicas, que ficam disponíveis no nosso site. A gente publica notas técnicas com exposições do livres a respeito de projetos de lei que sejam relevantes para nossas ideias.

P. Após a interação com a Atlas, o financiamento do Livres melhorou de alguma forma? Em termos quantitativos, quanto a Atlas representa do total de financiamento?

R. Não vou saber de cabeça a porcentagem da Atlas, mas não é significativo não. A gente tem basicamente três fontes de financiamento do Livres. São nossos associados que pagam a mensalidade de R\$ 24,90. A gente tem parceiros institucionais, como a Atlas, que em geral fazem financiamento muito baseado em projeto. Então, por exemplo, a Atlas não paga o salário de nenhum funcionário. A Atlas paga o financiamento de um projeto como esse que eu tava falando, da realização de aula, desse tipo de coisa. E a gente tem doador pessoa física. Então, a porcentagem de doação que vem da Atlas não é tão significativo no nosso orçamento.

P. Os programas de formação da Atlas, auxiliam no cotidiano de atividades do Livres. E as competições, incentivam de alguma forma?

R. Incentivam. É sempre bom ter um reconhecimento internacional do nosso ecossistema, a gente acha que isso é muito positivo. O Livres nunca ganhou uma competição ainda, até porque a gente existe como uma associação civil desde 2018, então só houve duas premiações desde então. 2018 foi um ano muito de estruturação do Livres ainda. Em 2019 a gente se inscreveu na competição de vídeo e não ganhamos, mas pudemos participar desse curso de formação. Então é muito positivo, a gente entende como uma forma de qualificação da equipe, de manutenção da motivação, a gente vê como uma coisa muito positiva.

Entrevistado: Gustavo Fernandes (presidente do Instituto Atlantos)

Data da entrevista: 20/10/2020 (via chamada de vídeo)

P. Gostaria que você comentasse um pouco sobre seu contato e participação na Atlas Network, tanto você como outras pessoas que fazem parte do Instituto Atlantos. Como é a relação entre instituto e a Atlas Network?

R. Assim, eles têm os grants deles para coisas específicas. O Atlantos, agora, o último Grant que nós tivemos com eles foi para a tradução de um livro, o último livro do Tom Palmer, a primeira versão dele para português fomos nós que fizemos. E basicamente eles têm o portal e tu aplica para ter acesso ao grant. Tu aplica dizendo quanto tu acha que tu precisa, o que tu quer fazer, qual obra que tu quer, qual teu projeto. Tu explica o que tu quer fazer, quanto tu precisaria, porque a Atlas deveria te ajudar, como isso influencia as ideias do que pelo menos o Atlantos chama de ideias da liberdade. Liberdade econômica e liberdade social. Então, eu não fiz os primeiros grants. Quem fez foram os gestores anteriores. O Atlantos inclusive ganhou prêmio de melhor evento liberal estudantil do mundo inteiro. Acho que foi em 2018. O prêmio era sobre a Conferência Atlantos de 2017 e quem recebeu foi o presidente da época, que era o João, em 2018. Cara, eles são uma coisa assim bem formal, sabe? Eu não conheço pessoalmente ninguém da Atlas. Eles têm um portal em que eles têm as regras deles, tu acaba te submetendo a alguns processos deles. Tipo depois que a gente lançou o livro a gente teve que fazer um post report de vendas, quanto que a editora está vendendo do livro, sabe? Então eles têm todo um cronograma de acordo com teu projeto, sabe? Desde o início, do planejamento, da estrutura que tu já dá para eles, até durante a execução e no final. As vezes eles adaptam o procedimento para ficar mais confortável para quem está com o grant na mão. Mas é isso, assim. Eles financiam projetos pela liberdade.

P. Ainda nesta linha, de que forma tu vê a importância da Atlas para o Instituto Atlantos e de que forma eles contribuem para o trabalho de vocês?

R. Nossa, contribui muito. Eles têm fóruns deles, também, né? Eles têm eventos da Atlas, para os quais nós somos convidados. Com pessoas bem qualificadas. E aí a gente consegue colocar uma gurizada bem nova, pelo menos no Atlantos, a gente é,

eu sou um dos mais velhos assim, que estão ativos, né? E eu tenho 23. Então a gente consegue colocar uma gurizada bem nova para ter contato com pessoas que são referência em temas específicos, como economia, direito e filosofia. Agora com a questão do Covid a gente teve pessoas da área médica, biológica, enfim, no último evento deles. E aí a gente consegue dar acesso a essa gurizada a um conteúdo qualificado, de primeiro nível, sabe? Para o Atlantos, a Atlas foi essencial. Tanto na questão de viabilizar projetos que nós julgamos como muito importantes para o que a gente tem como missão, que é qualificar e expandir os debates do que a gente chama de ideias da liberdade. Quanto do ponto de vista operacional, porque, poxa, é muito difícil criar uma instituição do nada, né? Especialmente quando tu não pode, como outras instituições aqui no Brasil, pegar dinheiro público, por exemplo. Porque seria muito...Primeiro porque seria anti-estatutário, no caso do Atlantos. Mas para além disso, para alguém que se diz liberal, é muito complicado isso. Ninguém quer dar esse passo, sabe? De ir atrás de dinheiro público porque....Tu dá muito pano para a manga. Mas aí tu pode discutir: “Ah, mas é o dinheiro que é do pagador de impostos, sou pagador de impostos, é meu dinheiro”. Tá, beleza. Mas daí a gente não consegue criticar quando dão dinheiro para pesquisas ruins, assim, que a gente acredita que não são do interesse público. Então a gente evita isso. E instituições como a Atlas, e outras instituições além da Atlas, mas outras instituições além da Atlas, mas a Atlas especificamente foi uma que nos ajudou muito. A gente pode citar SFL, a Fire, nos EUA, que é só de liberdade de expressão, enfim, tem n projetos aí. E esses projetos de lá, às vezes abastecem a gente aqui, sabe?

P. Se fosse colocar em uma hierarquia, a Atlas estaria entre as instituições de fomento mais importantes, lá dos EUA para cá?

R. Para mim, a Atlas faz um trabalho que pouca gente se dispõe a fazer. Que é não ser apenas um projeto da própria instituição. A Atlas não faz apenas os seus projetos da maneira que eles querem, com o seu olhar. O que eles fazem, na minha opinião, é a essência do liberalismo, que é descentralizar a tomada de decisão. Então, é tipo, poxa, vou ajudar outras instituições com seus projetos, sabe? E não trazer elas para o meu arcabouço para elas desempenharem um projeto meu. Para mim isso é fantástico. Eu conheço várias outras, mas nenhuma tem esse perfil tão forte quanto a Atlas, de preservar a liberdade daqueles que estão sendo ajudados, de tocar seu projeto de sua maneira, sabe? Ela não diz que eu não posso, por

exemplo, falar de temas específicos, não me impõe nenhuma barreira, sabe? É muito difícil encontrar instituições que sejam tão rígidas na hora de selecionar, porque a Atlas foi a instituição mais rígida que já passei para selecionar para funding. Mas que depois de bem selecionado, que preserve tanto a liberdade daqueles que estão participando de suas projeções, da maneira da Atlas de impulsionar institutos.

P. Quais são as ideias e valores promovidos no âmbito do Instituto Atlantos, qual é o foco e o público?

R. Nossa ideia é pegar desde o início da faculdade até o pessoal que está terminando uma pós-graduação. Então a gente não quer pessoas muito mais velhas porque destoam do nosso público, e o nosso público tem uma questão de convivência. Existia o MisRand, que era um grupo de amigos que se reunia para falar de liberalismo porque gostava do tema, saía para tomar cerveja. E o Atlantos foi a profissionalização desse grupo. Então o Atlantos tem uma pegada muito importante de ser um espaço de convivência social para quem pensa diferente da esquerda no Brasil. Poxa, a gente vê aqui em Porto Alegre mesmo, né? O Xiru, vários espaços aí que são típicos da esquerda, e que os liberais normalmente não tem. E o Atlantos teve papel muito importante para várias pessoas, especialmente para mim, por exemplo. De ser um espaço de convivência e de encontrar outras pessoas partilham dos mesmos valores e pensamentos. Eu, por exemplo, era um cara de esquerda quando entrei na faculdade. Hoje eu já me formei em direito, sou advogado. E eu fui expulso do grupo de direito internacional que criei por ter me tornado liberal. Poxa, o Atlantos foi um espaço muito importante de convivência com pessoas que respeitavam minha visão de mundo. Quanto aos nossos valores. Nós temos como valores a liberdade, em primeiro lugar sempre. A vitalidade intelectual, a gente tem como valor institucional, porque o Atlantos se propõe a ser acadêmico, de formação acadêmica. Tu pode ver que temos textos bem avançados e textos de pessoas que estão na graduação, mas estão tentando se qualificar para produzir cientificamente. Então a ideia é qualificar as pessoas do ponto de vista acadêmico. E o último, se não me engano era integridade ou força de vontade de trabalhar eticamente pelas ideias. Nosso objetivo, nossa missão institucional é qualificar e expandir o debate em torno das ideias da liberdade. E nossa visão de curto prazo, né, é até mais ou menos 2030 ser a maior instituição liberal estudantil do sul do país. Uma coisa que é importante comentar é que o Atlantos ele sempre preza muito por respeitar várias

linhas de pensamento. A gente tem dentro do Instituto, alguns, ainda que poucos, conservadores, a gente tem anarcocapitalistas, a gente tem liberais clássicos, como eu. Mas o Atlantos enquanto linha institucional é uma linha liberal clássica. Então tu nunca vai ver um texto defendendo o fim do Estado. Mas tu vai ver textos do Atlantos defendendo o (inaudível) processo legal, por exemplo.

P. A interação com a Atlas acrescentou algo nos valores do Atlantos ou mudou esses valores? De que forma ocorre a coesão entre valores da Atlas Network e Atlantos?

R. Acho que a relação se deu porque havia coincidência de valores. Eu acho que eles não influíram nos valores do Atlantos. O Atlantos quando conheceu a Atlas já era uma instituição com valores bem formados. E com um pessoal que sempre prezou por vitalidade intelectual e debateu muito. A gente teve sempre debate, aí nos churrascos era o pessoal pró-aborto e os contra aborto, os pró-imposto e os contra imposto, etc. Então a gente já tinha um histórico de colocar nossas ideias à prova a muito tempo, né? Então a gente já tinha valores bem consolidados justamente por isso. E aí acho que por enxergar na gente esses valores que a Atlas veio nos ajudar e nos apoiar em vários projetos.

P. Como o Atlantos atua para difundir ideias e para dialogar com a política ou com políticos e tomadores de decisão, embora não seja o foco de vocês. Como funciona essa relação?

R. O Atlantos não apoia político algum. O Atlantos até faz lives eventualmente com algum político que tenha ideias liberais sobre temas específicos. Mas a gente evita tratar isso com eles na condição de “fale aqui sobre seu mandato”. Não. “Há um debate sobre reforma tributária, venha nos contar o que está acontecendo nos bastidores”, ok. Mas nós temos uma regra muito clara que não fazemos lives ou eventos com políticos que estão em campanha. E nós temos muito cuidado com essa questão de política, porque instituições acadêmicas tradicionalmente são cooptadas para apoiarem segmentos da política. Isso é quase instintivo. Eu sou um cara que tô no meio político, por exemplo. Mas eu tenho um esforço institucional de separar isso. A minha pessoa, do que faço dentro da política e o que eu faço dentro do Atlantos. O Atlantos é um projeto acadêmico. Quanto às nossas operações, a gente tem grupos de estudos e faculdades, então. Por exemplo, eu fui fundador do

(inaudível) Liberdade, na Escola Superior do Ministério Público, onde a gente debateu o livro do Bruno Leone, a gente debateu alguns livros do Gianturco, debateu (inaudível), que a gente acredita que sob a perspectiva liberal é fantástico trabalhar o livro dele. Segurança jurídica enquanto um valor liberal. A gente trabalhou alguns textos de public choice, de análise (inaudível) do direito. Então a gente cria os grupos nas faculdades, e deixa que as pessoas que estão naquele grupo identifiquem o que as pessoas que estão naquela faculdade querem saber sobre liberalismo. Se a gente tem um approach mais filosófico ou mais profissional, por exemplo. Se tá em uma faculdade de administração tu não pode ficar falando pra eles sobre Estado de Direito sem parar, porque eles não vão te ouvir. Então tem que falar sobre empreendedorismo, por exemplo. Liberdade para empreender. Então tu adapta à ideia de acordo com o público, de qual segmento dos princípios liberais tu vai focar mais naquela faculdade. Então os grupos de estudos funcionam como funil, as pessoas mais engajadas e qualificadas normalmente viram coordenadores do Atlantos. E dentro da instituição tu tem coordenadores, diretores e presidente. O Atlantos, internamente, funciona como um hub de ideias de seus coordenadores. Então uma coordenadora queria fazer uma live sobre direito ambiental, aí ela foi fazer uma live sobre a Àrvore do Futuro, do Narloch, que atua junto com o Narloch. Então cada coordenador tem bastante autonomia para criar projetos dentro do instituto contanto que eles estejam de acordo com que a gente vê como uma boa política pública, ou valores acadêmicos adequados ou a metodologia correta. E aí os diretores têm mais o papel de fiscalizar essas coisas para que nada fique muito fora do que é nossa cultura institucional e para mentorar essas pessoas para fazerem da melhor maneira possível esses projetos. Então eu tenho um coordenador agora que quer fazer um ebook. Então quem do nosso pessoal, entre diretores, ex-membros, conselheiros, já publicou? Então beltrano já publicou. E tem cultura editorial. Então vamos colocar eles para conversar e para se ajudarem a fazer um trabalho qualificado.

P. De que forma a Atlas contribui para as ações desenvolvidas no âmbito do Atlantos e se a interação entre a Atlas e o Instituto melhorou o financiamento do Atlantos de alguma forma?

R. O Atlantos trabalha com outros doadores além da Atlas. Principalmente pessoas físicas. Um grupo importante de doadores que acompanham o trabalho bastante tempo. O funding da Atlas foi muito importante para o Atlantos, mas para o Atlantos

desenvolver projetos, não para o Atlantos se subexistir. Então foi muito mais financiamento de ações específicas do Instituto do que manutenção do escritório virtual ou qualquer coisa do gênero, sabe? Nós tivemos uma sorte que entre o tempo de protocolo do nosso requerimento de funding e o tempo de desembolso houve uma valorização do dólar que nos ajudou. Mas foi uma sorte, e foi uma vez só. O instituto naturalmente não depende muito da Atlas para a operação cotidiana, é mais para o objeto do grant mesmo.

P. Os programas de formação auxiliam o think tank? E as competições, elas incentivam vocês a direcionar o projeto ou a fazer um projeto, a se engajar mais em um projeto?

R. Sim, nos estimula bastante. Não só porque nós queremos o prêmio, mas porque nós queremos ser...Os prêmios incentivam bastante porque nós temos coordenadores bem jovens e esse tipo de gamificação funciona bem com esse público. A qualificação que a Atlas dá é muito boa e o pessoal acompanha bastante os materiais que a Atlas gera e isso nos ajuda a ter um ciclo de formação mais consistente nas ideias da liberdade. Mas mais do que isso, a Atlas olhar para o Atlantos faz com que os coordenadores queiram fazer um bom trabalho. Os coordenadores querem ser respeitados pela Atlas. Eles querem que nossa instituição seja bem vista. Poxa, então todo mundo admira a Atlas e quer que a Atlas veja no Atlantos um espaço a ser admirado no Brasil. É muito mais um respeito institucional, de querer estar no ecossistema deles, do que diretamente o prêmio, ainda que o prêmio seja importante para o pessoal mais novo. Meu foco não é o prêmio. Eu prefiro fazer um trabalho legal de Grants com a Atlas, para ser respeitado pela Atlas, ser visto pela Atlas, mesmo que ele não se adeque aos prêmios tradicionais, né, do que fazer isso pensando como vou ganhar o prêmio tal.

Entrevistado: Vladimir Maciel (Coordenador do Centro Mackenzie)

Data da entrevista: 21/10/2020 (via chamada de vídeo)

P. Como foi seu contato e sua participação na Atlas, tanto como pessoa física e pensando também no Centro Mackenzie?

R. O contato com a Atlas se deu por meio do antigo presidente da Atlas, que era o Alejandro Chafuen. Ele foi trazido para fazer uma palestra na universidade e conheceu a iniciativa que tava surgindo ainda. Ainda era um projeto piloto, de ter um

centro de pesquisa, um think tank acadêmico, que tivesse uma orientação de liberalismo clássico, dentro da nossa universidade. Ele foi dar uma palestra sobre a questão da corrupção e do populismo, etc, e capitalismo de compadrio. Isso foi no final de 2015. Aí ele conheceu nossa universidade, almoçou com a gente, conheceu nossas instalações. A gente nem tinha um prédio ainda, do Centro, mas ele falou: "Eu presido uma instituição que tem essa função". A gente ainda não tinha o conhecimento do que era. Contou a história, que é derivado da criação da Atlas, que tem relação com o IEA lá na Inglaterra. Que ele veio de lá, que a trajetória dele passa por ali. Com o Instituto, né. Com a importância que teve na Inglaterra, a Margareth Thatcher que estudou lá, e tudo mais. Ele falou: "A gente tem uma atuação. Entrem no nosso site e conheçam. A gente tem linhas de financiamento de pesquisa e de iniciativas". Então foi assim que a gente tomou contato com a Atlas. E depois fez um processo formal, de se cadastrar, entender como ela funcionava, entender o âmbito. E se cadastrar. E nos tornamos membros associados dessa rede. Que é uma rede de institutos.

P. De que forma você vê a importância para o Centro Mackenzie?

R. Então, a Atlas tem dois papéis importantes. Ela permite que a gente se conecte com essa rede, principalmente da América Latina, e se faça conhecido. Temos uma característica muito peculiar. Lá nos EUA é relativamente comum centros como o nosso, de liberdade econômica, que são centros de pesquisa que nascem dentro da universidade e tem uma orientação clara, são estudos que estão olhando o funcionamento de mercado, tem uma visão pró-mercado, tem essa orientação teórica, de estar usando as referências. E eles existem. Tem casos de institutos que têm mais sucesso, que cresceram tanto que hoje eles aportam recursos nas universidades, que é o caso do Mercatus, que é o mais antigo. E tem outros pequeninhos que estão fazendo a mesma trajetória que a gente. Estão começando ainda. E tem as mesmas dificuldades, que é equipe, financiamento, recurso, foco e todo esse processo. Mas de um lado, fazer parte da rede nos fez conhecer nossos pares para além do Brasil e principalmente também na América Latina. Na América Latina também nós somos um caso meio raro. Na América do Sul. Mas entender a realidade latino-americana faz muito mais sentido para a gente, em termos de quais são as questões, quais são as temáticas. Por exemplo, a questão de pobreza, de inserção social, é uma coisa que se coloca muito para a gente na América Latina e é

uma discussão de menor intensidade nos centros de pesquisa nos EUA. Eles estão já, digamos assim, num outro estágio, né. A gente aqui está preocupado com coisas básicas. Então participar da Atlas permitiu a gente fazer isso. De um outro lado, a Atlas tem linhas de financiamento. São linhas de financiamento de, sei lá, 5 mil dólares, 4 mil dólares, 3 mil, 8 mil dólares, que não é um montante grande, mas que pra nossa atuação faz diferença. Então a gente conseguiu tocar alguns projetos e alguns projetos que eu acho que dificilmente teriam financiamento interno, porque são muitos experimentais. Então, por exemplo, nas eleições a gente criou um barômetro da liberdade econômica. E o que era? A gente pegou algumas entrevistas formais, dos candidatos à presidência, com maior percentual de intenção de voto na pesquisa, e a gente assistiu e transcreveu e fez análise de conteúdo e usou critérios para classificar quem era o candidato mais liberal, menos liberal, etc. Então uma das coisas que a gente tem percepção...e usou um método científico pra isso, né? Usou análise de conteúdo, frequência de palavras, expressões. E foi interessante, né? Porque em última instância o Bolsonaro não era, e de fato não é, o mais liberal, né? O Meirelles e o Amoedo tavam muito mais à frente, né? O Alvaro Dias que às vezes conversava para pegar um pedaço desse eleitorado, quando você faz uma análise cuidadosa você percebe que não tá. ele tá no centro. então esse tipo de pesquisa que não tem um resultado acadêmico imediato, mas pra gente é importante para criar a metodologia que depois a gente vai utilizar, a gente conseguiu desenvolver com recurso da Atlas. E a gente basicamente, o recurso o que foi? Foi dar uma bolsa de estudos para nossos alunos de graduação para fazer um trabalho do cão, de ouvir as entrevistas e transcrever aquilo e processar. Então essas e outras iniciativas, inclusive, a primeira edição do Fórum de Liberdade Econômica, né? Que hoje tá indo para a quarta edição. Então teve apoio de recursos da Atlas, que permitiu a gente fazer material de divulgação, com sacolinha, caderninho, pagar passagem de palestrante, refeição, almoço. Então são montantes que são pequenos do ponto de vista até do tamanho do que é o Mackenzie, mas permitiu a gente criar coisa, estabelecer o centro. Então são os dois pontos importantes. Tem o terceiro que eu esqueci de falar. A gente participou de algumas capacitações online, alguns cursos online e presenciais. Alguns congressos. E pra gente foi um baita de um aprendizado, porque a gente. Eu tenho uma trajetória acadêmica. Então fazer gestão de um think tank....e por meio da Atlas a gente teve acesso a conteúdo mesmo. Para colocar quais são os desafios. Tem um problema muito sério de

comunicação dos resultados. Como você se comunica com o público, como você se relaciona com mídia social. A questão da própria gestão da estrutura, tem que ter uma divisão de trabalho interna. Não pode ser só um monte de pesquisador saindo por aí procurando só. Então, esse tipo de olhar profissional pra atividade, essa capacitação, a Atlas nos deu esse acesso, por meio dos cursos e oficinas que ela ministra.

P. Quais as ideias e valores promovidas no âmbito do Centro Mackenzie?

R. Então o Centro Mackenzie é um centro associado ao liberalismo político e econômico clássico, tá? Então nas categorias aí que tem de liberdade econômica, a gente não faz parte dos libertários. A gente está muito mais numa tradição que é a tradição da democracia representativa. A tradição do livre comércio. Do freios e contrapesos para a atuação do Estado. Uma atuação focada e limitada ao que é necessário. Acho que uma preocupação grande da gente com a inclusão ou a redução da pobreza e inclusão produtiva. Seja via trabalho, seja via empreendedorismo. E aí eu não tô falando de. A gente fala de empreendedorismo, tem quem fala: "Ah, não. Empreendedor é o cara que tá pedalando na bicicleta do Rappi ou do Uber Eats". Não é isso. A gente tá falando do empreendedorismo mesmo, que é ter o pequeno negócio dele, conseguir gerar renda pra família e melhorar a qualidade de vida. Então esses são os valores que a gente tem, né? A gente acredita nessa ideia da livre iniciativa como um motor pra que o país consiga se desenvolver.

P. E a interação com a Atlas, ela mudou ou acrescentou algo nesse sentido pra vocês?

R. Acrescentou, sim, bastante. Primeiro ela permitiu que projetos que a gente fez um planejamento estratégico 2016-2020. Então a gente conseguiu tirar do papel projetos com os recursos que a Atlas nos possibilitou nas várias chamadas de financiamento. Não vou falar que tudo que a gente pediu, a gente conseguiu. A gente tem as vezes projeto que é negado, etc. É um fundo que tem critérios como outros. Mas no nosso ponto de vista, a gente conseguiu dar o start para nossas ações quando a gente criou o índice de liberdade econômica estadual a gente submeteu para uma avaliação comparativa e a gente ganhou o prêmio, então....a gente tem esse trabalho pioneiro aqui pra América Latina, então de olhar para a

liberdade econômica dos entes subnacionais, a gente criou isso para o Brasil e a Atlas reconheceu. Então foi muito bacana ter um selo, ter um prêmio. A gente foi premiado, teve não só uma cerimônia simbólica, mas teve um valor monetário de 3 mil dólares, que ajudou a gente a custear essas ações que a gente tá falando, né? E do outro lado, a parte de ter um olhar profissional para a operação do centro, para a questão de comunicação e publicização dos nossos resultados. Os canais de comunicação para além do muro da universidade, fazer essa ponte de extensão. E isso tá numa diretriz da nossa própria instituição. Eu não sei se você já teve oportunidade de conhecer a nossa universidade. A nossa universidade é muito antiga, né? Ela tá comemorando este ano 150 anos. Então a gente do meio...com pandemia. Mas em comemoração de 150 anos da instituição. Então, o muro da universidade...Tem o muro que é o muro mais antigo, que ele é tombado pelo patrimônio histórico. E um pedaço do muro a gente pediu autorização, fez todo um processo, pra remover os tijolos e deixar uma parte de vidro. E o ato simbólico disso era dizer que a universidade...ela tem o interesse de se abrir pra fora do muro, da torre de marfim, se comunicar. O nosso predinho, que é uma casinha antiga que foi escola primária, também é tombado, tem mais de 100 anos, né? Uma casinha de tijolinho que já foi escola primária, ele tá de frente a esse pedaço do muro. De se relacionar, de produzir internamente conhecimento e dar publicidade pra isso, divulgar, e trazer o público externo pra dentro da universidade. Grupos de estudo, os cursos de pós-graduação, inclusive tem curso EAD, trazer para os cursos presenciais, para as palestras. Não agora com pandemia, né? Mas a gente tinha essa conversa, esse diálogo. Então desse ponto de vista, quando a Atlas traz conhecimento técnico formal pra gente conseguir fazer melhor essa atuação, então foi uma contribuição importante, foi um dos pontos positivos que a atlas nos ajudou a tratar e a fazer.

P. Como ocorre o networking entre institutos parceiros da Atlas?

R. O networking acontece nos eventos. A Atlas tem o fórum da América Latina, que acontece em junho, geralmente em uma capital. e aí você tem a vinda de diversos centros e representantes. Então você tem uma série de tarefas e dinâmicas, que focam inclusive em conhecer essa rede. Então a partir daí, pós-congresso, a gente passa a ter contato e a trocar informações e a definir áreas de estudos de interesse comum. palestrantes pra eventos cruzados e assim por diante. o outro é que por

meio da atlas ser uma rede internacional, então quando algum centro quer efetuar um estudo. então por exemplo, a gente tá participando de um estudo sobre....compras...o processo de compras de medicamentos por parte do setor público. Aqui no Brasil tem aí a rede SUS que tá incluída e tem os demais países da América Latina. E esse estudo veio, né, a partir de um centro associado à Atlas que tá na Inglaterra. Um centro que trabalha muito com a área de inovação, chamado Geneva Network. O contato conosco é porque eles, solicitaram: "Eu preciso de instituições latino-americanas, tem condições de pesquisa de fazer análises e estudos, né, para tratar determinados temas". E via Atlas, a gente foi colocado em contato. Então, tem esse....essa é a forma pela qual a rede se operacionaliza.

P. Como o Centro Mackenzie atua para difundir ideias e dialogar com a política ou políticos ou tomadores de decisão? Vocês têm essa questão do advocacy, é algo presente no Instituto?

R. Sim, é algo presente com todas as limitações e restrições impostas pela nossa categoria de centro. A gente tem centros que são somente de divulgação de ideias. Na verdade, a gente é um centro de pesquisa aplicada na sua essência. Então como a gente faz? A gente acaba participando....por conta dos eventos que a gente realiza, dos estudos que a gente publica, a gente começa a aparecer e ser conhecido. E aí, algumas questões, os próprios políticos as vezes nos procuram. Outras veze somos acionados para enviar o material e falar: "A gente tem esse estudo, tem essa informação aqui, acho que é importante". Então a gente fez....foi uma parte da nossa atuação que foi o observatório do legislativo. A gente fez uma amostra aí, de um conjunto de quase 5 mil projetos de lei do ano de 2018, separando aqueles que interferiam na atividade econômica e classificando com base na mesma lógica da metodologia que a gente usou pra fazer a análise dos candidatos a presidência. A gente fez uma análise de conteúdo dos projetos. E usou critérios. Como nós somos parceiros do instituto canadense Fraser Institute, que calcula o índice de liberdade econômica mundial, nós usamos o critério que eles utilizam pra medir liberdade econômica pra fazer análise dos projetos de lei. E aí a gente fez uma análise do perfil. Quem que vota, quantos desses projetos interferem pra restringir de alguma forma a liberdade econômica. A gente fez um mapa disso. Em cima de uma metodologia. Isso chamou a atenção, por exemplo, de alguns representantes estaduais e federais, porque esse critério que a gente usou...até

inclusive algum foi muito sincero fazendo autocrítica. "poxa, usando isso eu percebi que já votei, né, eu fui contra a liberdade econômica, né?". Outra coisa foi promover o debate da lei da liberdade econômica, a gente promoveu dentro da universidade, deu contribuições em audiências públicas e como agora a gente participou da estratégia de desenvolvimento nacional de propriedade intelectual. E o programa de desregulamentação, na verdade é desburocratização. Diminuir esse volume regulatório e legal que se sobrepõe. Então teve audiências públicas. Nós participamos de audiências públicas. Fomos procurados pela própria escola nacional de administração pública pra um evento sobre a questão de política de modernização do Estado. Então a nossa atuação, na medida em que vamos produzindo estudos e conhecimento e organizando debates dentro da universidade sobre temas de interesse do país, a nossa atuação ficou mais presente. Mas a gente não é ainda um centro desenvolvedor de política pública que faz advocacy. A gente não tá nesse estágio e nem sei se faz sentido porque a nossa origem é a origem da universidade. o que a gente tá dando é critérios pra tomada de decisão, trazendo elementos e evidências empíricas pra algumas questões.

P. De que forma a Atlas contribui para as ações desenvolvidas no centro?

R. Uma parte por ter linhas de financiamento que consigam acomodar nossos projetos. A outra parte é promover esse networking para nos tornar em evidência e nos fazer conhecidos e permitir que a gente consiga estabelecer pontos, diálogos e projetos com outros centros. e a outra parte é a parte de capacitação mesmo, técnica, de gestão dos think tanks, que é algo que não é comum. A gente não tem isso. Nós somos de uma instituição que é sem fins lucrativos, que é um instituto, que tem uma universidade. Portanto, a gente tá falando de um órgão que é não governamental, que não tem fins lucrativos, então, a gente não encontra fora, tipo da Atlas, alguma capacitação específica para o tipo de segmento que a gente atua.

P. Os programas de formação da Atlas, eles auxiliam no cotidiano do think tank? E as competições, elas incentivam vocês a direcionar o projeto de alguma forma, enfim. Como isso funciona na prática?

R. A capacitação, sim, ela promove isso. Ela tem online e presencial quando a gente vai a algum congresso, que por exemplo, a Atlas pode estar dando suporte financeiro a um congresso. Por exemplo, a gente já foi apresentar trabalho

acadêmico. E eles nos vendo na lista de participantes, eles convidam: "Vocês não querem participar aqui, ficar mais um dia no Congresso. A gente paga mais uma diária pra vocês no hotel, mas a gente vai ter um dia inteiro de capacitação". E pra gente foi muito útil. E pra gente foi muito útil, como eu te disse. É um conhecimento que ele não tá, assim, na prateleira. Principalmente pra nossa realidade, que é a realidade de think tank universitário. Tem uma outra lógica de operação. Então desse ponto de vista, isso é importante. Em sabendo das competições que tem, das premiações, a gente tenta desenhar alguns projetos visando atender alguns requisitos. Então, por exemplo, a gente sabe que um projeto que a gente faz. Ele tem que ter obrigatoriamente, se ele quiser participar de algum critério da Atlas pra premiação, ele tem que ser uma vez realizada a pesquisa ou a iniciativa, ela tem que se tornar de alguma forma pública. Ela não pode ficar na prateleira ou virar um paper que vai estar dentro de um journal acadêmico e sumiu. então assim ele tem que ter uma tradução para o dia a dia, ele tem que ser comunicado, ele tem que tá acessível. então isso é uma coisa que a gente pensa hoje nas iniciativas que a gente faz. é não deixar morrer. porque do ponto de vista estritamente acadêmico, se eu fiz uma pesquisa, gerei um artigo acadêmico e participei de um congresso e debati, tá muito que bom, cumpri meus pontos, cumpri a regulamentação da capes, vou pro próximo. O que a Atlas nos coloca, na medida em que tem não só os treinamentos, mas tem os prêmios, é que: "bom, o que você fez com isso depois? você deu publicidade? divulgou? a sociedade sabe que existe? os tomadores de decisão? os formuladores de política pública?". Então, ele cobra uma coisa de forma indireta da gente que é ter essa conversa pra além dos nossos muros, além da torre de marfim.

Entrevistado: Lucas Berlanza (diretor-presidente do Instituto Liberal)

Data da entrevista: 23/10/2020 (via chamada de vídeo)

P. Então, Lucas, como foi seu contato e participação na Atlas? Tanto você como de outras pessoas que compõem o Instituto Liberal e a relação institucional entre Instituto Liberal e Atlas Network?

R. Olá, a relação do Instituto Liberal com a Atlas, como você deve saber, é muito antiga. Vem lá da década de 80 quando o Instituto foi fundado. É uma parceria que o Donald Stuart, fundador do IL, firmou. O Donald tinha contatos em diversas instituições estrangeiras além da Atlas. Fraser Institute, por exemplo. Então esse era

mais um contato. Mas eu não tenho acesso hoje...A gente tem os arquivos do Instituto guardados, mas estão amontoados num depósito. Ainda não consegui organizar, analisar aquilo ali. Eu não tenho como te dizer precisamente para que fins os investimentos da Atlas foram direcionados. Muito provavelmente pra apoiar os colóquios, o Liberty Fund que o IL ajudava a organizar ou apoiar as edições de livros. Eram as atividades principais que o Instituto desempenhava na época. Mas te dar detalhes sobre isso é impossível. Eu cheguei ao Instituto como colunista em 2014. Em 2015 fui funcionário. Depois eu me afastei e voltei a escrever para o Instituto e assumi a diretoria executiva no final de 2018. Está sendo renovada agora. Esse período todo a relação com a Atlas foi muito reduzida, certamente em comparação ao que era no passado. O que aconteceu neste período que eu posso afirmar, antes mesmo de eu assumir a diretoria, foi um pedido de financiamento por parte da gestão anterior pra que houvesse....pra financiar uma série de vídeos. Eles financiaram uma pequena séries de vídeos. Um financiamento bem módico pra aquilo que poderia ser imaginado do que a Atlas poderia doar. Foi só um pedido pra doar pra aquilo ali. Depois que eu assumi, a Atlas sofreu algumas mudanças. Parece que a pessoa responsável pela interface com os institutos parceiros na AL mudou. Era uma moça chamada Hane Crevelari assumiu lá a função. E ela começou a entrar em contato com os parceiros antigos, entre eles o IL. Então ela me procurou diretamente pra falar comigo, se colocar à disposição, se apresentar e retomar o diálogo. Oportunidade que nós aproveitamos para pedir, agora mais recentemente, tendo retomado o diálogo, assistido a alguns eventos virtuais que a Atlas ajuda organizar, até sob recomendação da própria Hane Crevelari, a gente conseguiu submeter o pedido de financiamento para um projeto de edição de livros, livros em geral que não são comerciais, que não são para fins lucrativos, então uma editora comercial não lança. Livros dos fundos do Liberty Fund. A gente pediu um pequeno financiamento para ajudar na edição desses livros. É uma forma de começar a retomar mais ativamente esse contato que estava um tanto quanto sessado.

P. Quais são as ideias e valores promovidos no âmbito do Instituto Liberal?

R. O Instituto Liberal foi fundado nos anos 80 com o propósito de difundir intelectualmente, trazer conteúdo em língua portuguesa que defendesse e explicasse as ideias do liberalismo nos seus diversos espectros, das diversas tendências internas ao espectro do liberalismo. Aí a gente tá entendendo liberalismo

social, liberalismo clássico, objetivismo, escola de Chicago, escola austríaca. Todas as formas de pensamento que são compreendidas dentro do liberalismo tinham e têm representação no IL. Na época do Donald você tinha no IL um Meira Pena, um Melchior, que são pensadores que se criticavam. Mas eles estavam lá participando e dando seu parecer para formar internamente um debate liberal. De forma geral, os princípios que todo mundo tem que abraçar e que o instituto tem como vocação estatutária a sustentar são aqueles que estão na declaração de princípios dos institutos liberais que foi firmada em 1988. Hoje, os únicos dois institutos da época que ainda existem, são o próprio IL e o antigo IL do RS, que se chama Instituto Liberdade atualmente, ele mudou de nome. Mas a declaração de princípios daquela época continua valendo. O IL tem que defender economia de mercado, sistema representativo, propriedade privada, são os princípios fundamentais que o IL tem que sustentar. A lista completa se você quiser eu posso lhe passar. Mas essencialmente é isso. Sistema representativo, economia de mercado, propriedade privada, liberdade, obviamente, liberdades individuais, responsabilidade individual, são os princípios que o instituto precisa sustentar. Os princípios básicos do liberalismo.

P. A interação entre a Atlas e o Instituto Liberal acarreta em alguma mudança de paradigma pro Instituto Liberal? Acrescenta algo nesses valores que vocês promovem?

R. Eu acho. Eu acho que a gente tem muito mais...Acho não...Seguramente, pelo menos nos últimos dez anos, vamos dizer assim, né? Historicamente é difícil eu dizer qual foi a participação precisa que a Atlas teve em cada projeto que o IL desenvolveu, nos anos 80 e 90. Eu não sei dizer isso, eu precisaria estar com os documentos à mão. Mas nos últimos dez anos, vamos dizer assim, é muito mais importante pra gente a interação que, na prática tem sido....A gente espera que isso mude, a gente tá retomando um diálogo. Mas tem sido muito mais efetiva na prática a interação com os outros institutos e organizações do Brasil do que com o exterior. Então, eu diria que sob esse aspecto, não tem tido muita influência. Houve um distanciamento, na prática, de diálogo entre as instituições.

P. E quando tu falas em outras instituições no Brasil, quais instituições tu te referes?

R. Olha, quando você me convidou, você mostrou ali um link das instituições parceiras da Atlas. Tá lá uma lista. Instituto de Formação de Líderes, Mises Brasil, IEE, Instituto Liberdade, o IL, né? Estão todas listadas ali. Eu diria que a gente tem mais diálogo, mais relação com aquelas outras que estão ali do que com a própria Atlas em si.

P. Como ocorre networking entre vocês?

R. A gente se conhece. Por exemplo, o Rachewsky, o presidente do Instituto Liberdade, ele é colunista do IL. Escreve pro IL. Participa de iniciativas...Veio pra cá pro RJ quando eu organizei a primeira conferência do Instituto Liberal no ano passado. Pessoal do Mises, o Hélio Beltrão e companhia, eles também, de vez em quando, divulga os cursos uns dos outros. O pessoal do Mises também toca a editora LVM no qual eu sou editável. O livro do Donald Stuart saiu pela LVM. Então a gente tem, o IEE tem no Rachewsky um dos seus fundadores, então essas instituições interagem mais entre elas do que elas com as instituições de fora. Hoje. Eu acredito, mas isso é puro chutômetro. Eu acredito que no passado essa interação era mais intensa. Mas nos últimos tempos...Seria um erro atribuir essa onda de desenvolvimento das instituições ao exterior que é realmente limitado. Eu até imaginava que fosse mais intenso antes de eu entrar no movimento. Mas uma vez que eu entrei e vi de dentro como é que as coisas funcionam, eu vejo que essa interação ela tem sido limitada. Acho que a Atlas está querendo voltar a ter uma interação mais intensa. Mas a realidade hoje, nos últimos anos, não foi essa.

P. Como o Instituto Liberal atua para difundir ideias e pra dialogar com a política e os políticos ou tomadores de decisão de forma geral?

R. Então, como eu disse, nos anos 80 e 90, o Instituto editava livros e realizava colóquios em parceria com o Liberty Fund. Ao mesmo tempo, o Instituto também produzia. Isso foi até o começo dos anos 2000, o Instituto produzia papers....e projetos de lei, e discussões de projetos de lei, que eram enviados para atores públicos. Para políticos, para figuras que ocupam cargos técnicos da máquina pública. E de outras figuras de relevo que poderiam levar aqueles projetos adiante. Acontece que nos anos 90, metade dos anos 90, depois ali do governo Collor, Plano Real, os Institutos Liberais como um todo, que na época eles eram mais ligados uns aos outros. Como te falei, havia um conselho, havia uma declaração de princípios

dos institutos no Brasil inteiro, os institutos foram fechando um a um. Por que? Porque as doações foram caindo, as contribuições foram caindo, os mantenedores tradicionais acreditavam...É a narrativa, pelo menos, que se difunde entre as figuras daquela época...Eles acreditavam que com o avanço de reformas fiscalmente responsáveis e com a introdução de algumas agendas liberais nos governos, mesmo sendo o governo social-democrata do Fernando Henrique, não havia mais necessidade de manter instituições defendendo ideias, então foi vazando um a um...Houve mais administrações também...Os institutos foram fechando até sobram só os dois que te falei....Mais o IEE que é uma coisa independente, que versa mais sobre o âmbito empresarial do que sob o âmbito intelectual acadêmico. A vocação das instituições são diferentes. O IL ficou até 2013 basicamente tendo um site bem parado e uma revista, que era a revista Banco de Ideias, até que chegou o Rodrigo Constantino, junto com o Bernardo Santoro, e o Salim Matar, que trouxe os dois...E eles começaram uma nova fase colocando o IL atuar na internet com publicação de artigos. A gente tem até hoje isso....publicação diária de textos com as diversas opiniões dentro do liberalismo. Então às vezes você tem um texto que discorda do outro, um texto que bate no outro diretamente. É pra levar ao debate mesmo, que nem sempre é muito bem compreendido, mas é assim que funciona. A gente respeita essa linha editorial. Então tem os artigos, tem cursos, hoje a gente tem dois cursos sendo vendidos. O curso de Escola Austríaca do Constantino e o meu, sobre o liberalismo brasileiro confrontando algumas falácias que são faladas sobre o liberalismo pelos próprios liberais. Estou comercializando esse curso nos últimos tempos. A gente tem encontros virtuais em parceria com outras organizações. O grupo Dragão do Mar, o Instituto Libercracia de Petrolina, enfim...De vez em quando o Mises também participa. Encontros virtuais públicos para falar exclusivamente sobre as obras de autores referenciais do liberalismo. Melchior, Mises e companhia. E eventos. Eu realizei a primeira conferência exclusiva do IL no ano passado, na ABI....mas, aquela história, a pandemia chegou...Então os eventos estão basicamente parados. O que está acontecendo apenas são esses encontros virtuais para discutir os projetos. Paper, projeto de lei, isso tudo tá parado há anos. A gente não voltou a fazer. Por enquanto, não é a prioridade. A gente precisa se reestruturar, né? nessa parte educacional, nessa parte intelectual. A gente tá se reestruturando. Trazendo novas iniciativas nessa seara. Depois a gente pode pensar em investir em outras áreas. No momento é isso que a gente faz.

P. O foco dos cursos oferecidos no Instituto Liberal hoje, quais são?

R. Teoria. Teoria Liberal. Nada voltado à política pública contemporânea. É teoria. Pra ensinar o pensamento liberal mesmo.

R. O financiamento melhora no sentido de que, eu quero fazer esse projeto, vocês aceitam financiar? A gente monta um fichário, tem uma ficha em que você descreve cada coisa, cada etapa do projeto, o que vai ser feito, como vai ser desenvolvido, tem que ser minucioso. Manda pra eles: "Olha, é isso que a gente quer fazer. Vocês financiam?". Eles aceitaram e vão financiar, vão dar o valor que a gente pediu pra ajudar na edição dos livros e pronto. Não é uma questão que afete o financiamento mensal, o financiamento corrente da instituição.

P. Hoje a instituição se financia como?

R. Mantenedores. Uma parte da venda dos cursos, obviamente, limitada. A gente tem mantenedores. Todos eles, pessoas físicas, empresários. Eles nem doam pela empresa, eles doam como pessoa física mesmo.

Entrevistado: Ariel Mehler (diretor de formação do IFL-SP)

Data da entrevista: 03/11/2020 (via e-mail)

P. Como foi seu contato e participação na Atlas?

R. O instituto de formação de líderes de São Paulo (IFLSP) faz parte da rede do Atlas.

P. Qual é a importância da Atlas para sua organização / organização que você representa?

R. Através da Atlas Network o IFLSP tem acesso a uma ampla rede de pessoas e organizações.

Esse acesso permite aprender, desenvolver ideias e trocar conhecimentos e assim garantir que o instituto esteja sempre atualizado e atento ao que se passa nos outros países com relação a essa rede promovida pelo Atlas.

P. Quais são as ideias e valores promovidos no think tank?

R. O Atlas Network busca garantir um mundo que respeite a liberdade individual, direito à propriedade privada, direito à vida; todos assegurados pelo império da lei (rule of law).

P. A interação com a Atlas mudou/acrescentou algo nesse sentido?

R. As interações com o Atlas permitiu ter acesso e conhecer palestrantes de renome internacional o que garantiu um enriquecimento do debate dentro do próprio IFLSP. Além disso o Atlas promove competições entre os institutos da rede. Através dessas competições o Atlas escolhe alguns projetos entre os institutos que fazem parte da rede e assim conceder investimentos. Isso significa que somente os melhores projetos e os que causarão mais impactos para a sociedade conseguirão obter essa concessão.

P. Como ocorre o networking entre think tanks parceiros da Atlas?

R. Os institutos promovem debates que ocorrem dentro de suas próprias redes onde são convidados palestrantes para debaterem sobre os mais variados temas, desde política até empreendedorismo, entre outros temas. Os institutos buscam as redes associadas, como por exemplo o Atlas, para conhecerem novos palestrantes ou obterem acesso a pessoas e estudiosos de renome ao redor do mundo. Na prática os institutos buscam nomes dentro de seus próprios países porém também buscam trazer alguns nomes de outros países. Essa troca de ideias e conhecimentos enriquece o debate e a rede promove isso de maneira impar.

P. Como sua organização atua para difundir ideias e para dialogar com a política e os políticos ou tomadores de decisão?

R. O Instituto de Formação de Líderes de São Paulo (IFLSP) é uma entidade sem fins lucrativos e apartidária que tem como objetivo formar futuros líderes comprometidos com uma sociedade mais livre e próspera, com base nos valores de VIDA, LIBERDADE, PROPRIEDADE PRIVADA e IMPÉRIO DA LEI.

P. De que forma a Atlas contribui para as ações desenvolvidas pelo seu think tank? Após a interação com a Atlas, o financiamento melhorou de alguma forma?

R. O Atlas Network oferece concessões (grants) e prêmios que ajudam e impulsionam os parceiros que fazem parte da rede a evoluírem, inovarem e serem

bem-sucedidos em seus projetos. Recentemente o IFLSP submeteu e ganhou o grant para projetos do Atlas Network com o maior projeto do instituto que ocorre anualmente, o Fórum Liberdade e Democracia.

P. Os programas de formação da Atlas auxiliam no cotidiano do think tank? E as competições, incentivam?

R. Atualmente o Atlas não influencia no dia a dia do IFLSP porém as competições são estímulos importantes para que o IFLSP busque a melhoria contínua de seus projetos como um todo.

P. Quem você recomenda para entrevistas sobre a atuação da Atlas no Brasil?

R. Sem recomendações no Brasil. Sempre falamos diretamente com o Atlas nos EUA.

Entrevistado: Membro do SFL Brasil, que preferiu não ser identificado

Data da entrevista: 04/11/2020 (via chamada de vídeo)

P. Então a partir de agora estou gravando e não vou utilizar teu nome na dissertação.

R. Ok.

P. Como foi o seu contato e participação na Atlas?

R. Quanto ao meu contato particular, eu tive esse contato, acredito, em 2014, não, 2015, quando nós...quando eu ainda não trabalhava no SFL e comecei no Instituto Atlantos, que é outra instituição liberal que também é parceira da Atlas. Então pra esse projeto nós fechamos um grant que acabou contribuindo bastante pro sucesso do evento e, inclusive, no mesmo ano a gente ganhou o prêmio da Atlas de melhor projeto estudantil do mundo, que é o Smith Student Outreach.

P. Qual a importância da Atlas para o SFL? Como você vê essa interação entre Atlas e SFL?

R. A Atlas é um parceiro estratégico do SFL, acredito que desde sua criação, então...nós já desenvolvemos diversos projetos em conjunto e realmente a Atlas permite que a gente tenha um ecossistema liberal em nível mundial, então....é bem

importante a presença da Atlas nesse ecossistema como um apresentador de boas práticas. Uma instituição que a gente possa ver como referência em apoio de outros projetos que estão acontecendo no mundo. E por isso a gente consegue pegar essas boas práticas e aplicar dentro dos nossos próprios projetos.

P. O SFL também é global, né?

R. Sim, o SFL é a maior instituição estudantil liberal do mundo.

P. E quais são as ideias e valores promovidos no âmbito do SFL?

P. Bom, as nossas ideias tem a ver com tudo que pode ser considerado como filosofia política liberal. Então nós acreditamos nas responsabilidades individuais, acreditamos na propriedade privada, então a partir daí, nós permitimos que nossos colaboradores, nossos coordenadores, que no caso são nossos voluntários, possam desenvolver suas teorias dentro desse (inaudível). Considerando a questão de valores, o SFL Brazil definiu quatro valores pra si. Que é a integridade profissional, então nós nos comprometemos com ações e ideias que nos propomos a defender. Respeito ao indivíduo, prezar por um ambiente saudável no qual as ideias possam ser defendidas e debatidas com (inaudível) meritocrática, porque nós acreditamos que a excelência só é conquistada pela cooperação voluntária e aperfeiçoamento contínuo. E liberalismo. E pra definir liberalismo, liberdade pra nós não é fazer o que se quer, mas sim não poder fazer aquilo que não se quer.

P. E a interação com a Atlas, ela mudou ou acrescentou algo nesse sentido? Nesses valores que vocês promovem, que vocês se baseiam?

R. Eu não acredito que houve uma influência direta. As instituições crescem em separado, apesar da Atlas ter mais tempo de existência do que nós, mas de qualquer forma estar incluso dentro desse ecossistema mundial de think tanks, a gente acaba sendo influenciado por pensadores que trabalham em conjunto com a Atlas...outros especialistas que nós conhecemos por causa deles...então ainda que não haja uma influência direta no trabalho com a Atlas, são as mesmas pessoas dentro desse ecossistema, então a gente acaba utilizando muitas das ideias que eles também utilizam no dia-a-dia deles.

P. E como ocorre o networking entre think tanks, entre instituições de forma mais geral, que são parceiras da Atlas no âmbito da rede?

R. Em nível mundial, eu diria que a Atlas tem um grande evento anual, então, que é um jantar que acontece nos EUA onde todos os finalistas dos principais prêmios deles comparecem e a gente consegue realmente conversar com outras iniciativas que estão se desenvolvendo ao redor do mundo. Em nível nacional, o SFL serve como essa rede de contatos. Então, hoje, no ecossistema liberal do Brasil, o SFL basicamente (inaudível) trabalhando em todos os principais players, todas as principais instituições do liberalismo brasileiro.

P. Como o SFL atua para difundir ideias, ou para dialogar com a política e os políticos ou formuladores de políticas e tomadores de decisão de forma geral? Não só voltado a essa questão do advocacy, que não sei se é o foco de vocês, mas projetos, que de forma geral são desenvolvidos no âmbito do SFL.

R. A nossa principal forma de multiplicar a teoria liberal é pelos nossos eventos. Então, no ano de 2020 nós tivemos mais de 800 eventos para 23 mil pessoas. E assim a gente consegue tanto treinar nossos coordenadores com relação a organização de eventos e treinamento em equipe, quanto apresentar essas ideias liberais para o grande público. Com relação à contato com políticos e políticas públicas, nós não podemos atuar dentro dessa área de forma direta, justamente porque como a instituição internacional, nos EUA o SFL ele é tido como na categoria 501c3, que proíbe que nós tenhamos participação em ativismo político ou mesmo criação de políticas públicas. De qualquer forma, por nossos coordenadores estarem se desenvolvendo dentro da teoria liberal e acaba tendo muito contato com economia e com política, vários deles se interessam por participar depois na política strictu sensu. Então entrar no meio político. Então a gente tem alguns (inaudível) que também já se tornaram candidatos, que são hoje mandatários, por exemplo Giuseppe Riesgo aqui do Rio Grande do Sul, que é deputado estadual.

P. De que forma a Atlas contribui para as ações desenvolvidas no SFL? Após essa interação entre SFL e Atlas, o financiamento de vocês melhorou de alguma forma?

P. A Atlas já foi parceira nossa em inúmeros projetos. Eu diria que pelo menos um projeto por ano nós desenvolvemos junto com eles. Na maioria dos anos, até mais.

Eu diria dois projetos, em média, por ano, nós temos em parceria com a Atlas. E certamente os grants que eles disponibilizam pra instituições parceiras ajudam bastante na execução desses projetos. O financiamento geral da instituição não tem muita ligação com a Atlas em si. Então a Atlas é um dos financiadores possíveis dos projetos que o SFL executa. Mas o resto do financiamento vem de outras fontes. Então outros doadores dentro do Brasil.

P. Os programas de formação da Atlas, existem vários cursos tanto presenciais como online, que acontecem no âmbito da Atlas, eles auxiliam de alguma forma no cotidiano de vocês? E as competições vão incentivar vocês de alguma maneira?

R. Cursos de formação online da Atlas eles são mais recentes, acredito que de dois anos pra cá, existe a Atlas Leadership Academy, que é o portal que eles utilizam, a plataforma que eles utilizam. Ela certamente ajudou na criação e na maturação de alguns projetos parceiros do SFL. Até é importante dizer que o SFL não é um think tank, ele se considera um (inaudível). Então ele é uma instituição guarda-chuva de outras instituições liberais tanto no Brasil como no resto do mundo. Por isso, essa necessidade de aceitar diversas linhas que se definem como liberalismo. Mas sim, auxiliou bastante nossos voluntários no seu desenvolvimento. E também alguns voluntários. Algumas pessoas que trabalham dentro da instituição já participaram de cursos presenciais. E trazem a experiência desses cursos como uma experiência extremamente positiva. Tanto por uma experiência internacional, né? Que as vezes é difícil, até porque o real em comparação às outras moedas é bem desvalorizada. É difícil a gente ter um financiamento do Brasil pra que consiga mandar as pessoas pra fora. Então a Atlas convidando esses membros da instituição para comparecer é também um grande estímulo para que eles continuem trabalhando pra instituição. E auxiliam com certeza no seu desenvolvimento profissional e intelectual.

P. Isso acontece com frequência? Esse intercâmbio de pessoas associadas ao SFL no Brasil irem para os EUA, fazerem esses cursos. É um intercâmbio comum?

R. Sim, esses cursos acontecem todos os anos. Infelizmente, esse ano nós não tivemos nenhuma oferta por causa da pandemia, mas eles acontecem com bastante frequência sim, e a Atlas sempre dá uma prioridade pra instituições que já trabalham com ela. Então o SFL, parceiro de longa data, sempre consegue mandar algumas pessoas para esses cursos.

ANEXO A – DOAÇÕES PARA A ATLAS (2013-2018)

Doador	Ano	Quantia estimada
Achelis & Bodman Foundation	2018	US\$ 100 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais
Alan Gibbs	2016	US\$ 100 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 25 mil ou mais
Andrea and Howard Rich	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
Anonymous	2017	US\$ 100 mil ou mais
Anonymous	2017	US\$ 25 mil ou mais
Anonymous	2018	US\$ 100 mil ou mais
Anonymous	2018	US\$ 25 mil ou mais
Arthur Dantchik	2018	US\$ 100 mil ou mais
	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 100 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais
Barry Conner	2017	US\$ 25 mil ou mais
Beach Foundation	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 25 mil ou mais
Bill and Rebecca Dunn	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 100 mil ou mais
Blue Oak Charitable Fund	2016	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais
Bodman Foundation	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais

Borut and Nadine Prah	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
Bruce Jacobs	2017	US\$ 25 mil ou mais
	2018	US\$ 25 mil ou mais
Bruni Foundation	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
Bryant and Linda Edwards	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 25 mil ou mais
Bryant and Linda Edwards	2018	US\$ 25 mil ou mais
Charles Albers	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
Charles Koch Foundation & Charles Koch Institute	2016	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 100 mil ou mais
	2017	US\$ 25 mil ou mais
	2018	US\$ 25 mil ou mais
Chase Foundation of Virginia	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 25 mil ou mais
	2018	US\$ 25 mil ou mais
Chiaroscuro Foundation	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
Chris and Melodie Rufer	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 100 mil ou mais
Dan Grossman	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 25 mil ou mais
	2018	US\$ 25 mil ou mais
David G. Herro	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 25 mil ou mais

Donors Trust	2017	US\$ 100 mil ou mais
Dunn Foundation	2016	US\$ 25 mil ou mais
Earhart Foundation	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
Frayda & Ken Levy	2016	US\$ 100 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
Fred and Sandra Young	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 100 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 100 mil ou mais
Fred W. Reams	2016	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 25 mil ou mais
George and Inez Lengvari	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 25 mil ou mais
George L. Ohrstrom, Jr. Foundation	2016	US\$ 25 mil ou mais
George M. Yeager & George M. Yeager (In Memoriam)	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 100 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 100 mil ou mais
Gerry Ohrstrom	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 25 mil ou mais
	2018	US\$ 25 mil ou mais
Google	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 100 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais

	2018	US\$ 25 mil ou mais
Institut Économique de Montréal	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 25 mil ou mais
J.P. Humphreys Foundation	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 100 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 100 mil ou mais
Jason Dorsett	2018	US\$ 25 mil ou mais
Jeff and Janine Yass	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 100 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 100 mil ou mais
JM Foundation	2013	US\$ 25 mil ou mais
John Dobson Foundation	2015	US\$ 25 mil ou mais
John McQuown	2017	US\$ 25 mil ou mais
John P. Kayser	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 25 mil ou mais
	2018	US\$ 25 mil ou mais
John Templeton Foundation	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 100 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 100 mil ou mais
John William Pope Foundation	2013	US\$ 25 mil ou mais
Johnson-Stillman Foundation	2017	US\$ 25 mil ou mais
Jon Basil Utley	2017	US\$ 25 mil ou mais
	2018	US\$ 25 mil ou mais
Kathryn Washburn	2017	US\$ 25 mil ou mais
	2018	US\$ 25 mil ou mais

Ken and Frayda Levy	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 100 mil ou mais
Kriebel Foundation	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 25 mil ou mais
Lana and Steve Hardy	2017	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 25 mil ou mais
Larry and Wendy Janesky	2018	US\$ 25 mil ou mais
LGBTQ for Liberty	2018	US\$ 100 mil ou mais
Lilly Endowment	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 100 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 100 mil ou mais
Lotte and John Hecht Memorial Foundation & Lotte and John Hecht	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 100 mil ou mais
Lovett and Ruth Peters Foundation	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
Lowndes Foundation	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 25 mil ou mais
	2018	US\$ 25 mil ou mais
Luis Henrique Ball	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 25 mil ou mais

	2018	US\$ 25 mil ou mais
Lynde and Harry Bradley Foundation	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 25 mil ou mais
	2018	US\$ 25 mil ou mais
	2018	US\$ 25 mil ou mais
Marilyn M. Woodhouse	2018	US\$ 25 mil ou mais
Melanie Craft	2018	US\$ 25 mil ou mais
Meyer Charitable Foundation	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 100 mil ou mais
Modzelewski Charitable Trust	2016	US\$ 25 mil ou mais
	2018	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
Montreal Economic Institute	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
Nicolás Ibáñez Scott	2018	US\$ 100 mil ou mais
Paul E. Singer Foundation	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 25 mil ou mais
Paul J. Isaac	2017	US\$ 25 mil ou mais
Peter and Cynthia Goettler	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
Philip D. Harvey	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 100 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 25 mil ou mais
Ravenel and Beth Curry	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
Ravenel Curry	2016	US\$ 100 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 100 mil ou mais
Reams Foundation	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
Rising Tide Foundation	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais

	2015	US\$ 25 mil ou mais
Ron Manners	2016	US\$ 100 mil ou mais
Ronald Rankin	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
Sarah Scaife Foundation	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 100 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 100 mil ou mais
Scott and Vanessa Barbee	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 25 mil ou mais
	2018	US\$ 25 mil ou mais
Sean Fieler	2017	US\$ 25 mil ou mais
Searle Freedom Trust	2014	US\$ 25 mil ou mais
Smith Family Foundation	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 100 mil ou mais
	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 100 mil ou mais
Sreda Foundation	2017	US\$ 25 mil ou mais
Stephen and Deborah Modzelewski	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 25 mil ou mais
Steve and Lana Hardy	2018	US\$ 25 mil ou mais
Sunmark Foundation	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 25 mil ou mais
Templeton Religion Trust	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 100 mil ou mais

	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 100 mil ou mais
Thomas W. Smith Foundation	2017	US\$ 25 mil ou mais
	2018	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
Todd and Erin Farha	2018	US\$ 25 mil ou mais
Tom and Suzy Beach	2018	US\$ 100 mil ou mais
Tom Patterson	2018	US\$ 25 mil ou mais
Valerie Brackett and Nikolaos Monoyios & Valerie Brackett and Nikolaos Monoyios Charitable Fund	2016	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 25 mil ou mais
	2018	US\$ 25 mil ou mais
	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2015	US\$ 25 mil ou mais
Vida M. Ribnikar Revocable Trust	2017	US\$ 100 mil ou mais
	2018	US\$ 100 mil ou mais
Warren Lammert	2018	US\$ 25 mil ou mais
William H. Donner Foundation	2013	US\$ 25 mil ou mais
	2014	US\$ 25 mil ou mais
	2016	US\$ 25 mil ou mais
	2017	US\$ 25 mil ou mais
William J. Lannin	2018	US\$ 25 mil ou mais
Yevgeny Chichvarkin	2017	US\$ 25 mil ou mais

Fonte: Atlas Network (2013, 2014a, 2015a, 2016, 2017a, 2018a, 2019a).

**ANEXO B – FORMADORES DE OPINIÃO QUE ATUAM/ ATUARAM EM CURSOS
DE THINK TANKS DA ATLAS NO BRASIL**

Think Tank	Professor	Currículo	Área de Formação
Instituto Liberal	Rodrigo Constantino	Presidente do Conselho do Instituto Liberal e membro-fundador do Instituto Millenium. Colunista e comentarista.	Economia
	Lucas Berlanza	Editor dos sites Sentinela Lacerdista e Boletim da Liberdade.	Jornalismo
IMB	Adriano Gianturco	Coordenador do curso de Relações Internacionais e professor de Ciência Política do IBMEC-BG.	Ciência Política
	Ubiratan Jorge Iorio	Professor Associado do Departamento de Análise Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas da UERJ. Diretor Acadêmico do Instituto Mises Brasil.	Economia
	Fabio Barbieri	Professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP de Ribeirão Preto.	Economia
	André Luiz Santa Cruz Ramos	Procurador Federal da AGU, professor de Direito Comercial/Empresarial no Centro Universitário IESB, em Brasília.	Direito
	Bruno Garshagen	Professor de teoria política, tradutor e podcaster do IMB.	Ciência Política
	Antony Mueller	Professor efetivo de macroeconomia, economia internacional e economia monetária e dos programas de pós-graduação em economia e em sociologia UFS. Membro do conselho editorial da Mises: revista interdisciplinar de filosofia direito e economia.	Economia
	Christian Vonbun	Técnico de Planejamento e Pesquisa do IPEA.	Economia
	Felipe Rosa	Professor de processos de mercado e de teoria monetária e bancária do mestrado do OMMA, em Madri, e da Universidad Francisco Marroquin, na	Economia

		Guatemala.	
	Fernando Ulrich	Conselheiro do IMB e blogueiro no Infomoney.	Economia
	Helio Beltrão	É fundador e membro do conselho consultivo do Instituto Millenium e fundador-presidente do IMB. Também é membro do Conselho de administração do Grupo Ultra e da Metalfrío.	Economia
	Mariana Piaia Abreu	Professora Assistente da Universidade Presbiteriana Mackenzie	Economia
	Dennys Garcia Xavier	Professor de filosofia da UFU. Professor de pós-graduação em direito e em filosofia na UFU.	Filosofia
	Rodrigo Saraiva Marinho	Sócio de Marinho e Associados Advocacia Empresarial. Diretor de operações da Rede Liberdade, membro do Conselho de Administração do IMB.	Direito
	Fernando D'Andrea	Doutorando em Administração pela UFRGS	Administração
	Adriano Paranaíba	Professor de Economia do Instituto Federal de Goiás.	Economia
	Domingos Branda	Investidor no mercado de capitais.	Economia
Livres	Magno Karl	Coordenador Político da liderança do Partido Novo na Câmara dos Deputados.	Ciências Sociais
	Pedro Nery	Consultor Legislativo do Senado Federal e professor do Instituto Brasiliense de Direito Público.	Economia
	Gabriel Azevedo	Vereador em Belo Horizonte	Direito

Fonte: Instituto Liberal (2019a, 2019b), Instituto Mises Brasil (2020e, 2020g) e Livres (2020d).

**ANEXO C – PALESTRANTES DE EVENTOS PROMOVIDOS POR THINK TANKS
DA REDE NO BRASIL**

Palestrante	Cargo	Área de Atuação	Instituto
Lorian Bartunek,	Sócio-fundador e CIO da Constellation	Mercado Financeiro	IEE
Henrique Bredda	Sócio-fundador e Gestor da Alaska Asset Management	Mercado Financeiro	IEE
Murillo de Aragão	Ceo e Fundador da Arko Advice	Consultoria	IEE
Sérgio Lazzarini	Phd em Administração e Professor do Insper	Ensino Superior	IEE
Hamilton Mourão	Vice-presidente da República	Política	IEE
João Appolinário	Presidente e Fundador da Polishop	Empresariado	IEE
Michel Temer	Ex-presidente da República	Política	IEE
Eduardo Leite	Governador do Estado do RS	Política	IEE
Ana Carla Abrão Costa	Economista e Head da Oliver Wyman Brasil	Consultoria	IEE
Fernando Ferrari Filho	Professor Titular Aposentado do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Pesquisador do Cnpq	Ensino Superior	IEE
Roberto Ellery Jr.	Professor Associado no Departamento de Economia da Unb.	Ensino Superior	IEE
Sergio Moro	Ex-ministro da Justiça	Política	IEE
Henrique Dubugras	Co-fundador e Co-ceo da Brex	Empresariado	IEE
Mansueto de Almeida	Secretário do Tesouro Nacional	Política	IEE
Luciano Hang	Co-fundador da Havan	Empresariado	IEE
Paulo Kakinoff	Ceo da Gol Linhas Aéreas	Empresariado	IEE
Leandro Guissoni	Professor de Carreira da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas. Sócio da Decoupling.co	Empresariado	IEE
Thales Teixeira	Professor Associado da Lumry Family na Harvard Business School	Ensino Superior	IEE
Patrick Larragoiti	Presidente do Conselho da Sul América Seguros	Empresariado	IEE
Antonio Camarotti	Ceo e Publisher da Forbes	Empresariado	IEE

Junior Durski	Madero	Empresariado	IEE
Ricardo Geromel	Investidor na 3g Radar e Autor dos Best-sellers: o Poder da China e Bilionários	Mercado Financeiro	IEE
Gloria Alvarez	Cientista Política Guatemalteca	Ativismo	IEE
Vicky Bloch	Psicóloga e Sócia do Vicky Bloch Associados	Consultoria	IEE
Paulo Gontijo	Diretor Executivo do Livres e Conselheiro do Instituto Millenium	Ativismo	IEE
Diogo Costa	Cientista Político	Ativismo	IEE
Fabrcio Bloisi	Fundador do Grupo Movile e Ceo do Ifood	Empresariado	IEE
Fernando Conrado	Advogado e Cientista Político	Ativismo	IEE
Deirdre Mccloskey	Economista Americana	Ensino Superior	IEE
Marcos Mendes	Economista e Assessor do Senado	Política	IEE
María Corina Machado	Política Venezuelana	Política	IEE
Bruno Nardon	Sócio-fundador e Advisor da Rappi Brasil	Empresariado	IEE
Paulo Hartung	Ex-governador do Espírito Santo	Política	IEE
José Beltrame	Ex-secretário de Segurança do Rio de Janeiro	Política	IEE
Josep Piqué	Mentor do Pacto Alegre	Ativismo	IEE
Marcos Boschetti	Ceo da Nelogica Sistemas de Software	Empresariado	IEE
Pérsio Arida	Ex-presidente do Banco Central do Brasil	Mercado Financeiro	IEE
Ubiratan Iorio	Diretor Acadêmico e Membro Honorário do IMB.	Consultoria	IEE
Sérgio Fausto	Superintendente Executivo da Fundação Fernando Henrique Cardoso	Consultoria	IEE
Camilla Junqueira	Diretora-geral da Endeavor Brasil	Consultoria	IEE
Eduardo Baltar	Fundador da Merithu e Mentor da Endeavor	Consultoria	IEE
Silvia Patriani	Especialista em Comunicação e Mentoria Para Palestrantes	Consultoria	IEE
Felipe Rosa da Silva	Professor do Centro de Estudos Superiores Online de Madrid – Manuel Ayau e da Universidad Fancisco Marroquín	Ensino Superior	IEE
Lires Bilibio	Lires Bilibio, Vice-presidente do Grupo Medabil	Empresariado	IEE

Wagner Lenhart	Secretário de Gestão e Desempenho Pessoal do Governo Federal	Política	IEE
José Renato Hopf	Co-founder e Ceo da 4all	Empresariado	IEE
Marcus Boeira	Professor Adjunto Vinculado ao Departamento de Direito e Filosofia do Direito da Ufrgs	Ensino Superior	IEE
Darci Schneid	Empreendedor e Empresário. Fundador da Sirtec	Empresariado	IEE
André Ramos	Professor de Direito Empresarial e Econômico e Procurador Federal	Ensino Superior	IEE
Ricardo Salles	Ministro do Meio Ambiente	Política	IEE
Moises Hansen	Sócio e Diretor Comercial da Valkiria	Empresariado	IEE
William Ling	Membro do Comitê Executivo e Vice-presidente do Conselho de Administração da Évora S.a	Empresariado	IEE
Cristiano Carvalho	Professor Livre-docente em Direito Tributário pela Usp e Advogado	Ensino Superior	IEE
Patrícia Blanco	Presidente Executiva e do Conselho Diretor do Instituto Palavra Aberta	Ativismo	IEE
Luiz Felipe Scolari	Técnico de Futebol	Consultoria	IEE
Arthur Malcon	Gerente Regional do Quinto Andar	Empresariado	IEE
Daniel Miglorancia	Fundador e Ceo da Nutty Bavarian	Empresariado	IEE
Magda Ehlers	Fundadora do Instituto Sucessor	Empresariado	IEE
Mariana Abreu	Professora Assistente do Centro Mackenzie de Liberdade Econômica	Ativismo	IEE
Dagoberto Zanon	Presidente da Dufrio	Empresariado	IEE
Bene Barbosa	Presidente do Movimento Viva Brasil	Ativismo	IEE
Fernando H. Cardoso	Ex Presidente	Política	IFL-SP
Gustavo Franco	Economista	Mercado Financeiro	IFL-SP
Luiz Stuhlberger	Verde Asset Management	Mercado Financeiro	IFL-SP
Roberto Setubal	Ex banqueiro	Mercado Financeiro	IFL-SP
David Feffer	Presidente do Grupo Suzano	Empresariado	IFL-SP
Marcos Lisboa	Presidente do Insper	Ensino Superior	IFL-SP
João Doria	Empresário e político	Política	IFL-SP

	Governador de São Paulo		
Ron Paul	Congressista dos EUA	Política	IFL-SP
Candido Bracher	CEO do Itaú BBA	Mercado Financeiro	IFL-SP
Claudia Sender	Presidente TAM	Empresariado	IFL-SP
João Amoêdo	Fundador do Partido Novo	Política	IFL-SP
João Amoêdo	Fundador da Wise Up	Empresariado	IFL-SP
Salim Mattar	Fundador da Localiza	Política	IFL-SP
Neca Satúbal	Socióloga e educadora	Mercado Financeiro	IFL-SP
Abílio Diniz	Empresário	Empresariado	IFL-SP
Flavio Rocha	Presidente da Riachuelo	Empresariado	IFL-SP
Rodrigo Galindo	Presidente da Kroton Educacional S/A	Empresariado	IFL-SP
Jayme Garfinkel	CEO Porto Seguro	Empresariado	IFL-SP
Bolívar Lamounier	Cientista político	Ensino Superior	IFL-SP
Paulo Guedes	CEO Bozano	Política	IFL-SP
Luiz Felipe Pondé	Filósofo	Ensino Superior	IFL-SP
Sergio Rial	Presidente do Banco Santander Brasil	Mercado Financeiro	IFL-SP
Roberto Justus	Empresário	Empresariado	IFL-SP
Eduardo Jorge	Médico sanitaria e político	Política	IFL-SP
Henrique Meirelles	Ministro das Finanças	Mercado Financeiro	IFL-SP
Fabio Barbosa	Ex-Presidente do Grupo Santander Brasil	Mercado Financeiro	IFL-SP
Ana Amelia Lemos	Senadora	Política	IFL-SP
Danilo Gentili	Comediante	Consultoria	IFL-SP
Paulo Uebel	Secretário Especial de Desburocratização do Ministério da Economia	Política	IFL-BH
Antony Ling	Fundador e editor do Caos Planejado	Empresariado	IFL- BH
Alejandro Chafuen	Membro da Sociedade Mont Pelerin	Ativismo	IFL- BH
Otto Levy	Secretário de Planejamento e Gestão de MG	Política	IFL- BH
Vitor Mendonça	Secretário de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de MG	Política	IFL- BH
Márcio Coimbra	Diretor Executivo do Interlegis do Senado Federal	Política	IFL- BH
Romeu Zema	Governador de MG	Política	IFL- BH
Marina Cançado	Head da XP Inc	Mercado Financeiro	IFL- BH
Raphael Lima	Criador do Ideias Radicais	Ativismo	IFL- BH

Adriano Gianturco	professor de Ciência Política no IBMEC-MG	Ensino Superior	IFL- BH
Kim Katagiri	Deputado Federal pelo DEM	Política	IFL- BH

Fonte: Instituto de Estudos Empresariais (2020e), Instituto de Formação de Líderes de Belo Horizonte (2020c) e Instituto de Formação de Líderes de São Paulo (2020b).